

REVISTA

DA SEMANA

N. 16 20-4-57 Cr\$ 8,00 em todo o Brasil

Alkmim, Vieira, Denys, Zenóbio e Nereu
querem cassar o mandato de Carlos Lacerda





● O Presidente Coty fez uma verdadeira revolução no protocolo francês ao receber no mesmo dia 1600 pessoas numa sessão de gala em que eram homenageadas as forças armadas, a magistratura, os acadêmicos, a sociedade e os artistas em geral. Na foto, o Presidente Coty quando recebia Martine Carol, que ostenta um lindo vestido branco de mousseline, de Jean Dessès. Esclarecimento para um colunista carioca: essa reunião não foi presidida pelo Sr. e Sra. Coty, pela razão muito importante de ser viúvo o Presidente francês.

Ar

DI

He

CO

Aut

Ca

tun

Alv

Tho

◆

O

Nov

As

Gil

Acr

O

Rev

Jose

◆

For

Port

Seis

Reg

Seis

Reg

Seis

◆

Tôd

O

estâ

pela

não

Dire

Dire

Dire

Chel

Pagi

Foto

Desa

Labo

Reda

Reda

22-56

Na

434,

aven

No

Mont

tele

◆

C

as

ta

o

laga

REVISTA DA SEMANA

Ano 57 — N° 16 — Rio de Janeiro — 20-4-1957

DIRETOR

Helio Fernandes

COLABORADORES

Augusto Frederico Schmidt, Antônio Carlos Nogueira, Carlos Lemos, E. Tourinho, Eneida, Ely Azeredo, Fortuna, Fernando Lobo, Gilson Campos, Hermano Nobre Alves, Jorge Campos, José Roberto Teixeira Leite, Jeff Thomas, L. Junqueira, Mauro Braga, W. Guarnieri.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

O general morreu ao amanhecer	4/9
Novos prêmios, velhos castigos	14/15
As mulheres só conquistam a beleza depois dos 30	20/23
Gilda e Denise	28/35
Acredito na existência do demônio	37/39
O príncipe retorna	40/41
Revolução	48/51
José Maria Alkmim	56/59

HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------	-------

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 400,00
Seis meses	Cr\$ 200,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 650,00
Seis meses	Cr\$ 325,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 800,00
Seis meses	Cr\$ 400,00

O número avulso custa Cr\$ 8,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 9,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente	Gratiliano Brito
Diretor-Comercial	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade	J. M. Costa Júnior
Diagramação	Victor Tapajós
Fotografia	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho	Alberto Lima
Laboratório	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 24, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratino & Cia, Constituyente, 1745, Montevideo. Na Argentina: Interpress, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades da território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
Fone: 34-1569



♦ CAPA — Gilda (a morena) e Denise (a loira). São as famosas irmãs Leiraud, que começam a frequentar o «society» e os lugares bem da cidade. Veja reportagem à página 28, com ektachromes de Yllen Kerr.

ORA, AS FOLHINHAS...

★ Sim: folhinhas e almanaques andam dizendo que chegou o outono. Até mesmo os jornais mais sérios falam da chegada desse indesejável turista. Chegou o outono, mas as árvores de nossas ruas e praças, como sempre, negam-se a proclamá-lo. Estão vestidas de verde, muito verde; as que têm como destino dar flores, estão cumprindo suas tarefas; não há amarelecimento de folhas nem elas tombam pelo chão, mortas e frias, caracterizando a mais triste estação do ano. Disse do ano e devia dizer da vida.

Não aceito a existência do outono nesta tão formosa e mal amada cidade. Eu o conheci em outros países: é triste, melancólica e dolorosamente triste, com suas nuvens escuras, um céu baixo, sol desaparecido; as árvores — essas amigas — tirando suas vestes, desnudando-se e deixando cair na terra suas roupas que o outono torna imprestáveis. Um silêncio enorme parece nascer do solo e do ar, uma sensação intensa de morte e de abandono: nenhuma outra estação é tão triste, tão aflitivamente triste. O outono é a estação de todas as angústias, restando apenas a pequenina esperança do inverno que virá e muito mais ainda a vontade, o desejo, a certeza de que um dia uma árvore amanhecerá florida, todas as outras levantarão seus corpos, um sorriso voltará à boca dos homens, um arrepiro de renovação correrá por todos os poros: então, nas árvores, nos homens, como na paisagem, já se apresenta a primavera. Primavera a mais bela das estações. Um mundo novinho que vai recomeçar a viver.

★ Não fôsse esta nossa vontade de macaquear e — estou certa — jamais falaríamos no outono carioca, donos de uma constante primavera que só tem, a Companhia-a o verão, nosso tão belo verão com as praias cheias, o mar tão verde e nêles a multidão enamorada das águas e das areias. Estamos no outono, dizem as folhinhas, os almanaques e os jornais; chove todas as tardes e, como nunca, jamais, em tempo algum nossa cidade foi preparada para chuyas e enxurradas, como não há serviço de esgotos nem bons calçamentos, quando as chuvas caem, por menores e menos duradouras que sejam, ruas se enchem, tudo se alaga e tornamo-nos pobres animais anfíbios. Mas é outono e se ainda forte o Sol, o calor não abandonou nossos corpos; se continuarmos suando sob as chuvaradas, pés molhados e corpos idem, não devemos com isto declarar que é outono.

★ Depois que eu vi em outros países a realidade do outono, depois que senti em meus olhos o entristecimento da paisagem, é que percebi como é triste se dizer que alguém está no outono da vida. O inverno é a velhice; o outono é sua antecâmara, hora marcada para a chegada da morte. Não falemos em outono da vida: não desejemos também que nossa cidade tão bela, tão mocinha sempre, tão primaveril, tão teimosa em sua lindeza, pois contra ela sempre lutaram seus governantes — tenha dias outonais. Não acreditemos no que dizem as folhinhas porque nossas árvores jamais tirarão suas roupas, as pudicas, jamais aparecerão nuas e tristes, nem nosso céu será sombrio escondido em nuvens pardas e pretas.

Outono no Rio? Conversa fiada das folhinhas, apenas.

ENEIDA

O GENERAL (SUICÍDIO) MORREU AO AMANHECER

COM DOIS TIROS NO PEITO O COMANDANTE DA ARTILHARIA DE COSTA SUICIDOU-SE SEM TESTEMUNHAS E SEM MOTIVO APARENTE ★ CINCO PESSOAS ESTAVAM NA CASA E CADA UMA TEM UM ALIBI ★ UM FILHO, PROCURANDO DESVIAR A TRISTE PECHA DE SUICÍDIO TROUXE CONFUSÃO E A VIDA DE SUA FAMÍLIA PARA A RUÁ DA AMARGURA ★ FOI SUICÍDIO CONSCIENTE CONCLUIRÁ A POLÍCIA CIVIL

Texto de GILSON CAMPOS

Fotos de Gilson Campos, Alberto Ferreira e do arquivo do "Diário Carioca"

♦ NOTA DA REDAÇÃO — Dentro de alguns dias o delegado Fernando Bastos Ribeiro, do 15º Distrito Policial, responsável pelo inquérito civil sobre a morte violenta do general Augusto Correia Lima, enviará à Justiça o seu extenso e minucioso relatório de mais de 70 páginas, no qual analisa, uma por uma, todas as versões e hipóteses levantadas, terminando por concluir que o comandante da Artilharia de Costa, em plena lucidez física e espiritual, suicidou-se. No mesmo sentido será o laudo do Instituto de Criminalística, que depois de estudar todo o processo, conclui também pelo suicídio.

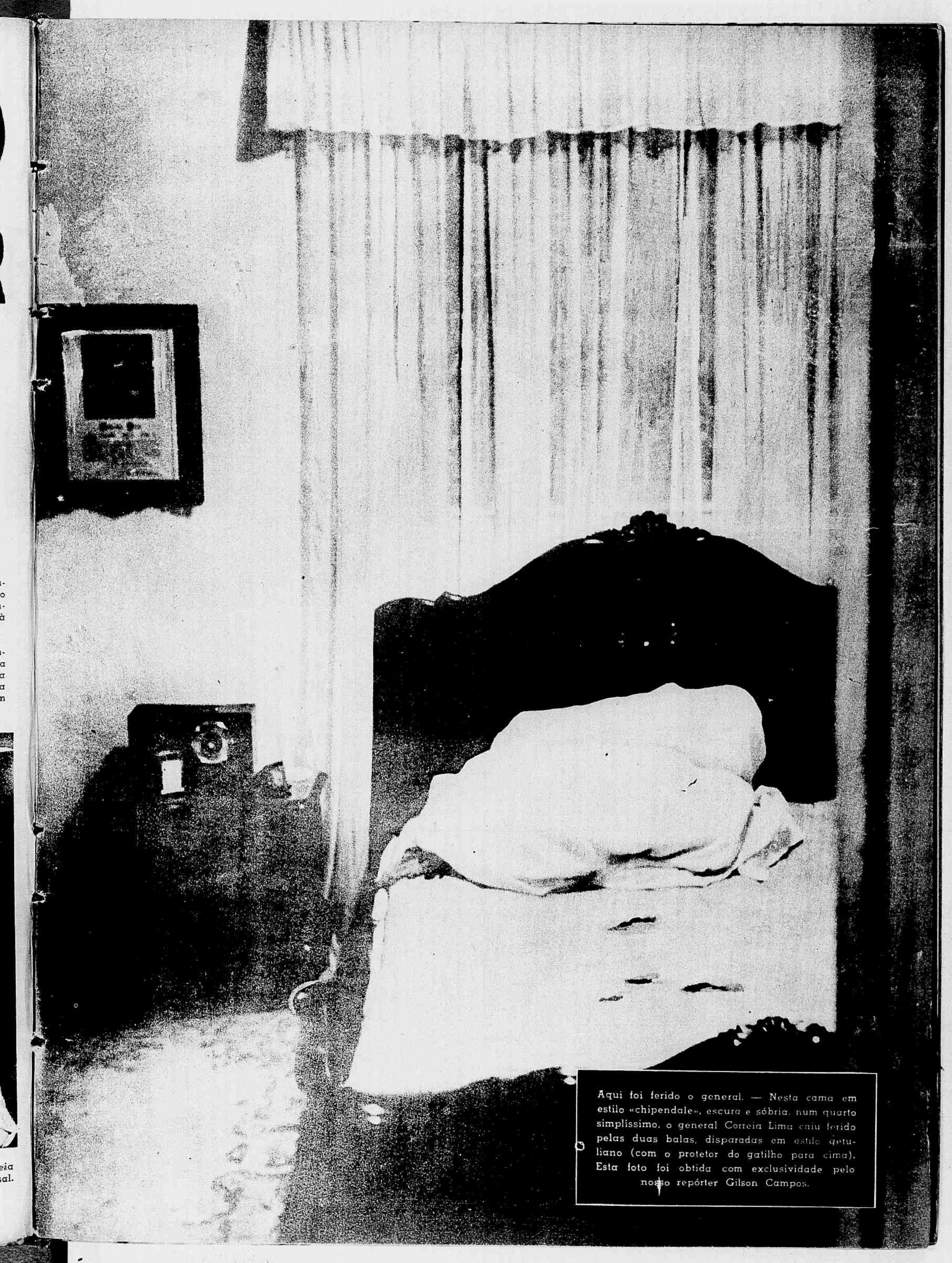
— «Enviarei à Justiça o processo, consciente de que tudo foi feito para apurar devidamente a morte do ilustre general Correia Lima. Estudamos e verificamos todos os lados da história amarga daquela manhã do dia

10 de fevereiro de 1957. Enfrentamos pequenas dificuldades que logo superamos e agora, posso afirmar, que enquanto a hipótese de homicídio desce vertiginosamente na balança, a hipótese de suicídio, mais se afigura sem nenhuma dúvida» — disse o delegado Fernando Bastos Ribeiro, à REVISTA DA SEMANA.

Pela primeira vez tocaremos neste assunto. Nosso repórter Gilson Campos acompanhou passo a passo todas as diligências. Reservamo-nos para uma reportagem completa, quando o inquérito terminasse. Agora, que a polícia dá sua missão investigadora por terminada, apresentamos toda a história ao público, do princípio ao fim, e como o fazemos sempre, com a nossa opinião.



A última foto do general — No casamento do filho do ex-deputado Rui Ramos, quatro dias antes de sua morte foi feita esta foto do general Correia Lima (59 anos) ao lado de sua esposa, d. Nina Ryff Correia Lima. Avessos a fotografias está é um dos flagrantes mais significativos do casal.



Aqui foi ferido o general. — Nesta cama em estilo «chipendale», escura e sóbria, num quarto simplíssimo, o general Correia Lima caiu ferido pelas duas balas, disparadas em estilo getuliano (com o protetor do gatilho para cima). Esta foto foi obtida com exclusividade pelo nosso repórter Gilson Campos.

O GENERAL...

A MANHÃ do dia 10 de fevereiro surgiu com o sol brilhando no nascente e a residência da Avenida Heitor Beltrão, 114, silenciosa. Num quarto modesto de móveis escuros um homem deitado ao lado de sua esposa estava de olhos abertos, pensando e lutando contra a vontade indomável que o caracterizava. Sua esposa dormia tranqüila e foi a luz clara da manhã que a fez despertar. Como acontecia todos os domingos, a senhora levantou-se e carinhosamente deixou o quarto sem fazer ruído, enquanto se dirigia ao banheiro. Nesse meio tempo, encostou a porta do quarto para que barulho algum acordasse o marido, que de olhos fechados parecia dormir.

As 7,15, quase que precisamente, um barulho ecoou pela casa assobradada. Sucessivamente duas portas se abrem e mãe e filho se entreolham e perguntam o que houve:

— Parece ter sido lá em baixo, — diz d. Nina Ryff Correia Lima, ao seu filho, o major Fernando Ryff Correia Lima. Este desce as escadas, chega até a cozinha e pergunta se não foi a gaveta inferior da geladeira que se desprende e caiu, produzindo o barulho. A empregada

responde que não. O major pede um copo de mate e se encaminha para a escada, a fim de voltar ao seu quarto e trocar de roupa.

Passados, apenas, 40 segundos, um barulho tão grande quanto o primeiro, e que agora é identificado como um tiro de revólver atravessa a casa. Na cama em que antes parecia dormir, está caído agora com dois balaios na região do coração, o general Augusto Frederico Araújo Correia Lima, comandante da Artilharia de Costa e homem de prestígio no governo e no exército. Sua morte estava próxima.

O MISTÉRIO DE UMA MORTE

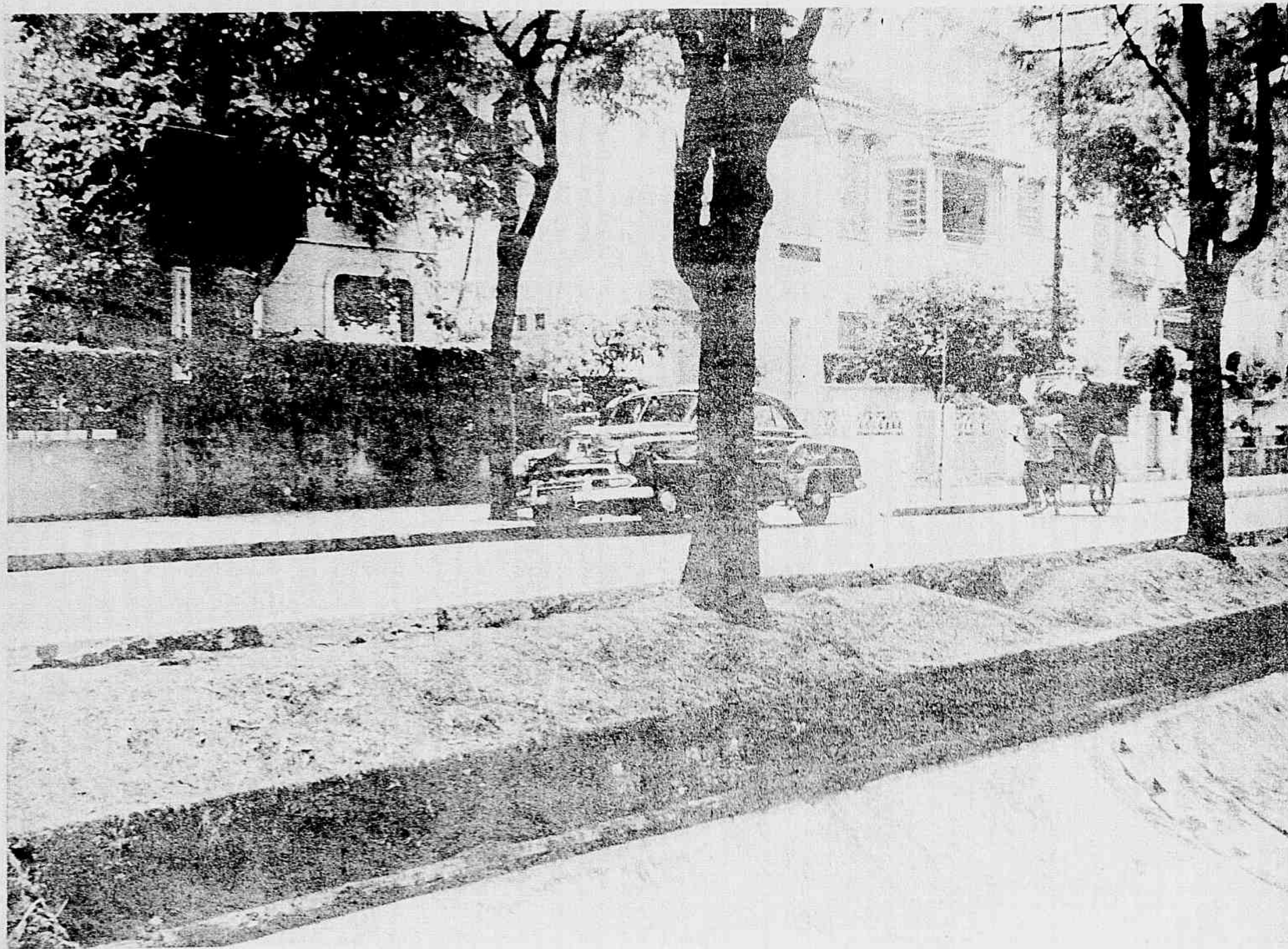
Um general não se mata e muito menos minutos depois de acordar. Assim pensava o seu filho o major Fernando Correia Lima, que atabalhoadamente passou a comandar toda a história. Na cama, seu pai quase morto, estava envolto pelos braços de sua esposa. Gritos e choro dominavam o ambiente, carregado de austeridade e de tristeza. Na rua um pequeno grupo de vizinhos procura saber o que se passa e os mais chegados penetram na residência. O major, de catálogo telefônico em punho, procura o número do aparelho do Hospital Central do Exército. Já começa a confusão.

Do H. C. E. alguém respondeu ao major que não poderia mandar buscar o general e que ele procurasse o Pronto Socorro. O major Fernando, porém, ligou para sua tia e depois para o Hospital Souza Aguiar. No quarto, com o sangue a manchar o lençol branco, o general tentava revirar-se com grande esforço, fazendo o sangue esguichar dos dois buracos em seu peito. D. Nina chorava e gritava para o marido:

— Por que fizeste isto, meu filho.

15 minutos depois chegava a ambulância do H. S. A. e o médico foi direto ao quarto do general. Examinou-o e já se preparava para levá-lo, quando o major solicitou que seu pai fosse transportado para o Hospital Central do Exército, onde já o estariam esperando. O médico objetou, mas diante da insistência do major, telefonou para o seu superior a fim de obter autorização para a remoção. Nesse momento o coronel médico do Exército, Heráclito Coelho Leal chegava à casa e examinava o general.

Veio a autorização, e os médicos e o major subiram ao andar superior. Envolveram o corpo pesado do general em um cobertor e cada um segurando pelas pontas trouxeram-no até a sala de estar, onde a maca o esperava. Olhos semifechados, sem dizer palavra, apenas ge-



Av. Heitor Beltrão, 114 — ex-Avenida dos Trapicheiros — O delegado Bastos Ribeiro, o escrivão e a sua máquina negra, o perito José Thiers, deixam a casa em que residia o general Correia Lima. No seu interior, soluçando o tristo, dona Nina Correia Lima repetiu dez vezes o mesmo depoimento.

mendo, o general foi carregado para a ambulância.

O SOCORRO VEIO TARDE

Levado para o Hospital Central do Exército o general foi direto para a mesa de operação. Há mais de uma hora que estava baleado, e soro e plasma eram injetados em seu corpo, preparando-o para a operação. Os médicos da equipe que iriam operá-lo foram procurados e, somente duas horas depois estava tudo pronto para a intervenção cirúrgica. O general, porém, não pôde esperar. Morreu pouco depois das 10 horas da manhã.

Tôda a família do general ficou atônita. O major, seu filho, não conseguiu uma explicação razoável para o caso. Dizia para todos que a morte do seu pai fôra provocada por acidente. A princípio ninguém contestou, mas a dúvida assaltava a todos que tomavam conhecimento do fato. Na Delegacia do 15º Distrito Policial, o comissário de serviço soube da morte estranha do comandante da Artilharia de Costa e mandou um investigador à sua residência. No portão, que estava trancado, d. Sônia Santos, esposa do major Fernando, recebeu-o e foi logo dizendo:

— Foi acidente. O Exército já tomou conta do caso. O general está no Hospital Central do Exército e o senhor não pode entrar.

O investigador voltou e comunicou o fato ao comissário. Nada podiam fazer.

Para afirmar o acidente, alguém disse a um repórter de «O Globo», que o general antes de morrer declarara: «Fui mexer nesta droga e ela disparou.»

FAMÍLIA CONFUSA

Dêsse momento em diante, a própria família do general Correia Lima lançava a confusão em torno do caso. Ninguém parecia acreditar que o general, homem que sempre lidou com armas, pudesse sofrer um acidente em condições tão desfavoráveis. Não havia dúvida que a família procurava esconder alguma coisa. Tôda a imprensa procurou falar com os parentes mais chegados do general. Ninguém, porém, queria explicar nada. O mistério saltou então, de forma sensacional, impressionando tôda a opinião pública. Mais de uma dezena de versões foi encontrada para o caso pelos inimigos da família. As negativas da família aumentavam o mistério, e, o sigilo de um inquérito militar, presidido pelo general Lima Brayner, veio aumentar a confusão. Um inquérito na Polícia Civil foi também instaurado, e começaram a ser tomados os pri-



O delegado Bastos Ribeiro. — Quase sempre equilibrado, ouvindo opiniões de técnicos, conduziu o inquérito, primeiramente com sentido do homicídio e, posteriormente, teve de admitir o suicídio. Ao seu lado o capitão Luís S. Góis, do I Exército fala à imprensa.

meiros depoimentos. As investigações começaram.

O MAJOR REBATE

O major Fernando Correia Lima acusado (numa das sessões) de ter matado o próprio pai, convidou o ex-perito criminal Epitácio Timbáuba da Silva para um encontro, a fim de prestar esclarecimentos. Nesse encontro o perito foi acompanhado pelo repórter da Revista da Semana, e o major declarou com tôda ênfase ao ser inquirido:

— Meu pai não se suicidou.

— Se não se suicidou major, quem o matou?

— Eu também gostaria de saber para fazer justiça.

E então, com um sorriso nervoso o Major fez a revelação sensacional.

— Acho que alguém entrou pela janela e matou meu pai.

Nenhum dos vizinhos que acorrera à casa do general, nem a empregada Alcina, que estivera na frente da casa vira qualquer pessoa. A confusão tornava-se maior. Por causa dessa declaração o general Lima Brayner chamou-o ao seu gabinete e passou-lhe uma reprimenda, proibindo-o de fazer qualquer outra declaração. O major ao invés de facilitar, complicava as coisas e a Polícia Civil parecia andar às tontas.

O Instituto Médico Legal preparava-se para dar um laudo sobre a morte do general. Então, a Chefia de Polícia do I Exército divulgou o resultado do seu inquérito:

«O general Correia Lima, suicidara-se em



O major e a Polícia. — Sentado polidamente, nervoso e com um sorriso despontando nos lábios, o major Correia Lima foi diversas vezes ao 15º D. P. depor. Para sua mãe, conseguiu uma ordem judicial e a Polícia foi à sua casa ouvi-la. Cigarro na mão, enfrenta o delegado e as perguntas. Na porta, o comissário Brito Pereira, assiste a acareação.



Laura Leal — empregada de 16 anos da família. Estava na casa há quatro dias, quando o general morreu. Confusa e analfabeta foi parte do enredo. Agora vai ser candidata a «Miss Itaguai» tal a sua popularidade conquistada com o seu súbito desaparecimento após o fato.

estado alucinatório, provocado por um pesadelo, o que o general ao acordar com o primeiro tiro resolvera terminar de consumir o fato.

Nenhuma das autoridades aceitou tal relatório feito pelo capitão Luís Salgado Góis, afirmando que «alguém em estado alucinatório pode tentar contra uma segunda pessoa, mas nunca contra si mesmo.»

O insucesso do Exército em provar tal afirmativa resultou numa outra hipótese de que o general se suicidara por ter um câncer de vesícula. Ouvidos seus médicos e assistentes, tal afirmativa também caiu e só restava o suicídio consciente para apurar.

Pelos depoimentos prestados por pessoas da família que estavam na residência da Avenida Heitor Beltrão 114, no dia em que o general foi baleado, não havia outra alternativa senão aceitar aquela hipótese.

O major Correia Lima, segundo seu depoimento, estava, ainda, na escada que liga o térreo ao primeiro andar, segundos depois de ter falado com a empregada Alcina, quando houve o segundo disparo.

REVISTA DA SEMANA — 7

D. Nina Correia Lima, segundo depoimento de seu filho e de sua nora e o seu próprio, estava na porta do banheiro esperando o regresso do major Fernando que fora averiguar a causa do ruído que o acordara repentinamente.

D. Sônia Santos Correia Lima, segundo o depoimento de seu marido e de d. Nina, estava no quarto dormindo e de lá saiu apenas quando ouviu sua sogra gritar, após o segundo tiro.

As duas empregadas — Alcina e Laura — estavam no andar térreo.

Quem então teria assassinado o austero general Correia Lima? A Polícia Civil após paciente e cuidadosa investigação ouviu e comparou, mais de uma vez, as mesmas declarações. Nenhuma delas se alterou substancialmente. Medições, provas de balística e reconstituição dos passos de cada um, naquela manhã, foram feitas várias vezes.

A conclusão chegou finalmente depois de uma esquadrinhação completa de todo o caso. Toda a vida privada do general Correia Lima foi rebuscada, sem que nada se encontrasse de desabonador. Sua vida era do quartel para casa chovesse ou fizesse sol, rotina apenas interrompida por horas seguidas de colar selos em seu custoso diário. Saía pouco de casa e visitava sempre os seus velhos pais, com quem jogava canastra todas as tardes de sábado. Amava o seu filho, o major Fernando, e só o tratava de «filhinho», razão porque vários generais não viam com bons olhos um filho sendo comandado pelo pai, servindo no mesmo setor. E foram os dois, pai e filho, que no dia 11 de novembro de 1955, atiraram contra o cruzador Tamandaré, quando este transpunha a barra com o ex-presidente Carlos Luz e outros, a bordo. Deste ato, de acordo com o boletim que o major Correia Lima fez circular no Forte Duque de Caxias, «o penoso e bem compreendido dever de lançar projetos de guerra contra a marinha brasileira», que lhe pasceram o ódio e as muitas inimizades, obrigando-os a andar armados e a ter em casa, sempre, dia e noite, um homem bem armado.

O general Correia Lima, no entanto, fiel ao governo, permaneceu em seu posto, apesar das ameaças brandas que recebia. Passou aquela época e a sua vida voltou ao normal, nunca deixando porém de andar armado com o seu 38 que iria usar na sua auto-eliminação.

Um motivo para morrer, o general Correia Lima não tinha, e somente uma desilusão política ou militar podem justificar o estado de espírito que o levou à morte. Seu suicídio, consciente, é irrefutável.

Seu segredo — lá guardado nos dezotto andares do Ministério da Guerra — sua família, tradicional de militares, quando com suas tôlas e pouco felizes atitudes demonstrar que um general não se suicida — acabou por destruir.

seu próprio lar e relevando suas intimidades ao público. Essa família de confusa passou a estranha e de estranha a quase humilhada.

O MITO MILITAR RESPONSÁVEL PELA CONFUSÃO

O Exército é formado por homens, cidadãos como os outros, que usando uma roupa diferente, vivem presos e subordinados a normas rígidas e especiais, dentro de uma rotina de autoridade, que começa no soldado e termina no General. Ninguém escapa à disciplina. Mas a simples posição de oficial (subalterno ou superior), lhes dá direito a regalias, que de tão repetidas e reconhecidas acabam influenciando na sua mentalidade e formação. Nas famílias em que os militares são numerosos, forma-se então mais comumente o sentimento de casta, cria-se o mito da intocabilidade, que quase sempre transpõe os muros do quartel e vem dar no que popularmente é traduzido como «o sabe com quem está falando». Esse espírito explica a atitude do Major Fernando Correia Lima, querendo evitar por todas as formas que seu pai fôsse dado como suicida. E nesse afã de salvar o nome e a reputação do pai, mesmo a custo da verdade, o Major conseguiu apenas o que aí está: confusão e sensacionalismo em torno de um caso que poderia ser banal.



Alcina Vieira — empregada há mais de dois anos da família, ia preparar o mate para o major quando o segundo tiro estourou. Estava junto a Laura e é a segurança do alibi do major. Viu o general revirar-se na cama após o segundo tiro e apanhou no chão a arma.



A POLÍCIA
legítima

*o direito de ca
quando atinge*

Acabou a confusão — De braço com a sua segunda esposa, a professora Sônia Santos, o major Correia Lima, desce as escadas do 15º Distrito Policial depois de ser acareado seis vezes, com os outros personagens da história. Enfrentou os repórteres e sem dizer palavra nem olhar para os lados, saiu com o sorriso enervante de menino contrariado.

LITERATURA E ARTE

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

NOTAS E INFORMAÇÕES

TELMO PADILHA escreveu-nos uma carta, a respeito da entrevista que com ele fizemos, há algumas semanas, e onde dissemos ser o autor de «Girassol do Espanto» advogado. «Só se fôr da boa poesia», esclarece o jovem poeta baiano, o qual nos pergunta o que nos levou a atribuir-lhe o diploma de bacharel, se o fato de todo literato baiano ser advogado, desde os tempos de Castro Alves... Seja como fôr, aí vai a retificação: Telmo Padilha não é advogado. Pelo menos até ao presente momento.

VAN JAJA, poeta, crítico cinematográfico e cronista, reunirá — ainda esse ano — cem de suas

crônicas publicadas no «Correio da Manhã», editando-as sob o título «Antes e Depois» — título enigmático, e sobre o qual Van Jaja assim se externou: «Antes e Depois seja de que acontecimento fôr. Quem fixa o momento é o próprio leitor».

RUTE MARIA CHAVES editará pela São José, em outubro possivelmente, seu segundo livro de poesia, «Presságio».

DÉCIO FROTA ESCOBAR — que aliás deve casar-se por esses dias, tem pronto, um segundo livro de poemas, que decerto repetirá, quando publicado, o êxito de «Rua Sul».

NOTÍCIAS



BENJAMIN SILVA expõe, com sucesso, no salão da Escola Nacional de Belas Artes, uma série de vinte e cinco óleos.

ENQUANTO NO Brasil a crise e geral, conhecido milionário (e agora embaixador também) dispende alguns milhares de dólares na compra de um quadro de Gauguin. Não que sejamos contra a aquisição de obras de arte, muito menos contra Gauguin — o qual, aliás, morreu na miséria, e cujos descendentes não hão de ver um só dos dólares do senador Chateaubriand, que foram todos para o bolso de algum esperto negociante de telas;

tudo porém tem seu momento próprio, e não estamos, decididamente, na hora de gastar dinheiro em quadros, desviando para o exterior dólares que bem poderiam contribuir para a solução de nossa horrível crise.

EM OUTUBRO de 1956 a Associação Internacional de Críticos de Arte organizou seu Congresso em Dubronick, Iugoslávia. Agora em setembro — e na mesma cidade — a Associação Internacional de Artes Plásticas pretende levar a efeito sua segunda reunião. O Brasil foi convidado, porém, a seção brasileira (dirigida por dona Georgina de Albuquerque) carece de meios para enviar dois representantes à Iugoslávia. O impasse perdura, e uma campanha deverá ser brevemente organizada para solvê-lo.

ENQUANTO NO Brasil contam-se pelos dedos os bons quadros, sem os quais é impossível uma boa educação artística, desde 1953 setenta e cinco obras do Museu de Arte de São Paulo passeiam pela Europa e América do Norte, numa demonstração quixotesca de poderio... E tudo isso, a despeito da recente convenção, entre os vários museus do mundo, de não mais permitirem o deslocamento, de um ponto para o outro, dos velhos quadros, pintados em madeira principalmente, o qual sentem muitíssimo tais viagens. Mas o Brasil é tão rico, tão bonzinho...

UM LIVRO

A MADONA DE CEDRO

de ANTÔNIO CALLADO

★ «DEUS ESCREVE certo por linhas tortas»: essa frase popular, a qual aparece, de resto, mais de uma vez durante a narrativa, bem poderia servir de epígrafe ao segundo romance do senhor Antônio Callado — a história de várias purificações (1). Porque, no livro, o personagem principal, Delfino Montiel, é levado por duas vezes ao sacrilégio, resvala pelas ladeiras do pecado — mais íngremes do que as da própria Congonhas do Campo, onde se desenvolve a ação — e da condenação, não propriamente porque o mal em si o atraísse, mas porque suas boas intenções, a sua própria base cristã, a isso o impeliavam. Antônio Callado mostra-nos, assim, como a Providência, que às vezes parece brincar com o ente humano, tem suas razões recônditas para assim agir. O sacrilégio de Delfino, furtando, num dia de Semana Santa, a «Madona de Cedro», Nossa Senhora da Conceição, permitiu que se casasse com a bela e piedosa Marta Ribas, assim lançando os fundamentos de uma família cristã, que seria feliz, não fôra o permanente remorso de seu chefe, que desde o dia do furto, e por treze anos seguidos, nunca mais pôde aproximar-se da confissão. Foi, aquele furto, o único deslize na vida pacata de Delfino. Mas segundo sacrilégio vem a ser cometido, quando Delfino, buscando esconder-se do povo, no interior, mesmo, da Igreja cerrada pelo zelo de padre Estêvão, numa tarde de sexta-feira santa, intromete e no próprio caixão onde jazia a estátua coroada do Senhor Morto. Mesmo esse sacrilégio, porém, tem o dom de reavivar, para sempre, a fé prestes a extinguir-se do septuagenário padre Estêvão, cujo sonho de toda a vida fôra ser missionário, no Amazonas, e que vê sua existência fanar-se, burocraticamente, entregue aos mistérios banais de uma pequenina igreja do interior. E propicia, à velha beata Emerenciana, uma piedosa morte. Quando, porém, Delfino narra à esposa o que fizera, é por ela repellido. Promete penitenciar-se de seu horrível pecado, mas novamente sua consciência começa a debater-se, quando, tentando confessar-se com padre Estêvão, medita sobre se é justo que destrua, com sua confissão, a crença do velho sacerdote em ter presenciado um legítimo milagre. Termina o romance com a terrível penitência imposta pelo padre ao pecador — penitência que reconduz, ao lar de Delfino Montiel e de Marta, a paz de há muito destruída.

Impressionante personagem é Juca Vilanova, o homem que encomendava os furtos a Delfino. Velho milionário, tem um desejo estranho, o de primeiro fazer furtar, e depois destruir, a estátua de Judas Iscariotes, conservada na igreja de que padre Estêvão é pároco. O rosto de Judas, e o de Juca Vilanova, são uma coisa só. A figura de Juca, aliás, adquire no romance características simbólicas: Juca é o Mal, no fim vencido pela penitência de Delfino.

Desenrolado, como já dissemos, à sombra das velhas estátuas do Aleijadinho, em Congonhas do Campo, escrito de maneira admiravelmente segura, sem desvios na exposição do enredo, empregando, com acerto, os modernos recursos da prosa de ficção (admirável também a sequência que nos exterioriza os pensamentos de padre Estêvão, primeiro lúcido, depois em estado de sonolência, e em seguida novamente desperto), na melhor e mais pura tradição joiceana, «Madona de Cedro» reúne, só aí, três fatores que dele fazem livro importantíssimo no panorama atual da literatura brasileira. É um livro terrível, sobre o qual devem se manifestar, com mais acuidade e argúcia, os críticos como Carpeaux, Tristão de Ataíde, Sérgio Milliet e tantos outros: livro cristão, de um cristianismo anti-burocrático, dinâmico, ativo, traduzido na seguinte frase de padre Estêvão, tradutora da filosofia de Callado:

— Ele se enfureceu quando viu os templos de Moisés transformados em vendas. Como não se sentiria se visse os Seus Templos transformados em repartições públicas?

Livro, enfim, que se deve reler — em meio a tantos livros que se lêem pela metade, e com esforço.

(1) — Antônio Callado: «A Madona de Cedro». Livraria José Olímpio Editora. Rio de Janeiro, 1957. 256 páginas. Capa de Luís Jardim.



SERÁ PRECISO, algum dia, dosar a arte a ser «servida» ao cidadão médio? Na Suécia, pelo menos, já se fala no assunto (tela de Fontanarosa, 56)

NECESSIDADES ARTÍSTICAS DO «CIDADÃO MÉDIO» NA SUÉCIA

Irá a Polícia sueca calcular as necessidades artísticas do cidadão da classe média? Tal é uma pergunta a que o Governo terá de responder muito em breve. Até agora, tem sido determinado o número de calorias de que o indivíduo precisa, para viver, bem como a habitação de que necessita, para morar em meio a relativo conforto. Qual será, agora, a unidade que medirá o mínimo artístico vital, na Suécia?...

Em Vesteråse, centro industrial próximo a Estocolmo, um alto funcionário da Polícia, considerando que a «arte é um luxo e que as necessidades artísticas da população sueca estão satisfeitas», proibiu a venda pública de obras de arte. Autoridades de mais vinte e quatro províncias estudaram a questão. E, até ao presente momento, dezoito dessas províncias declararam que se deve realizar um inquérito sobre as necessidades artísticas da população sueca, antes de serem autorizadas ou não as vendas públicas de quadros e demais obras de arte.

O organizador de uma de tais vendas, proibida ou suspensa, recorreu da proibição junto às autoridades, e apresentou um certo número de atestados firmados por cidadãos que não se consideram «satisfeitos», como queria a autoridade de Vesteråse. A Associação de Artistas Suecos considera tal proibição absurda, mas, em compensação, a Câmara de Comércio Sueca e a Associação dos Representantes do Comércio acham que há, nela, toda razão. O Governo, e só ele, é quem terá de resolver a pendência.

Mas, se é difícil precisar a que quantidade de arte podem aspirar os cidadãos, mais difícil ainda é especificar a qualidade da arte que lhes deverá ser «servida». Antiga? Moderna? Abstrata, concreta, figurativa?... O Partido Agrário, que é importante na vida pública da Suécia, já adotou uma posição, quando um de seus representantes no Parlamento atacou violentamente em discurso a escultura «A Mãe e o Menino», de Bror Marklund, instalada no pátio de um edifício oficial da capital sueca. Na opinião do irado deputado, tal obra devia «ser atirada ao mar», e todas as obras de arte encomendadas pelo Governo aos artistas suecos teriam que ser imediatamente canceladas, por inúteis...

REPORTAGEM-MIRIM

PERSONAGENS DA COMÉDIA LITERÁRIA

♦ OS PERSONAGENS da comédia literária brasileira — e «comédia» não quer dizer, aqui, que eles sejam necessariamente risíveis — apresentados nessa reportagem-mirim, já devem ser sobejamente conhecidos, por quantos acompanhem com interesse a vida literária nacional. São até espíritos sérios, às voltas com problemas de importância, estudiosos e preparados. Por um ou outro motivo, porém, merecem figurar na série que hoje inauguramos, e na qual passaremos a limpo, com os recursos modestos de que somos capazes, mas com absoluta isenção de ânimo, os vultos mais destacados da literatura no país. Hoje apresentamos cinco críticos ou colunistas literários.

ANTÔNIO OLINTO

Até que o poeta Antônio Olinto, autor de «Nagasaki», possui o seu valor; e o funcionário Olinto, diretor do Serviço de Documentação do Ministério da Viação, é ativo e competente. O colunista literário Antônio Olinto, todavia, de «Porta de Livraria» — seção que assina diariamente em «O Globo» — muito deixa a desejar. Não lóra a «enquete» sobre «Que personagem de romance gostaria de ser?» — que vem mantendo há alguns meses — e sua coluna talvez ficasse por encher. Tal «enquete», aliás, é de mínimo interesse, menos para os leitores desejosos de ver em letra de fôrma suas aspirações romanescas. Já lemos, no mesmo vespertino, há alguns anos atrás, seção literária de Olinto bem melhor que a presente. Mas isso era na época em que ele não tinha de repartir seu tempo, como agora, entre outras ocupações mais rendosas.

AFRÂNIO COUTINHO

O sisudo professor de Literatura do Colégio Pedro Segundo, médico que é, cismou que há de curar, a custa de injeções de «Críticismo», a crítica literária nacional. Suas observações, a respeito das diferenças existentes entre crítica e colunismo, são realmente exatas. Afrânio, porém, vem assumindo de tempos para cá uma atitude arrogante, como se fosse o único dono do assunto, no Brasil. Isso, aliás, já lhe tem acarretado inúmeras antipatias, mesmo no seio do «Diário de Notícias», de onde clinica, dominicalmente. Já era tempo de o doutor Coutinho, abandonando suas teorias semanais, vir ensinar, na prática, como é que se faz crítica de verdade. Mas, aí, o homenzinho desconversa, pigarreia, como se lhe fôra incômodo desagrilhoar-se das suas «correntes cruzadas»...

GERALDO DE FREITAS

Figura estranha, a do senhor Geraldo de Freitas, encarregado da seção «No Mundo dos Livros», da revista «O Cruzeiro». Bem poderia ele, com maior propriedade, escrever uma seção intitulada «No Mundo da Lua», de vez que os grandes lançamentos, os grandes acontecimentos literários, passam em brancas nuvens pelo seu naco de página, ou são registrados em uma ou duas linhas. Deus que livre o doutor Freitas de desperdiçar o valioso espaço de que dispõe com comentários sobre edições que não trazem na lombada o prestigioso nome de sua revista! Não é crítico federal, nem estadual, nem mesmo municipal é o crítico da literatura praticada na rua do Livramento, ou em suas imediações. Sua coluna semanal é estéril como o cérebro do «poeta» Luiz Otávio: falta-lhe presença humana, opinião própria, movimento, tudo.

FRANKLIN DE OLIVEIRA

Se um dia forem publicadas as Trovas Completas de Adelmar Tavares, o maranhense Franklin de Oliveira, se delas fôr tratar, em seus pesados rodapés do «Correio da Manhã», há de encontrar por certo um modo de citar Curtius, Ogden, Chastain, Pound, Read, Eliot, Auerbach, o diabo — tudo no original. De raspão, ainda é bem capaz de se referir às teorias alexandrinas do pneumatismo, às descobertas goetheanas no campo da História Natural, ou à evolução da música dodecafônica, na Tchecoslováquia. O menino fala alemão, inglês — em que pesem as suspeitas do senhor Luiz Jardim... — persa antigo, maranhense e copta. Num duelo de erudição com o senhor Otto Maria Carpeaux, talvez que o cabeludo austriaco sucasse muito para levar-lhe a palma. Se acaso morder a língua, é capaz de morrer de uma doença nova: erudicionite...

AGRIPINO GRIECO

Ainda há no Brasil quem jure que o senhor Agripino Grieco é um bom crítico. Há muitos anos, dizem que ele era talentoso. Nessa qualidade, e sem contestação, durante muito tempo imperou ele, em nosso meio literário. Sua polêmica clássica era o lei. Muita medalhão souu irio com suas bravactências. Cláudio de Souza, Ataulfo de Paula, Olegário Mariano, devem ter sido anos de vida abreviados por esse brincalhão. Edição não sabemos quantos livros, nos quais se misturam

crítica literária e humorismo, com grande vantagem para esse último gênero. E, Grieco, o Paula Ney da crítica literária. Nunca soube resistir a uma oportunidade boa de encaixar uma piada, resultado: de sua obra ficará justamente a parte mais fraca, o humor fácil, irreverente, tão do gosto de estudantes e de virgens literárias.

No próximo número: POETISAS.

CRÔNICA

JOGADO FORA

◆ Foi quando veio a lei, que o moço Roberto seguiu para o ministério. A palavra opção foi mais repetida que o «Maracangalha», dentro dos corredores da Nacional. Na rua onde morava o moço Roberto, rua de subúrbio e com aquela alegria que todas elas têm, gosava ele de um prestígio enorme. Não fazia parte do «cast», não interferia na produção nem no rádio-teatro, e sim e só, na contabilidade, organizando fichas, botando em dia a vida daquela casa, com retrato três por quatro. A idéia do sossêgo, do trabalho mole, do cafêzinho de quando em quando foi sedução grande no peito do moço, que se convenciu também que funcionalismo é garantia e rádio uma aventura nova. Quando a petição foi distribuída aos interessados, Roberto não teve dúvida em assinar em baixo. Mal lembrou da rua, da rua que iria morrer para o seu cartaz, ele agora que viraria letra em folha de pagamento. Não lembrou de nada. Pensou num esprequiçar longo. Ontem ainda, a moça pálida havia conversado longamente com ele. Perguntava de todos e de tudo da rádio. Aquêlê capítulo de novela que iria na sexta-feira, que poderia dizer ele sobre o comportamento do jovem doutor, apaixonado pela professora que era noiva do filho do dono da fazenda? E os romances? Era verdade mesmo que aquela «estrela» namora aquêlê rádio-ator? E os ingressos? Roberto levava sempre entradas do César de Alencar, do Paulo Gracindo, do Manuel Barcelos, da Hora do Pato. Entregava aquilo com uma displicência de um homem acostumado a não provar emoções daquela ordem. Retratos? Quantos? Na esquina da rua o moço que trabalhava numa oficina mecânica tinha um enorme e colorido de Emilinha Borba, com dedicatória e tudo. Juntou gente para ver no dia que o retrato chegou. Tudo trabalho e obra de Roberto, que era Deus naquela rua. Pois bem. Uma vez funcionário, Roberto virou coisa. Perdeu o cartaz bom que manteve sem força e ficou ganhando um «alô» aqui, outro acolá, sem maior entusiasmo. Quis falar da vida no Ministério. A rua era um mar de funcionários públicos. Ficou sem fama e começou a entristecer. Falo dêlê porque agora mesmo acabou de sair daqui. Vem à rádio de quando em vez e olha coisas. E sai, e caminha, e vira e mexe, e volta outra vez, não para dizer nem pedir nada. Para rever com olhos longos e tristes e quem sabe, contar na rua que está presente, que ainda é presença dentro das quatro paredes que abandonou por querer, e mentindo mesmo, é de dizer das «estrelas» e dos «astros», romances novos, histórias frescas, para que tudo isso o sustente como um cartaz que foi na rua alegre, na rua igual repleta de funcionários, agora mais igual e de conversa sem rádio e sem ingressos para os nossos variados programas.

EM MATÉRIA DE DISCOS



WOODY HERMAN EM 3 TEMPOS

- ★ NON-ALCOHOLIC
- ★ CALDONIA
- ★ SIDEWALKS OF CUBA*
- ★ THE GOOD EARTH
- FOUR BROTHERS
- ★ THE GOOF AND I

KEEN AND PEACHY
EARLY AUTUMN
FOUR OTHERS
BLAME BOEH?
MULLIGAN TAWNY
THE THIERD HERD

QUATRO FOTOS SÃO NOTÍCIAS



◆ AURÉLIO DE ANDRADE. marcou o começo de ano com uma reportagem sensacional diretamente de New York (Carnival Ball). Agora, ele arruma as malas, e ao que parece seguirá para a terra norte-americana para cumprir contrato de trabalho que o prenderá ali por muitos anos.



◆ NEUSA MARIA — Para a «desalegria» do sr. Flávio Cavalcanti, vai lançar um L.P. que leva um samba dêste seu cronista. A moça está, sem dúvida com a boca branca que recebeu desde 1956 e pelo visto, vai ser outra vez a cantora do ano, já que até o presente momento outra voz ainda não



◆ ALDAIR SOARES — Um artista ainda fora dos olhos dos diretores de rádio e televisão. Ele sabe esperar com paciência e pode ser amanhã ou agora mesmo, que num lançamento bom, o público ficará sabendo o que de arte carrega esse «pau de arara», que veio de «Macabba» e não vai voltar sem



◆ JULIE JOY — Depois de uma ausência muito grande, essa cantora sem faixa e sem coroa, voltou com a sua arte e nos dias presentes não está apenas deitando voz na Nacional. Canta também na TV Rio (Caboclo Aponta o Sucesso) entregando a beleza de sua voz e de sua presença.

UM POUCO DA VIDA DOS CARTAZES



Aqui está ela sendo maquilada por um cidadão chamado Bob Dawn, tão desconhecido quanto ela naquele dia. Preparava-se Dorothy Dandridge para fazer o seu primeiro filme: «Bright Road» de que ninguém tomou conhecimento. O vento que soprou, foi sem dúvida muito bom para essas duas criaturas. Ele que ao lado de Dorothy Dandridge apareceu em «Vaquero» é Anthony Quinn (La Strada). Dorothy Dandridge é no momento uma das cantoras mais caras da rádio e da televisão norte-americana, e há bem pouco estava aqui comendo picadinho

DOROTHY ANTES DE SER CARMEM

♦ Uma vez José Saens, esse que sabe muito de cinema, falava da sua intimidade com John Carradine, quando aquele «astro», antes do escândalo do Eugênio Carlos, vivia no Brasil. Quem era da roda não foi muito de acreditar, mas o tempo veio dizer depois, que Saens estava com a razão e aquele magro e louco (no caso Carradine) permanecera alguns meses nesta mui leal. Vai daí que, quem é de acompanhar pessoas sabe bem que essa moça escurinha chamada Dorothy Dandridge, é no momento uma das figuras femininas de maior evidência nos Estados Unidos. Sabemos isso pelo troar dos canhões das agências de publicidade, mas constatamos também quando tivemos «Carmen Jones» diante dos nossos olhos. A história desse filme divide duas vidas: a de uma cantora que veio ao Brasil, apenas para estudar o

«script» e essa de quem falamos, Dorothy Dandridge, que passou pelo Copacabana Palace, cantando naquela «boite» e sem marcar o menor sucesso. Há quem diga que a primeira, após saber que não seria mais a Carmen negra teria entrado para um convento. A verdade é que o filme lançou uma nova Dorothy Dandridge, que usou voz alheia para agüentar os múltiplos dó de peito que a partitura exigia. Viveu entre nós, cantou Rio-São Paulo e não fôssem essas fotografias encontradas, mal lembraríamos dessa presença como notícia. Foi considerada uma das «mais elegantes», e mantendo uma carreira firme, segura e fazendo falar o seu rosto que é belo, faz um faturamento em dólar que a libertará de qualquer crise de fome no futuro.

VOCÊS VÃO VER!

♦ A moça veio da Argentina e trouxe com ela esse corpo, esse cabelo que são autenticamente louros e um par de olhos raríssimo na praça. Veio contratada para fazer teatro («TV Para Crer» — Nestor de Holanda e Sérgio Porto) mas vai ser vista e muito vista na televisão. Carrega menos de 22 anos no seu contar de tempo e tem esse ar de tigre, (por conta dos olhos cômico do mar) que salta sem querer quando alguém tem a ventura de lhe ser apresentado. Estamos num século de felicidade, pois podemos ver sozinho ou mal acompanhadas, belezas como esta, que a televisão nos leva em casa, sem cobrar nada. Ela: Vitória Tórres, mais uma criação de Everardo Guillon.



CINEMA

Por ELY AZEREDO

HOLLYWOOD 1957

NOVOS PRÊMIOS, VELHOS CASTIGOS

DIRETORES ESCOLHEM O MELHOR DIRETOR: GEORGE STEVENS ("GIANT") ★ ESCRITORES APONTAM OS MELHORES "SCRIPTS": "A VOLTA AO MUNDO", "SUBLIME TENTACÃO", "O REI E EU" ★ PRODUTORES PREMIAM WALT DISNEY ★ "LISTAS NEGRAS" E "ANTICOMUNISTAS PROFISSIONAIS"



ELIZABETH TAYLOR E JAMES DEAN NUMA CENA DE "GIANT" DO ROMANCE DO MESMO NOME, DE EDNA FARBER

ENQUANTO a imprensa mundial, e, nos Estados Unidos, também a televisão e os cine-jornais, fazem um verdadeiro carnaval em torno da distribuição anual dos «Oscars», faz-se um silêncio absoluto quanto à seleção das associações profissionais. É verdade que os candidatos aos «Oscars» são apontados por tais associações, mas a eleição é de competência exclusiva da Academia. E as influências extra-cinematográficas que se exercem sobre os eleitores, provocaram (como dissemos na semana passada) o completo abandono de obras como «Baby Doll» (Boneca de Carne), «Moby Dick», «The Friendly Persuasion» (Sublime Tentação), e a entrega do prêmio de «melhor filme» a «A Volta ao Mundo em 80 Dias», em detrimento de «Giant» (Assim Caminha a Humanidade), que deu a estatueta de «melhor direção» a George Stevens.

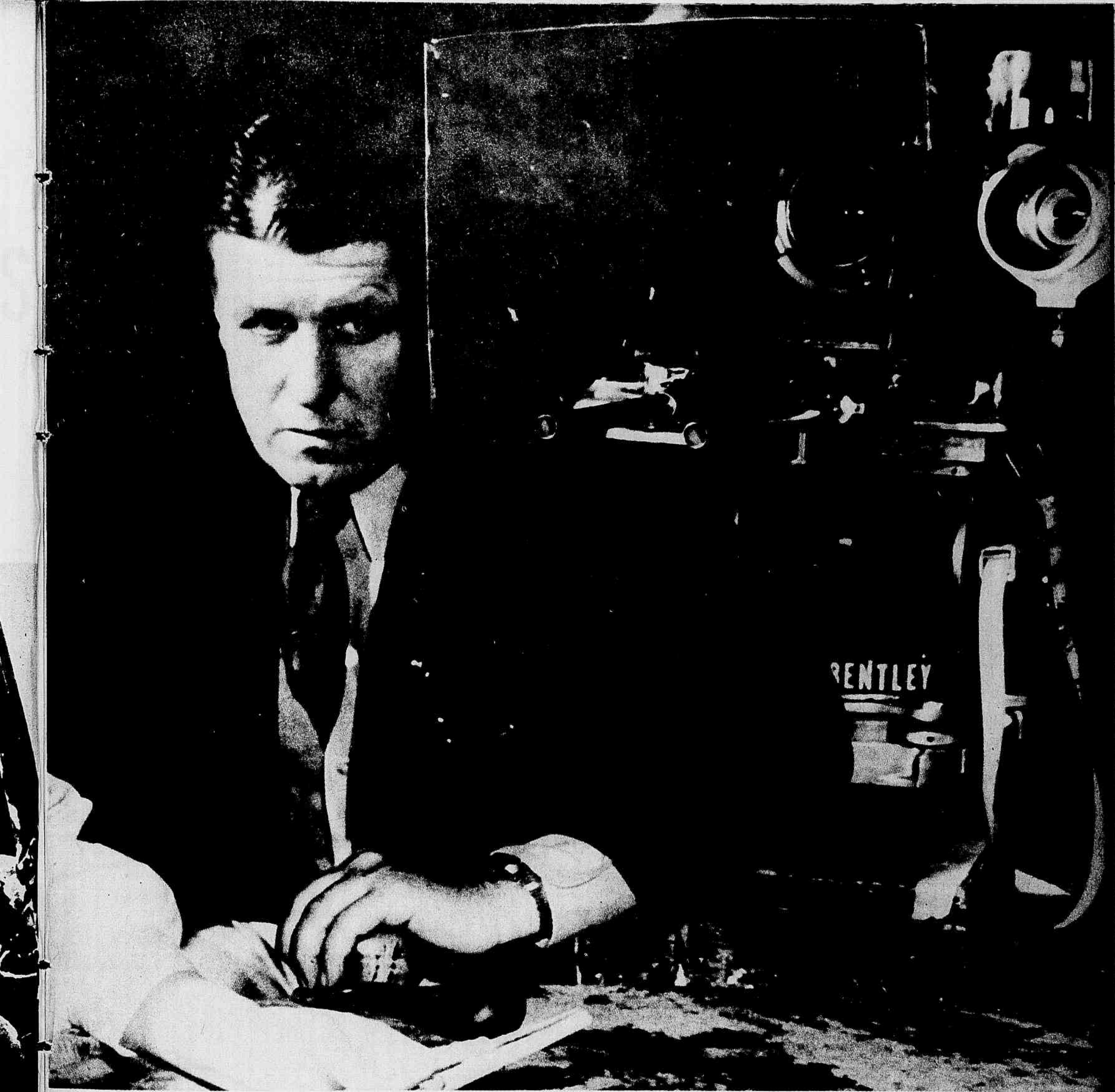
Não temos dúvida: «A Volta ao Mundo» é um grande espetáculo, um divertimento singular nos anais do cinema, como registra a crítica ame-

ricana. Mas o prêmio do Screen Directors Guild foi para Stevens. E não para o inglês Michael Anderson, elemento novo («1984»), cujas qualidades os críticos europeus e americanos reconhecem, mas que não pode entrar em paralelo com Stevens, o cineasta de «Um Lugar ao Sol», e «Shane» (Os Brutos Também Amam).

Além de Anderson, também tiveram menção honrosa do Screen Directors Guild: William Wyler («The Friendly Persuasion»), Walter Lang («O Rei e Eu»), e King Vidor («Guerra e Paz»).

❶ PREMIOS DOS ESCRITORES

Também ignorados pelas agências telegráficas foram os prêmios da divisão cinematográfica do Writers Guild of America (associação dos es-



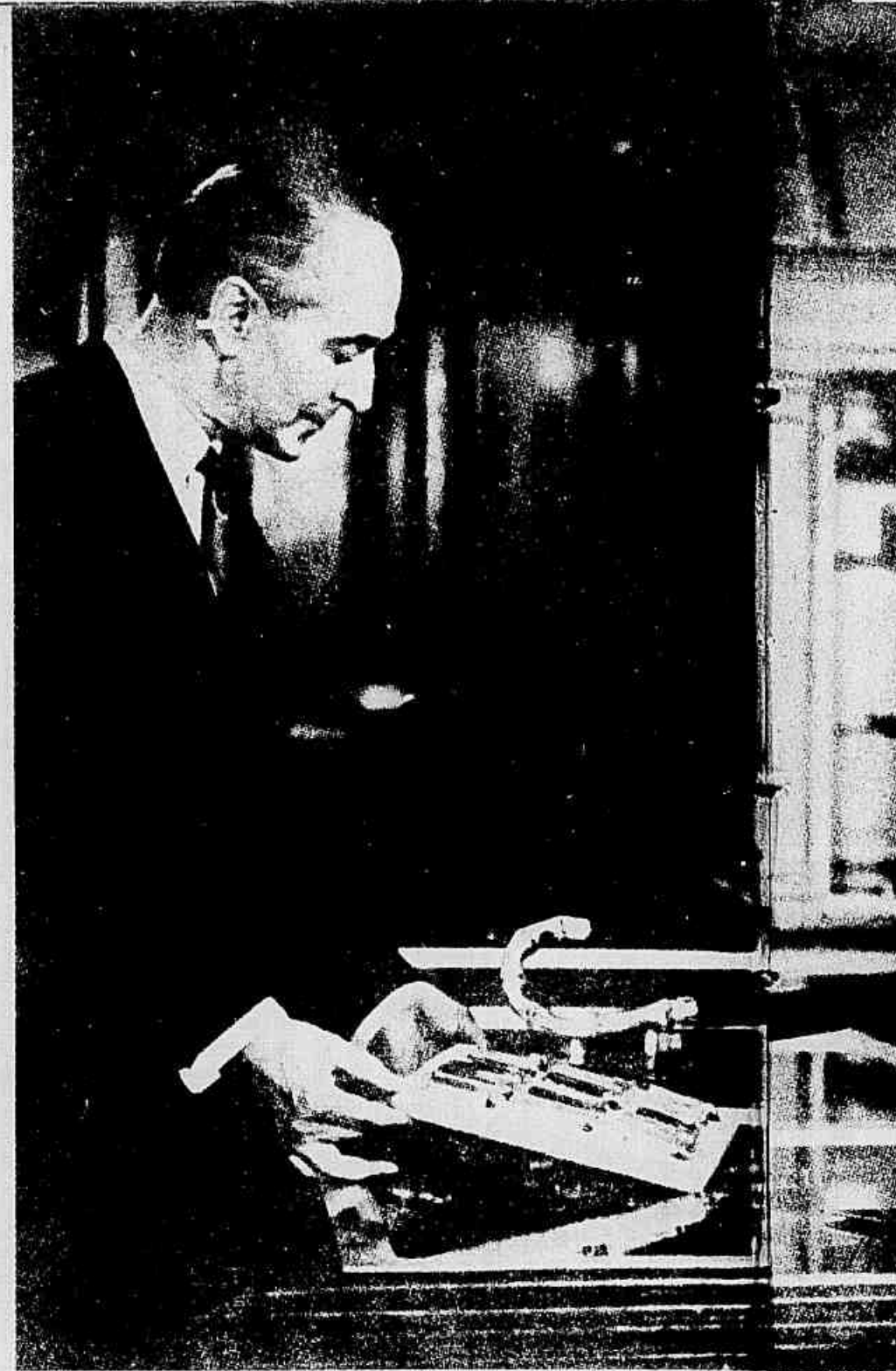
GEORGE STEVENS, ESCOLHIDO COMO O MELHOR DIRETOR, (GIANT), ABISCOITOU O PRÊMIO DO «SCREEN DIRECTORS GUILD»

critores): James Poe, John Farrow e S. J. Perelman, pelo melhor script de comédia, «A Volta ao Mundo em 80 Dias», baseado em Jules Verne; Michael Wilson, melhor «script» de drama, «The Friendly Persuasion», baseado em Jessamyn West; Ernest Lehman, melhor «script» de musical, «O Rei e Eu», baseado na peça musical que Rodgers & Hammerstein extraíram de «Ana e o Rei do Sião», de Margaret London; e à dupla Charles Brackett-Billy Wilder (hoje separada), o **Laurel Award of Achievement**, por sua «notável contribuição à profissão e à indústria cinematográfica». Da colaboração Brackett-Wilder saíram filmes como «Farrapo Humano» e «Crepúsculo dos Deuses».

Já o prêmio a Michael Wilson tem duplo significado: reconhecimento de valor e desagravo. Como revelamos na última REVISTA DA SEMANA, êsse candidato ao «Oscar» foi declarado inelegível pela Academia, à base de um novo regulamentozinho crado para eliminar os que invocam

a Quinta Emenda da Constituição para não responder a perguntas da Comissão de Atividades Anti-Americanas.

Allied Artists, produtora de «The Friendly Persuasion», já retirara dos letreiros o nome do **scripter**, escudando-se na cláusula «moral» do contrato. A Justiça americana vem apoiando a imoralidade, com a alegação de que os que se recusam a responder à Comissão põem em perigo a reputação das empresas em que trabalham. Se Wilson é um agitador perigoso, a Allied deveria retirar do mercado o filme e renunciar à excelente «bilheteria» que vem fazendo em toda parte, não só pela presença de Gary Cooper, Dorothy McGuire e Anthony Perkins, como também pela direção do mestre Wyler e pelo «script». Mas a história se passa entre «quakers», na Guerra Civil: não tem relação com a luta de classes. Assim, é odiosa a atitude medieval da produtora e da Academia, esta, a mesma que deu um «Oscar» ao escritor pela adaptação de «Um Lugar ao Sol» (atenuadíssima versão da «Tragédia Americana» de Dreiser), em 1952. Pelo mesmo trabalho Wilson recebeu também o prêmio dos Screen Writers.



Walt Disney, dono da maior coleção de «oscar», recebeu do Screen Producers Guild, associação dos produtores, o Milestone Award. Yul Brynner, representando Cecil B. de Mille, fez a entrega do prêmio, tendo ao lado os produtores Samuel Engel e Lowell Thomas

O diretor Jules Dassin (à direita) em sua boa interpretação como César, Le Milanais, em «Rififi». Até na França ele sofreu perseguição dos

CINEMA

1 «SHOW» PARA «SHOWMEN»

A festa de premiação dos escritores, no Moulin Rouge de Hollywood, foi um «show» previamente ensaiado, com participação de estrelas (Joan Collins, Marilyn Maxwell, Jayne Mansfield) e atores (John Lund, Fred Clark, Burt Lancaster, Allin Joslyn, etc.) Marilyn Maxwell interpretou Marvel Malone, uma paródia das mexeriqueiras profissionais. Lancaster e Joan Collins viveram uma paródia mista da peça musical «My Fair Lady» (grande êxito baseado em «Pigmalião») com o filme «Baby Doll». Título: «My Fair Baby Doll». Mexendo com a famosa imagem erótica divulgada pela publicidade de Kazan (Carrol Baker deitada em um velho berço, chupando o dedo polegar), a deliciosa Joan apareceu em berço, com os dois polegares envoltos em esparadrapo...

Groucho Marx, dono de popularíssimo programa na televisão, foi o orador da noite. «Nós da indústria sabemos que por trás de cada «screen-writer» de êxito está uma mulher. E atrás dela está sua esposa...» Depois, alfinetando «Os Dez Mandamentos», (falsificação do Velho Testamento avaliado em doze milhões) e os macartistas: «Esta indústria está em apuros por causa dos salários dos escritores. Vocês têm idéia das despesas de «script» em um típico filmezinho de linha, por exemplo, «Os Dez Mandamentos»? Acontece que tenho uma cópia do orçamento comigo. História original, por Moisés, 105 mil dólares e 5% da renda bruta durante dois mil anos... com os lucros de TV para avaliação posterior. Uma quantia absurda, pois, no final das contas, não se utilizou uma linha da história. Mas, além disso, o agente de Moisés insistiu numa garantia de 300 semanas, porque o autor escreveu em pedra. Vocês escritores faziam cavações naquela época... E aí vem a parte irônica: após todo esse dinheiro, os produtores viram-se forçados a retirar o nome de Moisés dos letreiros, porque descobriram que ele atravessou uma vez o Mar Vermelho.»

2 O GÊNIO DE DISNEY

Walt Disney, incorrigível colecionador de prêmios, levou para casa o «Milestone Award» do Screen Producers Guild (associação dos produtores), após uma homenagem que contou com a participação de Eisenhower (por telegrama); General Omar Bradley, representando as Forças Armadas; a «hostess» Perle Mesta, Dr. Norman Vincent Peale, Yul Brynner; Gene Kelly, cantando «When You Wish Upon a Star» a canção-mascote de Disney; e mensagens em fita magnética, de Cecil B. de Mille, Lewis L. Strauss (presidente da Comissão de Energia Atômica), vice-presidente

Nixon e a artista Grandma Moses. Em seu discurso, Disney apresentou o seu irmão, Roy. «Em qualquer carreira, é bom a gente ter algum gênio. Eu tenho, mas na pessoa de meu irmão... Roy dirige a companhia, todo o mecanismo, aqui e no estrangeiro». E pagou um tributo à televisão, que o tem como figura de proa: «A TV deu oportunidade imediata a diretores, escritores e atores novos. Eles acreditam em idéias novas. Enfreitam riscos e, quando caem, caem para frente e não para trás. A televisão abriu as portas a novas riquezas em histórias e material de diversão.»

3 UM FILME OPERÁRIO

Voltando ao caso Michael Wilson. Em princípio de 1953, em Silver City, pequena cidade mineira de New Mexico, Estados Unidos, o produtor Paul Jarrico e o diretor Herbert Biberman filmaram «O Sal da Terra». Argumentista: Michael Wilson. Assunto: os problemas de vida e de trabalho dos mineiros. Patrocinador: a Local 890, da International Union of Mine, Mill and Smelter Workers. «Um Sindicato tem tanto direito de fazer um filme quanto a RKO ou a Metro», disse Juan Chacon, presidente da Local 890 e principal ator de «O Sal da Terra». Mas um deputado republicano discordou e acusou violentamente o filme como disseminador de ódios raciais e classistas. Jarrico e Biberman estavam na «lista negra» de Hollywood, por resistência à Comissão de Atividades Anti-Americanas.

Rosaura Revueltas, estrela mexicana (Prêmio Ariel de 1951) foi presa por entrada ilegal nos Estados Unidos. A filmagem terminou entre provocações, boicotes, agressões. Mesmo após a partida da equipe, as violências continuaram e tiveram climax no incêndio de um centro operário e na residência de um dirigente sindical, cujos três filhos pequenos escaparam por pouco. O filme teve exhibições esparsas nos Estados Unidos, entre ameaças e boicotes. (Rosaura Revueltas não conseguiu mais filmar no México e, segundo as últimas notícias, foi tentar a Alemanha Oriental.) Michael Wilson entrou para a «lista negra». Por que? Segundo o «New York Times», «O Sal da Terra» é apenas «a strong, pro-labor film» («um forte filme operário»).

4 «LISTAS NEGRAS»

Recentemente, a União Americana de Liberdades Civis entrou com uma petição na Corte Suprema dos EE. UU. para audiência de 23 atores, diretores, escritores e produtores que tentaram vencer as «listas negras» em luta inglória, nos tribunais californianos. «A oportunidade de ganhar a vida»,

diz,
cons-
tituc

Sa-
anos
Preg-
«vol-
pon-
cou
Kaz-
pala-
disto-
perô-
Viaj-
de G-
gera-
mes-
e qu-
obra

Pa-
pens-
ex-e-
pass-
nos
sob
dica-
entre
Albe-
Rysk-
país)
quat-
ao te

A
filme
ciati-
o sis



«caçadores de bruxas». Foi substituído na direção de «O Inimigo Público nº 1» porque havia capital hollywoodiano no orçamento.



Dorothy McGuire, Anthony Perkins e Gary Cooper em «The Friendly Persuasion», que não teve nem prêmio de consolação na cerimônia dos «oscar». Embora figurando na «lista negra», Michael Wilson, autor do «script», obteve um prêmio dos Screen Writers. E os Screen Directors deram menção honrosa a Wyler.

diz, «não pode ser injustamente suspensa sem violação das garantias constitucionais. O direito de trabalhar é um direito humano, pessoal, constitucional».

São muitos, porém, os que não acreditam nessas tentativas. Nos últimos anos, tivemos casos como Elia Kazan e Edward Dmytryk. Este diretor («O Preço de uma Vida»), após a prisão e exílio, fez meia-volta, compareceu «voluntariamente» ante a Comissão de Atividades Anti-Americanas, respondeu a todas as perguntas, renunciou ao comunismo que nunca praticou e agora é diretor de excelente posição (econômica) em Hollywood. Kazan (Vidas Amargas), ameaçado de perder uma carreira brilhante no palco e na tela, confessou seu nome e de outra com organizações esquerdistas e deu a «ficha» dos amigos à Comissão. Depois tentou o suicídio e perdeu a amizade de homens como Arthur Miller, («A Morte do Caixeiro Viajante») hoje em luta aberta com os inquisidores. Agora temos o caso de Carl Foreman, o «scripter» de «Matar ou Morrer» e «Cyrano de Bergerac». Cedeu às pressões e já encontrou emprego em Hollywood. A mesma atitude, dizem, vai tomar Jules Dassin. Esperemos que seja bom e que o cineasta de «Cidade Nua» e «Brutalidade» continue fazendo obras como «Julius» na Europa.

3 INVESTIGADOR INVESTIGADO

Para dar amostra da ação dos que não acreditam em liberdade de pensamento nos Estados Unidos, vamos abordar o caso de John Cogley, ex-editor de uma revista católica, investigado porque publicou no ano passado um «Report on Blacklisting» — dois volumes sobre as listas negras nos setores cinema, rádio e televisão, entre 1947 e 1956. O trabalho surgiu sob o patrocínio do Fundo Para a República, ramo da Fundação Ford dedicado às liberdades civis. No cinema, as listas deixaram sem trabalho, entre outros, escritores comunistas ou simpatizantes como Ring Lardner, Albert Maltz, Dalton Trumbo, Sam Ornitz, John Howard Lawson, Morris Ryskind, Lester Cole, Alvah Bessie; o compositor Hans Eisler (expulso do país); o produtor Adrian Scott, atores como Luther Adler (reabilitado após quatro anos), Howard da Silva, Gale Sondergaard (que conseguiu voltar ao teatro), Anne Revere, etc.

A coisa começou em 1947, quando os chefes das grandes empresas de filmes se reuniram com Eric Johnston, presidente da Motion Picture Association, no Hotel Waldorf, para acertarem os relógios. No rádio e na TV, o sistema funcionou principalmente à base de pressão das grandes em-

presas de publicidade. Em Hollywood, por um «gentleman's agreement» entre os cabeças da indústria.

Com o «Report on Blacklisting», surgiu para a Comissão de Atividades Anti-Americanas a longamente esperada oportunidade de investir contra o Fundo Para a República, cuja atividade em defesa das liberdades eram pedras no caminho da guerra contra o comunismo e, sob tal pretexto, contra qualquer espécie de inconformismo. «O relatório faz graves acusações contra entidades e pessoas que contribuíram para eliminar a ameaçada conspiração comunista», disse o presidente da Comissão, acrescentando venenosamente que seria preciso verificar «as influências que podem ter contribuído para o caráter das acusações» e «quais são realmente as intenções de Mr. Cogley e do Fundo». Intimado a comparecer a uma reunião a portas fechadas, Cogley foi lançado sem advogados sob um bombardeio de perguntas, em sessão aberta à imprensa. A intenção era confundi-lo, desmoralizá-lo. Segundo as acusações mais suaves seu trabalho era «obra de mau jornalismo».

Os depoentes que haviam sido citados por Cogley, negaram a existência das listas, mas caíram em contradições terríveis. James F. O'Neil, ex-comandante da American Legion (principal responsável pelo boicote ao «Monsieur Verdoux», de Chaplin) e editor do American Legion Magazine, declarou que sua organização não emprega o «blacklisting», mas em seguida, citou a reunião do Waldorf e seu acordo com Spyros Skouras (Fox) no sentido de reabilitar as pessoas que se penitenciassem ou justificassem suas atitudes em cartas à Legion.

Outro depoente, Vincent Hartnett, autor de «Red Channels», um «who's who» de «atividades subversivas», procurou desmentir Cogley, mas saiu da sessão crismado como profissional do anticomunismo. Hartnett, que se diz «consultor de talentos» nas indústrias de diversões, cobrava taxas de dois a 200 dólares para fornecer a «ficha» de «elementos subversivos» e também para «reabilitar» esses elementos. Dizendo que seus trabalhos denunciaram apenas 5% dos comunistas nas indústrias de diversões, Hartnett deixou bem claro que, com os restantes 95%, forma uma sub-indústria muito rendosa. Embora usando linguagem quase alegórica, o «New York Times», que já sentiu em sua redação os processos de intimidação do macartismo, disse que as investigações sobre o relatório Cogley «se aproximaram perigosamente» de uma tentativa «para intimidar um homem por escrever aquilo em que acredita».

A ameaça de degradação que pesa sobre Jules Dassin é, em nosso setor, a última notícia dolorosa do movimento inquisitorial que, embora com menor força, vem sobrevivendo ao isolamento do senador McCarthy.

conselhos de beleza

base
para
o pó
de arroz



1. Comece por fazer uma boa limpeza no rosto com um sabonete, de preferência neutro. Enxague delicadamente, com água fria ou tépida, tendo o cuidado de não estimular o sangue para as faces.



2. Espere meio minuto antes de enxugar o rosto, e, ao fazê-lo, use toalha felpuda, bem macia, sem esfregar. Agora seu rosto poderá receber um bom creme, de ação protetora e revitalizante.



4. Aplique no rosto, com as pontas dos dedos e esfregue com movimentos giratórios, continuando a massagem até o creme ser totalmente absorvido pela pele. Forma-se então a preciosa película protetora de ANTISARDINA N.º 1.



6. Sem colocar mais creme, esfregue as mãos do rosto para o pescoço de maneira a obter uma transição homogênea. O estímulo das células, lhe dará uma agradável sensação de frescor.



3. O indicado é ANTISARDINA N.º 1, excelente creme protetor da cutis, que tem a sua fórmula elaborada à base de ingredientes escrupulosamente selecionados, indicados nos modernos tratados de saúde e beleza.



5. Tenha o cuidado de passar o creme em todo o rosto, uniformemente à volta da boca, do nariz e dos olhos. Dependendo disso, em grande parte, o sucesso da maquiagem.



7. Com uma esponja bem limpa, distribua suavemente o pó sobre a base. Não use pó em demasia! A combinação da base com o pó deve proporcionar aparência natural. Remova o excesso com mecha de algodão.

ANTISARDINA N.º 1 (fraco) protege a cutis do rigor dos fortes raios do sol e dos ventos frios, tonificando as células, desobstruindo os poros, tornando a cutis macia e aveludada! É o creme protetor da pele sã, que previne o aparecimento de imperfeições, prolongando a mocidade!

Fórmula n.º 2 (moderado) para eliminar manchas, cravos, espinhas, sardas e demais imperfeições da pele. Para ser usado no rosto, pescoço e colo.

Fórmula n.º 3 (forte) para ser usado na beleza das mãos, braços e ombros. É a fórmula mais eficaz contra sardas, espinhas e manchas rebeldes, eliminando-as prontamente.

Antisardina
o segredo da
beleza feminina!



MACI propaganda

O CARÁTER

(Transcrito do Livro «RACIONALISMO CRISTÃO»)

♦ O caráter é a soma das qualidades morais do indivíduo; é a reunião das suas virtudes; é o conjunto dos seus valores espirituais, conquistados de encarnação em encarnação, na medida da sua evolução.

O caráter é, pois, uma demonstração de espiritualidade, que mais e melhor se revela na proporção da sua firmeza e na amplitude das suas linhas.

A linha de conduta sulcada pelo caráter, é limpa e definida. O caráter não se expressa, apenas, pelos traços da honestidade nas transações comerciais, mas, muito mais ainda, na ausência de tendências negativas, como sejam as que dão origem ao sentido pusilânime, intrigantes, prevaricador, invejoso, traiçoeiro, com todo o séquito equivalente de variadas qualificações.

Quase todos pensam ter caráter, mas na realidade poucos possuem esse tesouro, de uma forma bem distinta, porque a sua configuração só se apresenta nítida, completa e relativamente perfeita quando o indivíduo atinge a fase final, na série de encarnações por que passou nesta escola de aperfeiçoamento, denominada mundo Terra.

Não quer dizer que o indivíduo culto seja o que possui melhor caráter, ou, em outras palavras, maior soma de qualidades positivas, e estas mais apuradas. O indivíduo que foi culto numa encarnação, pode ter necessidade, segundo determinadas circunstâncias, de encarnar, posteriormente, em meios incultos, tantas vezes quantas forem precisas, impedido de dar prosseguimento às suas atividades culturais, temporariamente, para assim poder lapidar certas facetas do seu espírito, que este outro meio melhor venha a facultar. Entretanto, a cultura é indispensável no curso das encarnações, principalmente porque contribui para desenvolver mais rapidamente a inteligência e consequentemente a capacidade de raciocinar, por meio da qual o espírito analisa, confronta, deduz e conclui, para atingir o conhecimento máximo da verdade da vida.

A medida que os conhecimentos reais sobre a vida forem se avolumando no acervo espiritual de cada ser, o caráter se vai definindo e adquirindo os característicos indeformáveis da sua estrutura.

O caráter é um dos mais ricos bens que o espírito vem de possuir, sendo a sua formação o resultado de longos períodos de meditação, em numerosas reencarnações em que as conclusões amadurecem sob a dura prova da experiência e se firmam no campo da convicção.

Só depois de muitos desenganos e desilusões, de inquietações e de ingratidões é que o indivíduo mede, no íntimo da sua natureza espiritual, a extensão das misérias humanas, e se revolta contra elas, sentindo-se enojado dessas baixezas, fato que o leva a repugnar a sua prática.

É assim, de repugnância em repugnância às mazelas reconhecidas e experimentadas, que o espírito se liberta das práticas inferiores, para firmar-se, por antagonismo intencional consciente, por convicção e esclarecimento, nas linhas rígidas de uma conduta modelar.

Em qualquer setor de atividade pode o indivíduo exercitar-se no desenvolvimento da inteligência. Se não participa das lides literárias e científicas, pode dar a sua contribuição ao Todo, ou melhorando nas fábricas a produção industrial, no comércio as compensações utilitárias, ou estabelecendo na agricultura o equilíbrio do consumo ou, ainda, imprimindo na administração a coordenação eficiente do trabalho, e deste modo, quer na escola, quer no laboratório, na oficina ou no lar, tem cada criatura o seu lugar, e nêle a oportunidade de raciocinar, inteligentemente, para, com lealdade, honestidade e consciência do dever, melhorar as condições do seu caráter.

A evolução é relativamente lenta. Por isso um caráter não se forma numa única encarnação. O indivíduo pode refrear-se, conter os maus instintos, evitando dar expansão a sentimentos inferiores, ainda não de todo subjugados e eliminados. Mas favorecendo a oportunidade, eis que às vezes eles se revelam e o indivíduo denuncia o seu estado espiritual. Não se deve esperar que a criatura de mau caráter passe a tê-lo inteiramente bom de um momento para outro. O crescimento espiritual obedece a uma progressão normal e racional em que não cabem as transformações radicais nem as regenerações sumárias.

Conquanto lenta, seja, relativamente, a evolução dos seres encarnados, o máximo deve ser feito, em cada uma das encarnações, para que, sem perda de tempo, possa ser alcançado esse inestimável pecúlio moral que se denomina caráter.

Em muito pode obter o ser humano, se tiver consciência do seu valor. O maior esforço em favor desse objetivo deve ser executado, principalmente, no lar e na escola.

Pais e professores que estejam na altura de dar demonstrações do seu caráter, terão sobre o espírito do adolescente uma influência excepcional que se traduz em obediência, em acatamento e em respeito. Estes pais e professores terão em suas mãos instrumentos prodigiosos de lapidação, com que poderão corrigir as linhas do caráter dos jovens aos seus cuidados.

Ninguém pode dar o que não possui e ninguém perde aquilo que tenha conquistado espiritualmente. Daí dar-se o fato de haver pais que possuem menos caráter do que os próprios filhos, e professores que o são, apenas, pelos dotes intelectuais. Quando o caráter dos filhos é melhor que o de seus pais, não constitui tal fato uma surpresa para o espírito daqueles, pois que sabiam, antes de encarnarem, que teriam de conlar com essa desvantagem.

Os maus exemplos não são imitados por quem possua discernimento espiritual para condená-los, e deste modo, pais e professores de mau caráter de um lado, filhos e alunos mais evoluídos de outro, marcham em rotas diferentes, por onde colham experiências adequadas, na satisfação dos seus anseios, sejam eles enfermigos ou viciosos, benéficos ou purificadores.

Aos professores cabe a nobre tarefa de fazer uso da sua profissão para introduzir, com oportunidade, conceitos remodeladores no espírito dos discípulos, que os aprimorem e façam bons cidadãos, úteis à coletividade, polidos e reverentes, disciplinados e metódicos, em complemento ao esforço dos pais, para que, em ação conjunta, mais eficientes e de relevante alcance sejam os resultados. Direta e indiretamente, todos os melhores recursos devem ser solicitados com o fim altruísta de elevar as condições morais do adolescente, para que ele mesmo possa aperfeiçoar o seu caráter.

(Continua na próxima semana)



COMO APRENDER A DANÇAR

8ª EDIÇÃO AMPLIADA

com os últimos passos de cha-cha-cha, Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Rítmicas». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 100,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo

FALANDO AO LEITOR

★ Continuam chegando as cartas sobre o «desafio aos leitores», publicado no nosso número 14. Gilda Barcelos diz que os «poemas publicados são de Carlos Drumond de Andrade.» Maria do Carmo Benevides, «acha que o jeito inconfundível de Manoel Bandeira está visível nos poemas publicados.» Sandra Lia Seabra escreve e diz: «que os poemas publicados são do poeta e industrial paulista Paulo Assumção.» Maria Teresa Malta Redig «sou fã de Augusto Frederico Schmidt e acho que os poemas são dele.» Sílvia Carneiro Filho: «são de Carlos Drumond de Andrade.» Temístocles Alberto da Gama: «o autor dos poemas é Tiago de Melo.» Jorge Campelo: «os poemas são de Ferreira Gular, da fase anti-concretista.» Lídia Henero: «Os poemas são de Paulo de Assumção, um dos mais eminentes poetas vivos do Brasil e um dos que melhor sabem falar à alma feminina.» Gilberto Monsanto: «O autor é Augusto Frederico Schmidt.» Zilá Fonseca: «Os poemas publicados são de Emílio Moura.» Nilza Matos: «Paulo Mendes Campos é o único poeta brasileiro que poderia escrever coisas tão bonitas.» Ruiz Augusto Arne: «os poemas são de Paulo Assumção.» Milton Garcia de Souza: «O autor é Manoel Bandeira.» Nilza Malone: «Os poemas são de Manoel Bandeira.» Carlos Melo: «Os versos publicados são de Manoel Bandeira.» José Cândido de Caldas: «O autor dos versos tão bonitos é Lêdo Ivo, o maior poeta brasileiro.» Lenira Salazar Falsetti: «os poemas pertencem ao poeta e paulista de quatrocentos anos, Paulo Assumção.» Marli Gamboa Melo: «o autor dos poemas apresentados é Augusto Frederico Schmidt.» Orlando Tapajós: «o autor é Menotti Del Pichia.» Celso Brito: «são de Mário Palmério.» Nilo Macedo: «O autor é Paulo Mendes Campos.» Olavo Madrugal: «Os versos são de Manoel Bandeira.» Olívio Jerônimo de Souza: «são de Manoel Bandeira.» Tito Hostílio Moraes: «o autor é Graciliano Ramos.» Marina Miranda: «os poemas são de Emílio Moura.» Arlete Machado: «o autor é Carlos Drumond de Andrade.» Como se vê a grande maioria das cartas é de **leitoras** e não de **leitores**. Quem quiser que se arrisque a tirar conseqüências. Nos próximos números continuaremos a publicação das respostas a pergunta formulada no nº 14 da REVISTA DA SEMANA: «de quem são estes poemas?»

O sr. Mário Gaudêncio, escreve para dizer que achou extraordinária a reportagem sobre Fernando Noronha. E explica: «reportagem objetiva, com dados inéditos e sensacionais e colocando magnificamente o problema». E termina perguntando: «como o repórter teria obtido esses dados ultra secretos?» Muito obrigado pelas referências, sr. Mário. Quanto a fonte onde obtivemos as informações, é preciso mantê-la em segredo para que possa ser usada outras vezes. Sempre em benefício dos leitores.

Nilton Malheiros, se confessando assíduo leitor e admirador da REVISTA DA SEMANA, diz «que está achando muito interessante os depoimentos das moças da nova geração. Não se trata pura e simplesmente de colocá-las fotograficamente, mas de depoimentos sérios e construtivos.» Muito obrigado, sr. Malheiros. O sr. não avalia o prazer que sentimos quando o leitor identifica e aplaude os nossos esforços.

INSUFICIÊNCIA HEPÁTICA

YAKUITAMIN



INTOXICAÇÕES

ANEMIAS

YAKUITAMIN

COMPLEXO INJETÁVEL

INSTITUTO BIOLÓGICO DO RIO DE JANEIRO, LTDA.
CAIXA POSTAL Nº 1.202

Loção XAMBÚ

DA BELEZA E VIGOR AOS CABELOS CONTRA A CASPA E CABELOS BRANCOS EXITO GARANTIDO

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO
Preço no varejo Cr\$ 100,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
Por Vale Postal Cr\$ 125,50

LEIAM

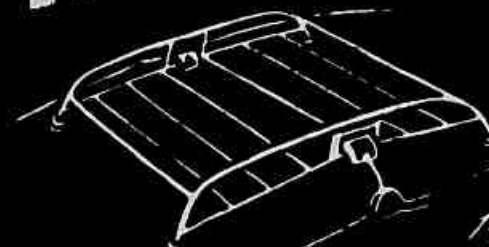
EU SEI TUDO

A VENDA

CR\$ 10,00

Redação: Maranguape 15
Rio — Lapa

“Mil” lhe oferece:



PORTA MALAS SUPER LUXO CROMADOS-PINTADOS

REMOVIVEL - COLOCAÇÃO FACIL

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98A
52-1066 - 22-6134 RIO DE JANEIRO





— ROMA, 1948. — Gina Lollobrigida posa para um fotógrafo. Tem os cabelos longos e a expressão tímida. Ainda não havia conhecido Milko Škofic, o homem que haveria de ajudá-la a se tornar famosa. Ela própria tinha convicção de que não era «um tipo»



— ROMA, 1949. — Gina Lollobrigida no início da sua carreira cinematográfica. Havia feito o seu primeiro filme, «No Fundo do Coração», sob o pseudônimo de Giana Loris. Os fotógrafos já se interessavam por ela, e as revistas lhe dedicavam algum espaço

O fascínio das estrêlas não é segredo

AS MULHERES SÓ CONQUISTAM A BELEZA AOS TRINTA ANOS

AS MULHERES BELAS (CANDIDATAS AO ESTRELATO) DEVEM APENAS SABER SORRIR, VESTIR RAZOÁVELMENTE E ANDAR DE UM CERTO JEITO: DO RESTO ENCARREGAM-SE AS FOTOGRAFIAS E A PUBLICIDADE — O EXEMPLO MAIS IMPRESSIONANTE: GRETA GARBO — MARLENE DIETRICH TAMBÉM TEVE UM COMEÇO RUIM — RITA HAYWORTH, MARILYN MONROE, LOLLOBRIGIDA E SOFIA LOREN FORAM ACONSELHADAS A NÃO SE DEDICAR AO CINEMA: NÃO TERIAM CHANCE — KIM NOVAK, REVELAÇÃO POR ACASO

Reportagem de LUIZ SODRÉ



— ROMA, 1956. — Gina Lollobrigida no atelier de Schubert. Usa um vestido de veludo róseo, com o qual deveria participar, em Londres, da recepção à Rainha Elizabeth. Todavia, na última hora, o vestido foi considerado demasiado audacioso para a visita à Rainha



— ROMA, 1957. — Gina Lollobrigida numa foto muito recente. É difícil reconhecer nesta senhora sofisticada e bela a moça desajeitada de há dez anos passados. O tempo aumentou o fascínio da atriz. O sucesso, afirma um médico, faz bem à saúde e melhora a pele

Exemplo mais patente é o de Greta Garbo. Quando chegou à América no já distanciado ano de 1924, Greta Gustafsson era apenas uma adolescente um pouco gorda e insípida, com os cabelos crespos e mal penteados. Existe uma foto sua em roupa de banho que, Deus nos perdoe, faz até pena. Clara Brown, um momento antes de submetê-la à prova, exclamou: «Minha querida, você tem um temperamento dramático, mas o seu físico não ajuda. Volte dentro de uma semana. Nesse entretanto, perca dez quilos, mude o penteado e adquira um pouco de classe». Uma semana depois, Greta voltou. Havia perdido dez quilos (como o conseguiu em tão pouco tempo continua um mistério) e arranjado os cabelos. Porém, o seu tipo não estava muito mudado. Deveria transcorrer um ano antes que Greta Garbo se transformasse naquela criatura diáfana e exangue que ficará na história da moda e do cinema como «A Divina». A Garbo veio a ser a Garbo com o passar do tempo.

Agora falemos de Marlene Dietrich, que foi o deleite de duas gerações, como o «Anjo Azul». Certamente todos se recordam daquela fotografia de Marlene Dietrich, na qual ela aparece com a mão na cintura, a cabeça para trás, as pernas de fora, com as ligas visíveis. Naquela época, seus vestidos provocantes e ousados deram-lhe a glória. Hoje atrai apenas sorrisos. Quem poderá comparar a Marlene do «Anjo Azul» com a Marlene do «Expresso de Shanghai»? Como quer que seja, conquistou uma nova expressão e as suas célebres pernas tornaram-se cada vez mais belas. Pode ser que isto seja fidelidade a uma simples recordação; mas, ainda hoje, não obstante a avançada idade da atriz, suas pernas são as mais belas de quantas já saíram da Alemanha para fazer fortuna na América.

O que agora vamos dizer vale por tudo o mais: Rita Hayworth, que está hoje na casa dos quarenta, com a primeira ruga e muitas desilusões, é mais interessante do que quando era bailarina de flamengo e se chamava Rita Cansino. Ava Gardner, com seus olhos adoráveis, tem mais admiradores do que quando se casou com Mickey Rooney. Grace Kelly, ainda que às voltas com o casamento e com a maternidade, é bem mais expressiva do que quando pousava para as capas da revista «Mc Call's». E assim acontece com todas as moças que foram «Miss Qualquer Coisa», e depois se transformaram em atrizes de cinema. O sucesso au-

menta o seu fascínio. Com o passar dos anos, a glória cresce na mesma proporção da metamorfose física. E não há necessidade de refazerem o nariz, como Martine Carol e Eleonora Rossi Drago, a fim de mudar a linha do rosto. Confronte-se as fotografias dessas beldades: veja-se quem são agora e quem eram há dez anos passados, quando não tinham fama. Claro que são a mesma mulher: porém não se assemelham mais.

A primeira fotografia de Marilyn Monroe, tirada em 1943, quando Marilyn era apenas Norma Jean Mortenson, esposa de um simples polícia, com 17 anos e antes de ser eleita a «Miss Torta de Queijo» fala eloquentemente. Nada mais que uma mocinha vulgar, sem personalidade, mas graciosa. Era muito magra, de cabelos castanhos, ainda não havia aprendido a decotar o vestido. Alguns anos depois, confessaria: «Eu era obcecada pela certeza de ser feia. Sentia-me banal e ridícula: isto me apavorava. Ninguém se voltava para me olhar. Fui para Hollywood sem que fizesse qualquer sucesso. Mas quando pentearam os meus cabelos de maneira diferente, me ensinaram a vestir e a andar de um certo modo, quando vi a minha fotografia nos jornais, então, passei a achar-me bonita: acabei ficando convencida». Hollywood a havia transformado. A Marilyn que vimos em «Uma Aventura na África» e em «Eva contra Eva» já era uma garota que perturbava o sono de muita gente. E a glória aumentou quando desposou o dramaturgo Arthur Miller. Para adquirir uma personalidade, Marilyn teve que esperar pelos trinta anos.

A primeira fotografia de Gina Lollobrigida foi tirada em 1947; quando ela, participou da eleição para «Miss Itália». Naquela época, Gina tinha vinte anos. Estudava canto e pretendia ser um soprano. Era realmente bela, mas precisava antes ser recebida pelo Presidente Eisenhower e pela Rainha Elizabeth da Inglaterra para se tornar ainda mais bela. Na Companhia Cinecittà, ninguém lhe demonstrava consideração. Contracenava com Maria Denis, e o diretor Mario Soldati dizia a seu respeito: «É muito gorda, tem os olhos muito redondos e as pernas muito curtas. Não adianta você querer fazer cinema. Está perdendo o seu tempo». Depois do seu primeiro filme, Gina mandou arranjar os cabelos, fez uma longa dieta e valizou o seu busto. Também neste caso, o tempo desempenhou o seu importante papel.

AS MULHERES SÓ CONQUISTAM A BELEZA DEPOIS DOS 30 ANOS



— STRESSA, 1950. — Sofia passa diante da mesa julgadora, por ocasião do concurso para a escolha da «Miss Itália»



— ROMA, 1951. — Sofia Loren aos dezenove anos. Já começava a ser chamada de Loren, e se iniciava no cinema



— ROMA, 1957. — Sofia Loren numa foto recente. É a mais bela atriz da Europa. Magra, vaporosa, criou o seu tipo de Vamp

E Loren, que andava metida naqueles horrorosos vestidos em 1950. Sofia Loren, aos dezessete anos, tinha as pernas ligeiramente tortas e o busto pouco desenvolvido. Aos dezoito anos trabalhava no cinema ganhando vinte mil liras por mês e posava para a câmara com o nome de Sofia Scicolone. Decididamente não prometia ir além. Jovens como ela existiam aos milhares em Roma. Jean Negulesco não perdeu seu tempo em testá-la. Os jornais americanos não concediam espaço para publicar suas medidas, e os registros de Hollywood ignoravam, mesmo a sua existência. A jovem da fotografia batida seis anos depois, sabe tudo isto. A sua boca é a mesma, os olhos não estão diferentes do que eram. Mas todo o seu corpo tem um outro sabor, porque é o corpo de uma deusa.

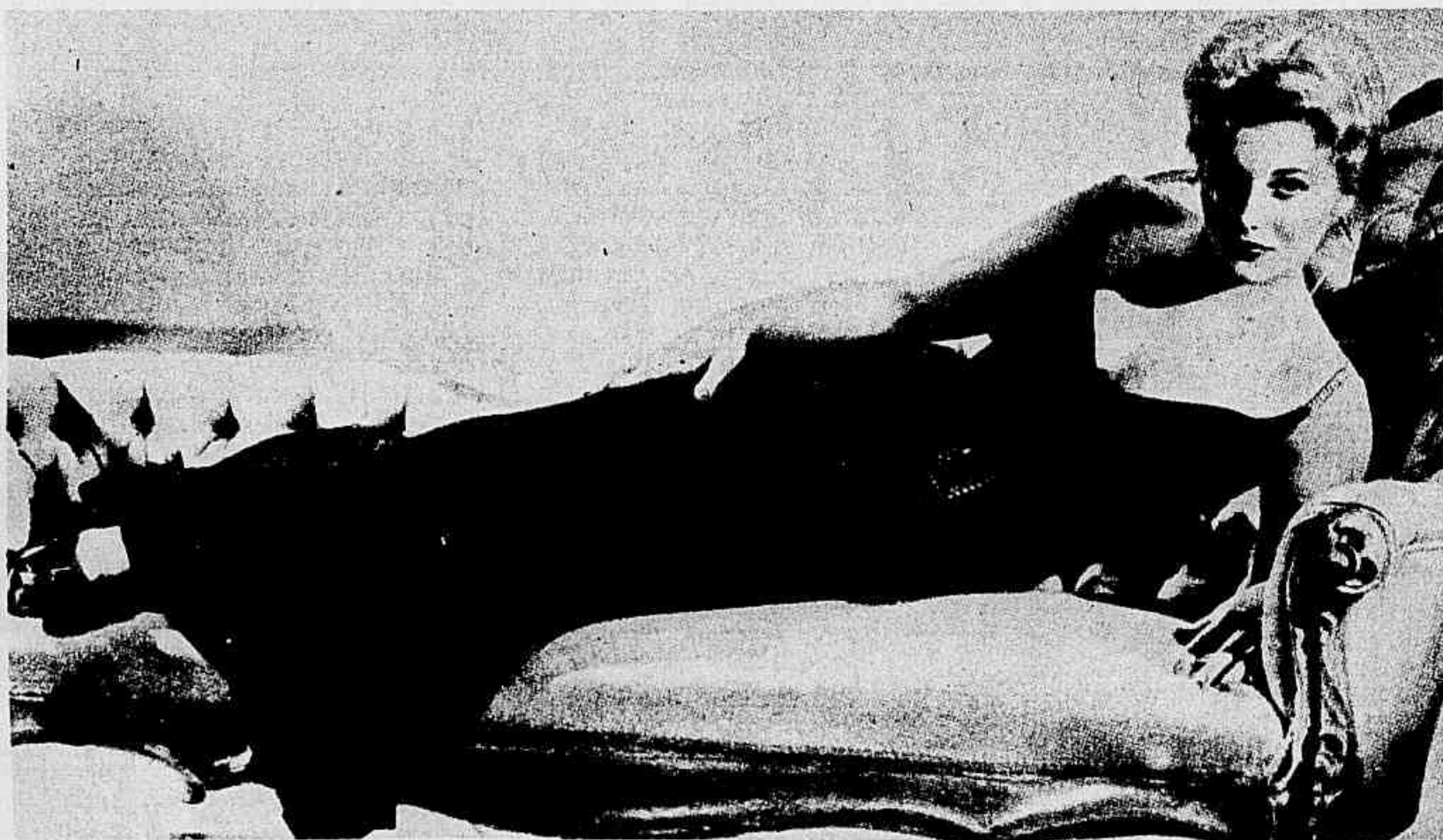
A mesma coisa ocorria com Diana Dors, quando contava dezenove anos e era datilógrafa de uma companhia de seguro. Não que fôsse propriamente feia. Mas nada fazia prevê que ela chegasse a ser considerada uma mulher fatal. Pobre Diana. Não possuía um Rolls Royce, nem mesmo vestidos que atraíssem a atenção, e ninguém ainda havia se lembrado de tirar-lhe uma fotografia sensacional numa piscina. Para que ela fôsse lançada como a «resposta inglesa à Marilyn Monroe», era necessário que ela perdesse, no mínimo, oito quilos. Em suma, precisava se tornar a Diana. E quando veio a ser a Diana, parecia uma outra jovem. Podemos julgá-la explosiva ou antipática, uma atriz decente ou estúpida: mas não podemos dizer que ela não seja uma mulher de personalidade, agora que está com seus trinta anos, especialmente quando se mete num biquini. Angariou fama: os jornais e revistas publicam as suas fotografias e, Deus que as perdoe, muitas jovens procuram imitá-la.

Dediquemos, finalmente, algumas palavras a Kim Novak. A mocinha morena das primeiras fotografias não tem nada de mais. Seu nome verdadeiro é Marilyn Novak e vivia num pensionato para aspirantes a artistas, o Estúdio Clube. Não era muito feia: mas as suas companheiras de curso não pareciam inferiores a ela. Vivia treinando dia e noite para corrigir a voz. Foi então que apareceu a sua chance. Marilyn Monroe precisava de uma substituta para um de seus papéis. Chamaram Kim Novak, oxigenaram-lhe os cabelos, impuseram-lhe sessenta quilos de peso e impingiram-lhe uma expressão de sonolência. Mandaram-na para Cannes metida num vestido negro. Apenas um ano de esforço e o mundo via nascer uma «estrela».

Agora, vejamos a que se deve tais metamorfoses. Uns atribuem ao mérito em si mesmo. Nós achamos que se deve tudo isto aos ensinamentos, à maneira de vestir, de sorrir, de andar. Os agentes de publicidade e repórteres de jornais e revistas dizem que depende da publicidade. O fato é que criamos o mito e, quando uma jovem conquista uma certa popularidade, o público, em parte tolhido pela sugestão, passa a considerá-la ainda mais bela. Outros acham que depende do aspecto físico da atriz. Mas existem outros fatores como a dieta, uma hora certa para dormir, para fazer ginástica, etc. Os psicanalistas afirmam que se trata de um fenômeno de auto-sugestão. Uma mulher rica e admirada, dizem eles, leva sempre uma grande vantagem sobre uma jovem pobre e desconhecida. Esta última não cuida de si enquanto vive no anonimato. A primeira se empenha em se tornar bela porque sabe que todos a observam e a julgam. Eis o segredo das belezas do cinema.



— NOVA IORQUE. — Kim Novak aos dezessete anos. Chamava-se Marilyn, estudava canto, recitação, era tímida, magra e insignificante



— HOLLYWOOD. — Kim Novak, em 1957, no seu último filme: «Cinco Contra um Cassino», no qual se conta a história de quatro rapazes e de uma moça que assaltam os cofres de um Cassino



— LOS ANGELES. — Marilyn Monroe, quando fazia carreira como modelo. Já naquela época havia conquistado o honroso título de «Miss Torta de Queijo»



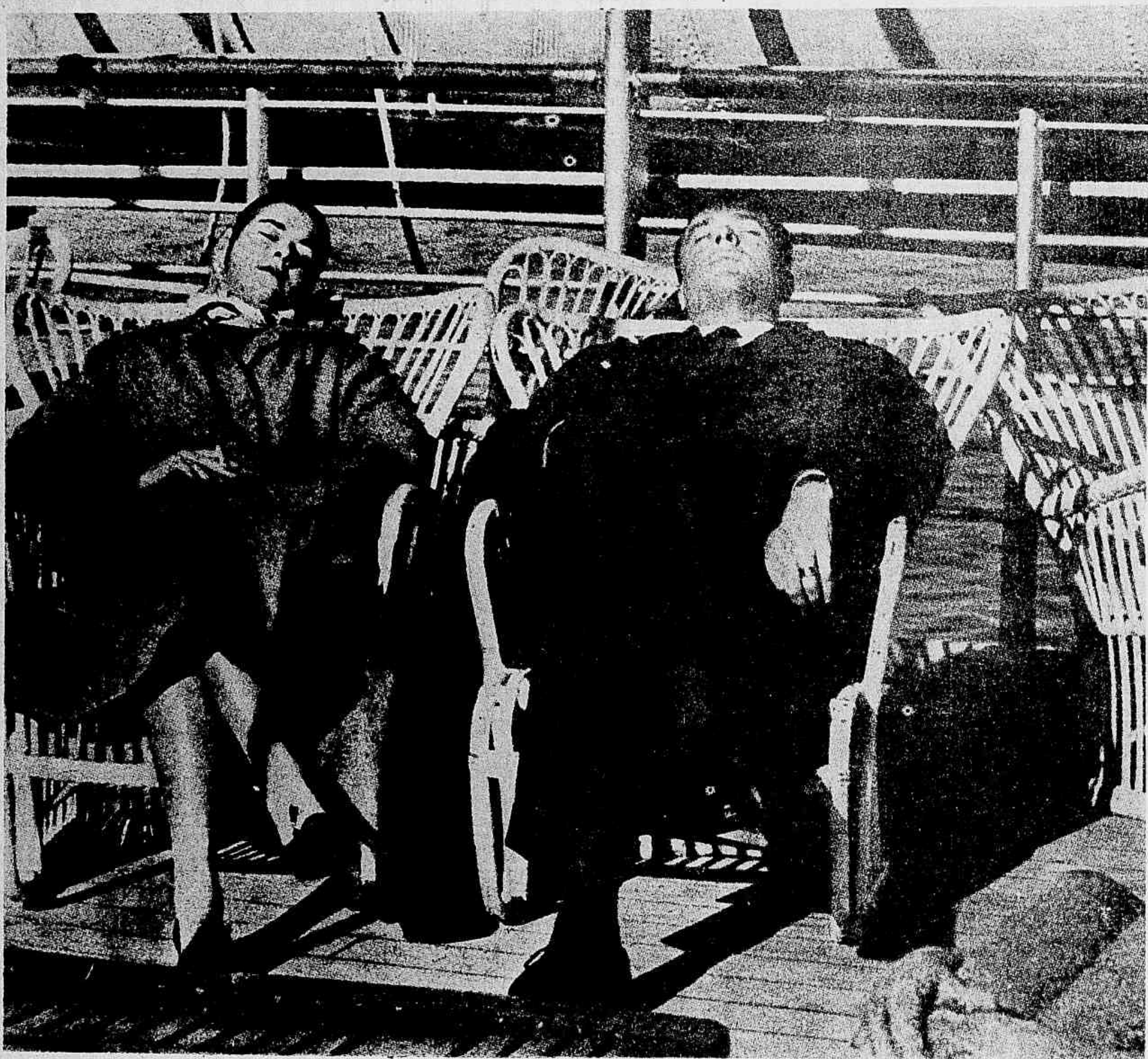
— HOLLYWOOD. — Marilyn Monroe numa cena do filme: «Quando a Mulher Está em Férias». A atual senhora Miller é uma criatura invulgar. E embora seja bastante sofisticada, está sendo muito imitada. E está no auge da popularidade



— LONDRES. — Diana Dors no tempo em que não passava de uma jovem gorda e sem graça. Aos dezenove anos era datilógrafa, porém, já alimentava grandes ambições



— HOLLYWOOD. — Diana Dors, agora mulher fatal do cinema, posa para o fotógrafo. Seus cabelos estão bem «mudados». A ambiciosa datilógrafa fez carreira no cinema, e tornou-se uma das atrizes mais populares do mundo



Elena de França e Everardo de Limburg-Stirun, dormem, cansados, a bordo do navio italiano, «Europa». Depois de viajarem de automóvel, de avião e de navio, os príncipes se entregam, exaustos

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS

Sòmente uma cicatriz lembra que êstes dois meninos (Gary e Lary) são (ou eram), siameses. Nasceram ligados pela base da espinha dorsal, e os médicos dizem que é o primeiro caso de siameses ligados assim. Estão passando bem, e de agora em diante só uma quase imperceptível cicatriz lembrará o passado





As irmãs Badgett (Geraldine, Joyce, Joan e Jeannette) quando tinham 1 ano (foto pequena), e agora ao completarem 18 primaveras. É um dos poucos casos conhecidos de gêmeos que sobrevivem todos, e que atingem a maioridade sem nenhum contratempo. Eles nasceram e vivem na cidade de Galveston, no Texas

POR ESSE MUNDO DE DEUS

DEPOIS DA CHEGADA DE CAROLINE

GRACE REAPARECE BELA E SORRIDENTE

Grace Kelly e Ranieri de Mônaco deixam a Abadia de São Carlos, depois da missa solene pelo nascimento de Caroline. A princesa Grace usava (foto) um casaco de «vison» selvagem e um chapéuzinho de veludo



Grace se inclina ligeiramente e beija o anel do titular de São Carlos. Atrás dela está Rainieri (elegantíssimo)



O príncipe Ranieri se inclina também para beijar o anel do príncipe da igreja. Grace era a mulher mais bonita presente a Catedral



Os príncipes deixam a catedral depois da cerimônia que durou quase duas horas. Em determinado momento da cerimônia Grace deu sinal de cansaço; mas aguentou firme até o fim. Parece que ela ainda não se recuperou totalmente



Depois de chegarem ao palácio, Ranieri e Grace vão ao balcão para saudar a multidão que os espera pacientemente. Grace vestia então um costume preto, muito singelo e, voltava a exibir o seu belo sorriso, o que encantou Ranieri

GILDA E DENISE LEIRAUD DUAS IRMÃS

DIFERENTES EM GOSTOS, TIPO FÍSICO E ATÉ EM TEMPERAMENTO — NÃO QUEREM CONSELHOS DOS MAIS VELHOS, QUEREM EXEMPLOS — QUASE NUNCA ESTÃO DE ACÓRDO E AS VEZES BRIGAM PARA VALER — O HOMEM IDEAL E AS MAIORES FIGURAS DA SOCIEDADE — DENISE É MAIS CALMA E GILDA MAIS TURBULENTA — DEFININDO SOCIEDADE E «CAFÉ SOCIETY» — NÃO FALAM MAL DE NINGUÉM

Reportagem de CARLOS LEMOS

Fotos YLLEN KERR

NUM fim de tarde, duas irmãs, uma loura (Denise) e outra morena (Gilda) saíram com o repórter e o fotógrafo. Posaram para fotografias, contaram coisas, defenderam a nova geração e descobriram como é bonito o fim de tarde no Arpoador. Viram os pescadores — na pedra e no mar — e atrapalharam — com bom humor — os casais de namorados. Molharam os pés e subiram nas pedras.

São as Leiraud, Gilda e Denise.

Foi Gilda — e Denise concordou — quem defendeu as moças da nova geração:

— Não precisamos de conselhos dos adultos. Precisamos, isto sim, é de exemplos. Quase só temos mal exemplos. Tudo que sabemos, ou fazemos de ruim, não foi aprendido com crianças e sim com gente grande.

Denise reforçou:

— Essa geração é igual a qualquer outra. Se disserem que sofreu a influência da guerra, vamos examinar a que apareceu depois da guerra de 1914. Foi muito pior.

Mas nem sempre Gilda e Denise Leiraud estão de acordo. Até ao contrário. Discordam e brigam muito, de algum tempo para cá. Não sabem direito por que.

Um exemplo:

O homem ideal, "para casar", de Gilda, precisaria ser "rico, de classe e que inspire amor". O de Denise terá que ser "honesto e perseverante." Riqueza e beleza podem ajudar, mas não é imprescindível.

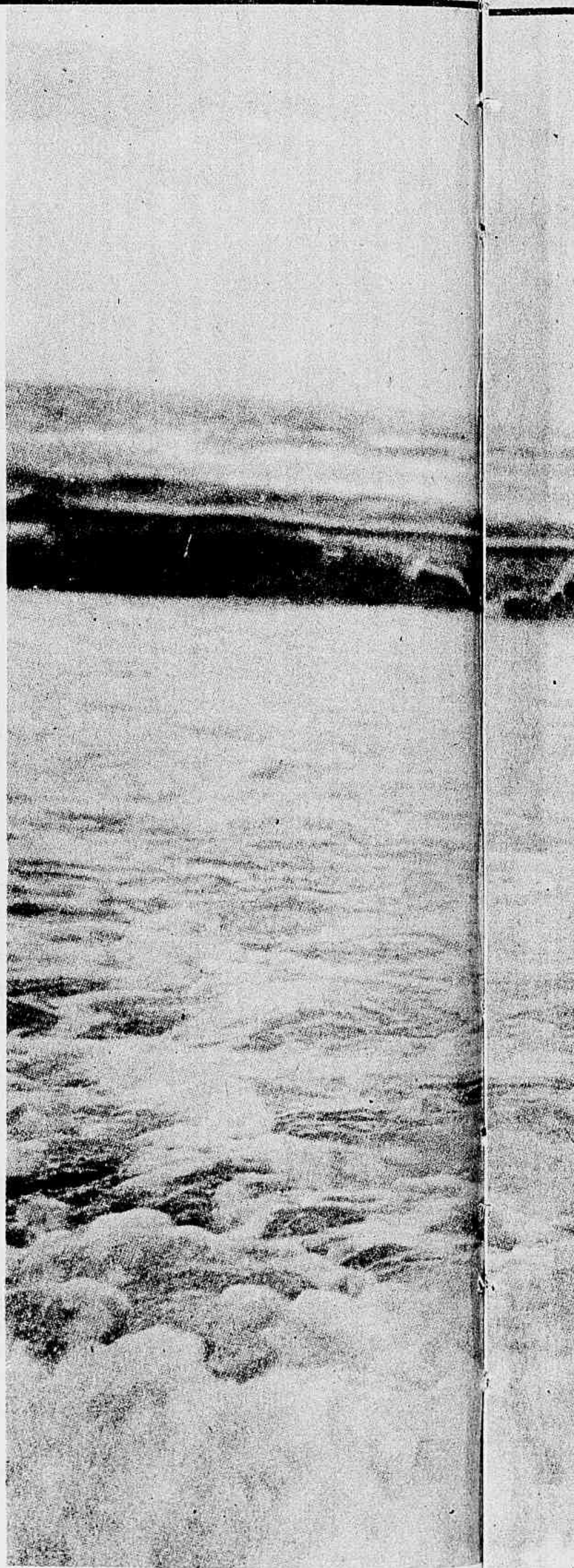
Denise casaria a qualquer instante, desde que encontrasse o "seu homem". Gilda não se julga preparada para o casamento.

SOCIEDADE E CAFÉ SOCIETY

Voltam a concordar nas opiniões sobre café society e sociedade:

— "Café society é um grupo de pessoas que querem se divertir ao máximo. Alta sociedade é um grupo de pessoas que deseja manter a tradição de qualquer maneira."

E discordam no que seja mais importante para uma mulher.



Gilda (a morena), e Denise (a loura),

AS IRMÃS NÃO MUITO SIAMESAS



Gilda (a morena), Denise (a loira), diferentes em quase tudo, se identificam e se encontram finalmente numa mesma paixão: o mar. Frequentadoras assíduas do Arpoador, e piscina do Copa e de toda e qualquer praia que der sopa por perto

GILDA E DENISE



A morena é mais turbulenta. A loura é calma e repousante. Gilda e Denise Leiraud. De comum entre as duas, só existe mesmo o nome

Denise: "É ser feminina".

Gilda: "Ter classe e saber se portar bem em qualquer situação."

Para Denise, o mais importante para um homem é ser perseverante. Para Gilda é viver.

SÃO DIFERENTES

Gilda, mais velha, nascida em Niterói, a 17 de março de 1937, é mais expansiva, ri mais. Denise, de Friburgo, nascida em 3 de setembro de 1938, é mais retraída, observa mais do que fala.

Escolhem as profissões: Gilda queria ser rica. Denise quer ser jornalista. (Vai fazer vestibular para a Faculdade de Filosofia, cadeira de jornalismo, esse ano).

Além disso, gostariam de ser poeta (Denise) e atriz: "uma segunda Sarah

Bernhardt" (Gilda). "Não sou, porque não tenho quem me encaminhe."

São as duas mais moças, de uma família de quatro filhos. Os dois mais velhos são homens.

COMO OCUPAM O DIA

Denise está sempre estudando. Gilda "dormindo", telefonando e indo às aulas de línguas, por obrigação".

A noite, seus programas são juntos e "o Sacha's e casas de pessoas conhecidas são os lugares mais freqüentados."

Também vão se divertir juntas: andar de lancha, dançar e ir à praia (Arpoador).

Denise não gosta de viajar: "gosto é de chegar nos lugares", mas Gilda diz que gosta "e muito". Quanto mais agita-

da a viagem, com mais acidentes, melhor".

— "Quem as lançou?"

— "Ainda não me considero lançada" — responde Gilda.

— "Minha eleição para Miss Bangu do Clube Militar" — diz Denise.

— "E é bom ser personagem dos colonistas?"

— "Não sei. Acho que quanto menos gente nos conhece, melhor" — retruca Denise.

— "Só tem uma desvantagem: é a de muita gente ter opinião formada sobre nós, sem, ao menos, nos conhecer" — afirma Gilda.

— "E os melhores colonistas?"

A resposta vem em conjunto: Ibrahim Sued e Jacinto de Thormes.



Denise disse ao repórter que gosta muito de jornalismo e vai começar a estudá-lo numa de nossas Faculdades. No momento essa é a sua preocupação maior

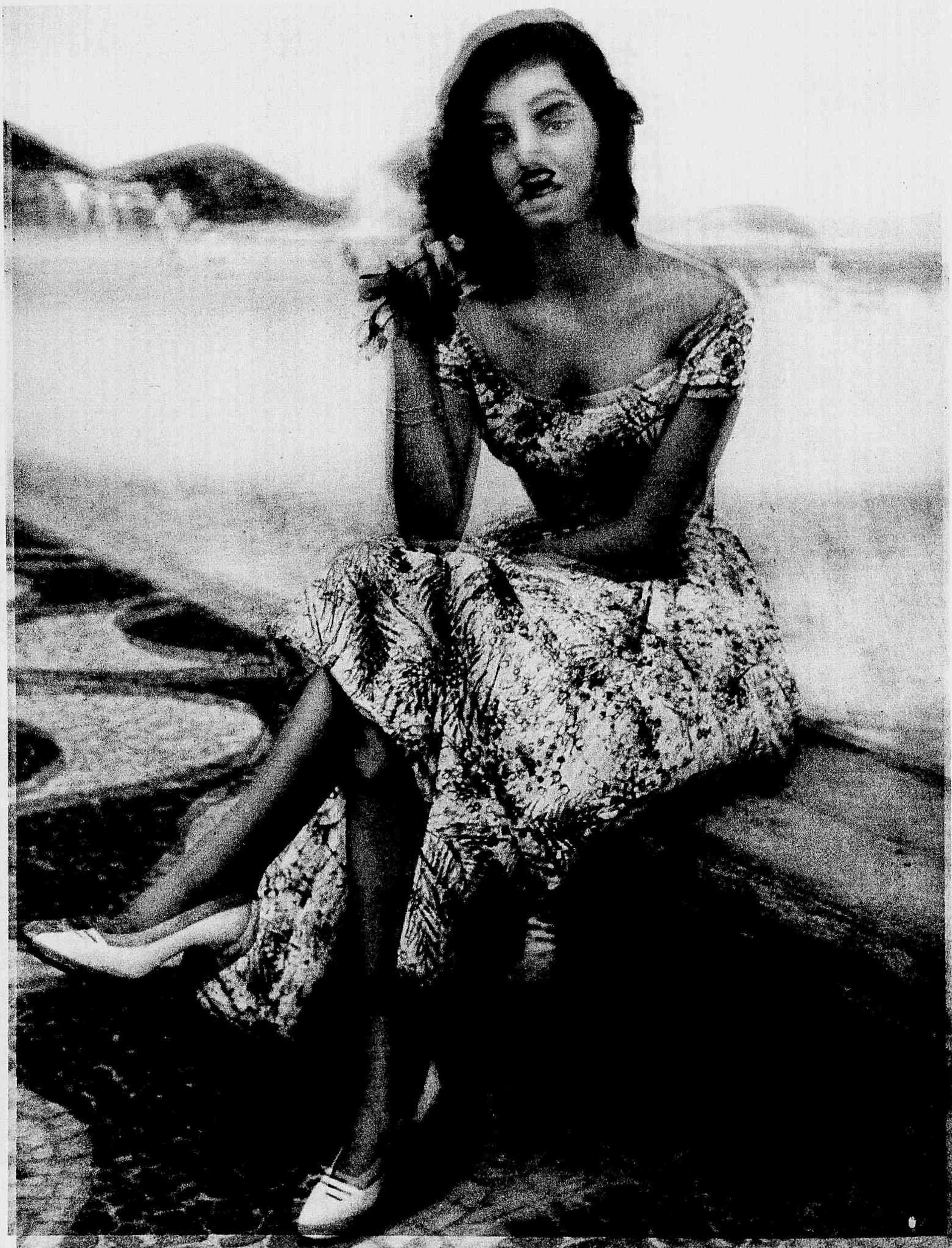
REVISTA
DA SEMANA

GILDA LEIRAUD





DENISE LEIRAUD



A moça. A flor. E a solidão. Parece título de poema de Carlos Drumond de Andrade. Mas é apenas Gilda Leiraud triste (por que?), sentada na praia de Copacabana

Per
da so
escolh



Pergunto quais são as maiores figuras da sociedade. Entre as mulheres, Gilda escolhe d. Candinha Silveira. Denise fica

com d. Candinha, mas acrescenta o nome de d. Lourdes Catão. Para escolher o homem demoram. Dizem que é difícil encontrar. No final, de comum acôrdo, escolhem Felix Kovarick.

Mara Barbosa é a melhor amiga de Denise. Gilda diz que não tem amigas.

NÃO FALAM MAL

Dou-lhes liberdade para falar de alguém, se quiserem. Não querem. Gostam de todos.

Uma pergunta:

— "Se faltassem 24 horas para o mundo acabar, que fariam?"

— "Acho que seria um dia como outro qualquer". (Denise)

— "Ficaria tão desesperada que acabava não fazendo nada". (Gilda).

A última pergunta:

— "Se fôssem deputados, qual seria o primeiro projeto que apresentariam?"

Gilda responde: "Um que não permi-



tisse a interferência da Igreja e das Forças Armadas no govêrno".

Denise diz: "Instituição do divórcio".

AS PREFERÊNCIAS

GILDA	DENISE
Nossas fotografias Ma Griffe Italiana Maugham e Cronin Branco De origem africana Vivian Leigh e William Holden Jeanne Crain Não acredito em beleza masculina Adoro Natação Legaliza situações Botafogo (sem convicção)	COLEÇÕES PERFUME COMIDA LEITURA CÔR MÚSICA CINEMA MULHER MAIS BONITA HOMEM MAIS BONITO ROCK 'N ROLL ESPORTE DIVÓRCIO CLUBE Caixa de fósforo e cinzeiros Miss Dior Italiana Tudo, Machado de Assis especialmente Azul Qualquer Marlon Brando e Julie Harris Marta Rocha Tony M. Veiga Gosto Nenhum Necessário Fluminense

Desânimo Abatimento



Desânimo, abatimento, mau humor, palpitações, ansiedade, excitações nervosas, dores de cabeça e outros distúrbios mais sérios da saúde podem ser causados pelas inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Quando estes órgãos não funcionam normalmente, o gênio da mulher altera-se quase sempre, e ela pensa, não raro, que está sofrendo de muitas doenças, sem desconfiar, nem se lembrar, que os seus males podem ser provenientes de congestões e inflamações útero-ovarianas.

Em semelhantes casos, uma boa medicação descongestionante exercerá efeito salutar sobre todo o organismo, e a mulher sentir-se-á outra: reanimada, bem mais disposta e contente com a vida, que lhe parecia, antes do tratamento, um pesado fardo.

Trate-se

Use Regulador Gesteira

Regulador Gesteira é o remédio de confiança para tratar as congestões e inflamações dos órgãos útero-ovarianos, que tão desfavorável repercussão costumam ter no sistema nervoso.

Comece hoje mesmo

a usar Regulador Gesteira

VALEMIN

— ADULTO —

Um fortificante
de



— INFANTIL —

comprovada
eficiência

Inst. Biológico do Rio de Janeiro Ltda.
CAIXA POSTAL 1202

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos



Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»

SEM COMPROMISSO

FERNANDO PAULO



Volta-se a falar com insistência na Inglaterra, no provável (e próximo) casamento da princesa Margareth. Os jornais e revistas londrinos, acentuam a propósito, que a princesa voltou a exibir o seu esplêndido sorriso

Saiu o primeiro número da edição espanhola da revista «O Cruzeiro». 150 mil exemplares de tiragem. Circulará em 18 países. Em matéria de propaganda do Brasil no exterior nunca foi feito nada tão importante.

* * *

A moda francesa para a presente estação, está colocada sob o signo do Extremo Oriente. Todos os observadores comentam a predileção dos criadores pelos temas exóticos da Ásia.

* * *

O cinema americano vai fazer uma ofensiva sobre os principais cartazes italianos. Fala-se inclusive na volta de Ingrid Bergman a Hollywood.

* * *

Um novo quadro de basquetebol americano (tipo «Globetrotter»), mas mais espetacular virá ao Brasil em junho.

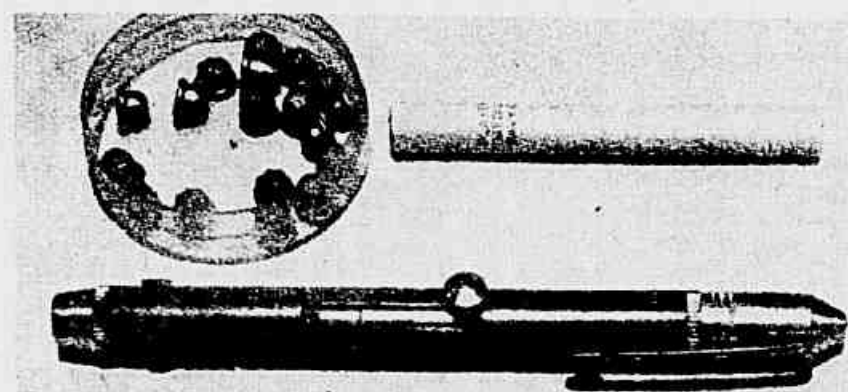
* * *

Franceses interessados em fazer um filme no Brasil pelo sistema de co-produção. Mas os candidatos brasileiros ainda não foram escolhidos.

* * *

Foram comprados (com entrada paga) nos EE.UU. 4 equipamentos completos para instalação de emissora de televisão. Não foram fornecidos os nomes dos compradores. Mas sabe-se (com certeza), que duas se destinam as 1ª - Mairinque e Continental. Uma (possivelmente) para a TV-Nacional. E a quarta? A quem se destinaria?

(Cont. na pág. 42)



Embora não pareça, isso que se vê na foto, é uma arma, e perigosíssima. Foi apreendida pela polícia dos EE.UU. Calibre 22, pode lançar balas ou gás lacrimogêneo. E é mortal até 7 metros de distância

OTÁVIO DE FARIA, CATEGÓRICO:



O escritor, reconhecida e confessadamente católico, se insubordina com a rotina e com o conformismo

ACREDITO NA EXISTÊNCIA DO DEMÔNIO!

É UM CATÓLICO QUE ESCANDALIZA ALGUNS DOS ATUAIS DONOS DO NOSSO CATOLICISMO ★ "NÃO FREQUENTO FESTAS NEM JANTAREZINHOS ARTÍSTICOS — E DETESTO RODINHAS LITERÁRIAS E ANTI-CÁMARAS DE ACADEMIAS..." ★ "CONSIDERO-ME CATÓLICO, APOSTÓLICO ROMANO. NATURALMENTE NÃO SOU, NEM ME JULGO UM BOM CATÓLICO" ★ PARECE O 7º FILHO DA TRAGÉDIA BURGUESA

Reportagem de GASPARINO DAMATA
REVISTA DA SEMANA — 37



OTÁVIO DE FARIA

OS GOSTOS DO ESCRITOR

Otávio Faria, na intimidade chamado de «Tatá», é filho de um antigo e conceituado banqueiro, cunhado de um escritor famoso e líder católico, Alceu do Amoroso Lima (Tristão de Aláide), e contraparente de Afrânio Peixoto. Acho que dizendo isso... basta! Indivíduo de estatura um pouco abaixo da mediana, na casa dos quarenta, já um pouquinho gordo, é solteiro e mora num belo apartamento em companhia de uma irmã casada, na praia de Botafogo. Vive cercado de livros, de bons discos, de amigos inteligentes, cultos, desde menino, até agora; se não tivesse inclinação para as letras, veia de escritor, seria até aberração!

A quantidade de admiradores e leitores que tem, aqui e na Província, se gostasse de política, seria o suficiente para o eleger quando menos, deputado. Porém são poucos, raríssimos mesmos, os que já o viram ou trocaram com ele duas palavras. E daí, sem dúvida, as lendas absurdas, controversas que correm em torno de sua pessoa; o retrato exótico, terrível, que dele ainda hoje pintam alguns dos seus leitores mais fanáticos.

Antes da gente falar com o autor da «Tragédia Burguesa», pelo menos é essa a nossa opinião pessoal, ele nos dá a impressão de um menino que lutou com todas as forças para não crescer, mas cresceu sempre. E quando fala, sentimos imediatamente estar diante de um homem amadurecido; de um homem de temperamento fogoso, arrebatado; de um espírito irrequieto, inclinado à polêmica; de um grande trágico da nossa literatura.

O táxi finalmente aparece; entramos, mandamos o motorista tocar para o largo do Boticário; são dez e tanto da manhã, linda manhã carioca, de céu quase a pino, queimando. A caminho, como era natural, fui então provando o terreno, puxando pelo escritor, provocando, insinuando; bancando, inclusive, o menino de leva-e-trás...

A TRAGÉDIA BURGUESA

Uma das partes mais curiosas desta nossa entrevista com o notável romancista de «Mundos Mortos» e tantos outros livros de sucesso constitui nisto: fazer ao mesmo, para matar a curiosidade de alguns leitores seus, uma série de perguntas... O que não deixa de constituir uma novidade, pois que, em geral, o entrevistador, arbitrariamente, lançando mão de «charvões», de perguntas esquemáticas, é quem as faz ao entrevistado.

O romancista não deixa de sorrir e ao mesmo tempo se mostra surpreso com a inovação; pernas cruzadas, confortavelmente instalado ao seu lado, digo:

— Bem, Otávio, trago aqui escrita uma recada... Uns admiradores seus que desejam saber...

O romancista põe a mão no peito, sorri mais uma vez mais encolado, fingindo embargo; indaga:

— Admiradores... leitores meus? Mas será que sou assim tão lido, tão admirado?

A sua companhia é-me deveras agradável, porém a verdade é que não tenho tempo a perder; despaço:

— O leitor Edson Neri da Fonseca quer saber em quem você se inspirou para criar o personagem Pedro Borges. E o padre Luís...

— A resposta para as duas perguntas, só pode ser a mesma: jamais me inspirei em personagem alguma, viva ou morta, ou em mim mesmo, para criar qualquer dos meus personagens.

— Bem, vamos agora ao leitor Ironides Rodrigues: quer saber porque você sendo o maior romancista brasileiro (pelo menos o de perspectiva mais amplas), você não descreve em sua obra um personagem de côr.

— A resposta é simples, meu caro: meus romances mostram criaturas de um determinado meio, numa determinada época, atravessando uma determinada crise. Não pretende ser um painel de nossa sociedade ou do mundo moderno; mas apenas a história de um grupo de criaturas bastante particularizadas. Ora, acontece que nenhuma delas (pelo menos as de importância), é de côr.

— Aqui um outro leitor lhe pergunta «se a sua chamada fortuna pessoal o ajuda ou limita»...

Otávio responde sem parar, às vezes calmamente, sorrindo, outras vezes não conseguindo esconder uma pontinha de irritação...

— Não creio que a palavra «fortuna» corresponda bem aos magros haveres que possui. De qualquer modo, acredito que o que tenho me foi dado por Deus para que, com um pouco menos de dificuldade, consiga realizar (ou tentar realizar), o que me propus.

Agora uma pergunta final, que é feita por um padre beneditino de nossa particular amizade, mas que o romancista só conhece de nome. A pergunta deixa-o um tanto atordoado, perplexo:

— Você em sua obra, mostra uma grande inquietação, uma preocupação por Deus; você se considera católico?

— Bem, considero-me católico apostólico romano. Naturalmente, não sou nem me julgo um bom católico. Tenho as minhas dificuldades, como creio que todos têm. Espero, porém, com o tempo e a ajuda de Deus, vencê-las. E morrer perfeitamente em paz com todos os Sacramentos recebidos, não obstante a minha vaidade me induza a acreditar que isso possa decepcionar um pouco alguns dos atuais «donos» do nosso catolicismo.

O táxi pára diante do famoso e secular largo do Boticário; ele desce, paga a conta. Ao entrarmos, compreendemos de repente que estamos diante de um escritor que, embora não sendo absolutamente aquele tipo imaginado pelos seus inúmeros leitores, — mesmo nos seus momentos de grande expansividade, é ainda um homem fechado. Um ser misterioso — no qual a gente sente e vê refletir o estado instantâneo em cada uma de suas palavras, no ambiente de meninice-adoles, as coisas mais trágicas e incômodas do nosso tempo.

A literatura brasileira atual está cheia de escritores de algum (ou de nenhum) mérito, que se ocupam tanto em fazer publicidade pessoal, como qualquer «astro» de cinema ou certas cantoras do nosso rádio. E há também duas ou três senhoras ricas, desocupadas, que ao invés de sentarem praça nas «pioneiras sociais», preferem gastar com literatos vaidosos, enchendo a casa, oferecendo coquetéis. Bem, mas isso já é um outro assunto... As chamadas «tardes de autógrafos», as colunas, as reuniões regadas a uísque, em determinada «boite» de Copacabana, onde brilham escritores que nunca escreveram uma linha, e o próprio «café-society» literário, que o digam. Os nossos grandes escritores, felizmente, os valores autênticos, que conseguiram um nome, a admiração e o respeito de um público, — estes continuam a viver para o seu canto, trabalhando, produzindo. E evitando, sobremaneira, explorações e todo excesso de publicidade fácil, barata, em torno de seu nome; e são cada dia mais lidos, mais estimados e respeitados pelos seus numerosos leitores.

É este precisamente o caso do romancista Otávio de Faria, autor da tão conhecida e discutida «Tragédia Burguesa», cujo sétimo volume (O Senhor do Mundo) aparecerá em breve. O seu anunciado «Atração», que antes de ser entregue ao editor já causou ao autor uma série de aborrecimentos, pelo seu ousado tema (homossexualismo), verdadeiro espantinho dos nossos editores e da grande maioria de intelectuais, está na gaveta. E como soubemos que o grande romancista católico, que na sua vasta e curiosa obra sempre tratara este tema com certo recatamento, desta feita, porém, fizera-o de maneira aberta, livre, com bastante realidade, logo perguntamos:

— É verdade que o José Olímpio exigiu cortes?

O romancista responde meio exasperado:

— Que nada! Ao contrário, pelo gosto dele o livro sairia imediatamente e como está! Eu é que não quis... A idéia dos cortes, de só publicá-lo depois, foi toda minha! Pode dizer a quem perguntar...

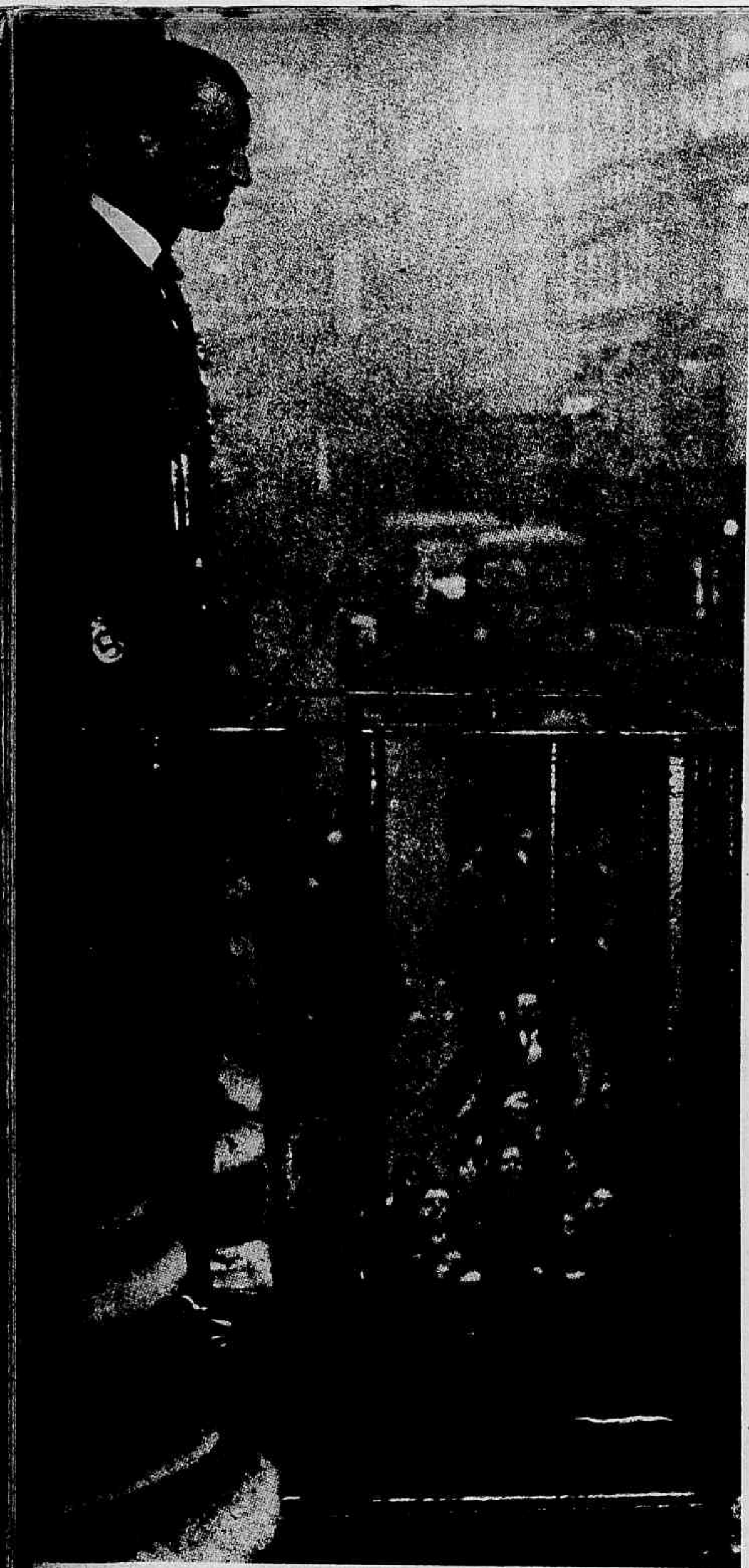
E elucidando o caso:

— O negócio é o seguinte: ao terminar o livro, verifiquei que estava incompleto. Ai resolvi escrever o resto, que se chamará «Montanheta», que com «Atração» — veja bem! — formará um volume só, «Os Malditos». E para você vê como essa gente inventa coisas...

O presente diálogo verificou-se no largo do Machado, no meio dia, às dez horas da manhã, enquanto aguardávamos a passagem de um táxi vazio, que nos levaria então ao largo do Boticário, lugar para mim ideal para se fazer umas belas fotos do romancista.



Otávio de Faria, um dos maiores romancistas brasileiro, se confessa contra rodinhas literárias e contra o desperdício de tempo



Philip ainda com a roupa de almirante chega ao balcão do palácio para receber a saudação de seus súditos

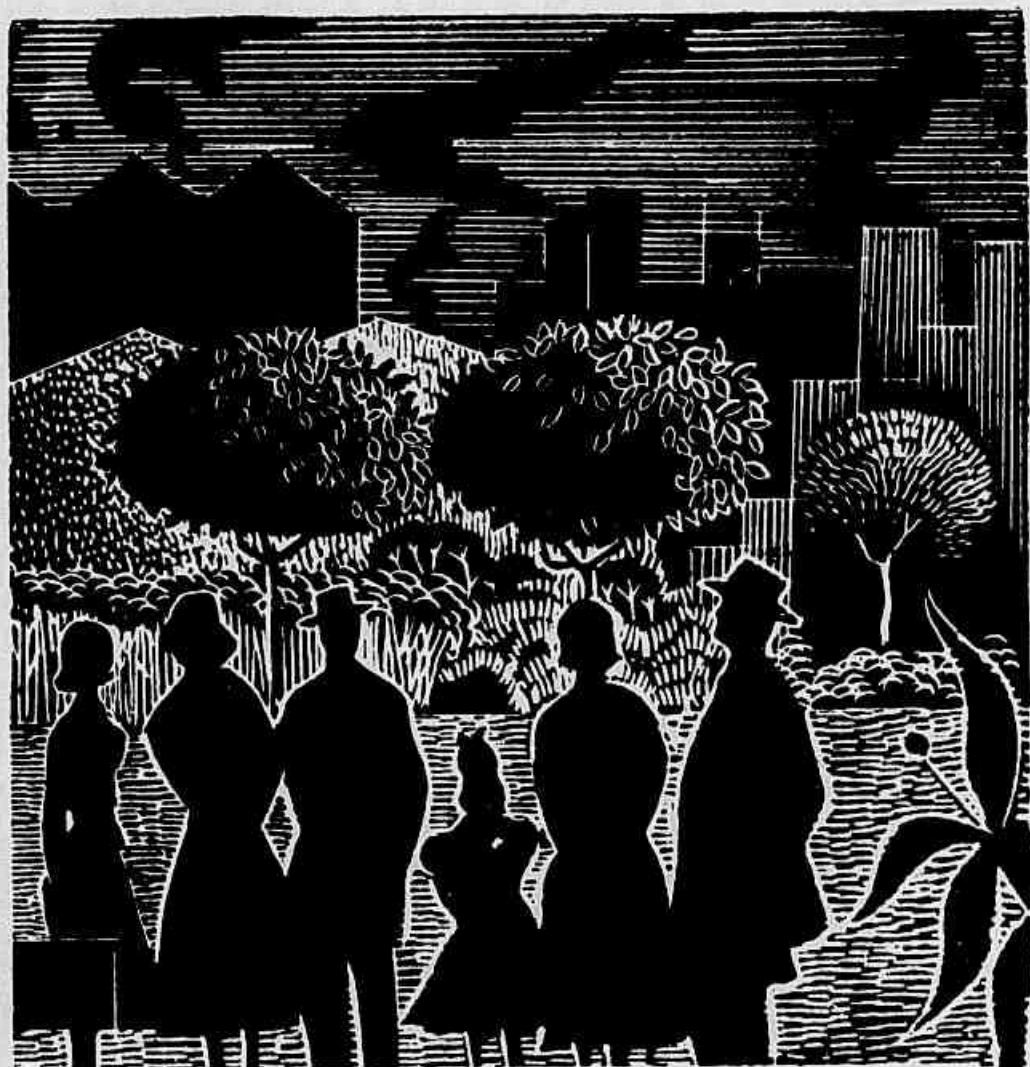
O príncipe retorna à casa e à admiração de seus súditos

◆ Depois de 4 meses Philip volta à casa. Sua ausência deu motivo aos boatos mais variados. Falaram em rugas com Elizabeth, em romance com a mulher de seu secretário, em separação definitiva. Mas agora retornando à casa Philip liquidou com os «disse-me-disse» tão comuns e compreensíveis. E retornando à sua rainha, o príncipe voltou também para a admiração de seus súditos, que lhe prepararam uma homenagem extraordinária no dia de sua chegada a Londres.





10 mil londrinos aplaudem Philip
e saúdam a sua volta ao lar



SOROCABA

e SÃO ROQUE

60 VIAGENS POR DIA!

das 6,00 às 22 hs.
cada meia hora

AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Rua Senador Queirós, 85 - Fones 34-2399 e 36-6402
Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

SOROCABA

Rua Mons. João Soares, 221 - 235 - Fone 654



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO BRASILEIRO

VIAÇÃO Ltda

AZASO - EB-8

SEM COMPROMISSO

(Cont. da pág. 36)

Rossellini não ficou satisfeito com o «Oscar», conquistado por Ingrid Bergman. Ele teria dito a amigos íntimos que essa foi a mais perigosa re-aproximação dos americanos com sua mulher



Economistas e técnicos franceses que visitaram o Brasil, chegaram a França declarando que o Brasil é o país do futuro. Ficaram realmente impressionados com as possibilidades de produção brasileira.

* * *

A televisão em Cuba progride espantosamente. É considerada por unanimidade, a melhor da América do Sul. Em matéria de artes gráficas o progresso cubano é também notável.

* * *

«Constance» e «Paris Match» muito interessados em «rodar» uma edição brasileira. As duas (tanto a alemã como a francesa) têm excelente penetração no Brasil.

* * *

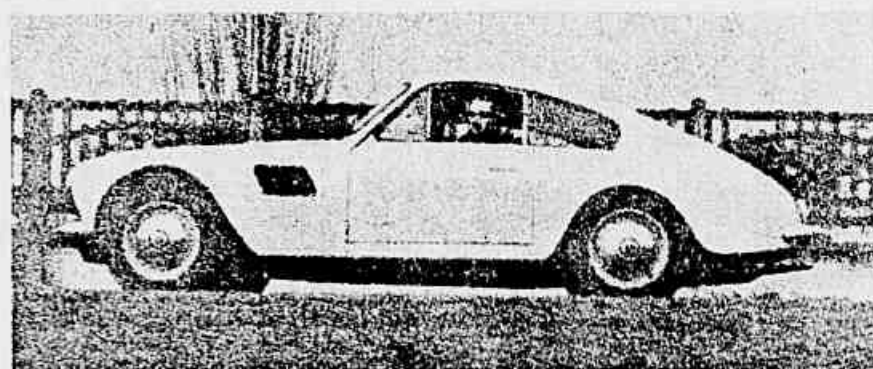
Interesse na Europa por vários produtos brasileiros. Inexplicável o desinteresse e o descaso dos produtores do Brasil.

* * *

Muita gente interessada em incentivar o turismo brasileiro. Capitalistas estrangeiros, com vasta experiência do assunto dizem que no Brasil isso é um dos grandes negócios. E inteiramente virgem, acrescentam.

* * *

Lançados nos EE.UU. centenas de produtos farmacêuticos com ação específica ilimitada. Esses produtos são indicados desde dores lombares até explosão de mau humor e similares.



Um mecânico francês construiu (sôzinho) este modelo de automóvel que se vê na foto. Muito elegante, sóbrio, com um motor de 11 C.V., e capaz de alcançar a velocidade de 170 quilômetros à hora, com o máximo de segurança

SOCIEDADE

Por JEFF THOMAS



Jeff Thomas cumprimenta a Condessa Pereira Carneiro depois do desfile da Casa Canadá de Luxo.

A CONDÊSSA E O COLUNISTA



Em Paris, no restaurante «La Table du Roi» a senhorita Gilda Chamma com seus pais. Gilda aparece coroada de princesa e o sr. Chamma de rei.

Pequenos Flashes

ABERTURA DA «SAISON». Coquetéis. Reuniões. Recepções. A Canadá de Luxo apresenta uma «preview» com modelos dos mais famosos figurinistas de Paris. A senhora Jack Peliks promoveu uma tarde realmente «suspense» sob o comando do risonho sr. Zacarias do Régo Monteiro com a devida assistência da simpática dona Mena Fiala. Da nova coleção apresentada pela Canadá, o lançamento bomba foi a côr champanha. Entrevistando rapidamente senhoras elegantes presentes ao desfile, como: a condessa Modesto Leal, a sra. Olga Bianchi, a sr. Lêda Galiez, sra. Neuza Andrade; tôdas acharam que os modelos de passeio são mais «suspense» que os de «soirée».

Colunista Carlos Machado: no bilhete que você me enviou sábado pela sua coluna, nota-se, além de um estilo primoroso, que o levará certamente à Academia, um certo provincianismo (que com a sua permissão classificarei humildemente como **angelismo**), e a tendência insopitável de fugir à verdade. Você diz que em Nova Iorque os colunistas «não têm direito nem a dar uma olhadela no «show»». Não exagere, meu caro Machado. Em Nova Iorque (principalmente nos lugares «rafineés»), o colunista é sempre convidado da casa, e note-se (isso é muito importante) sem que se exija d'ele que se transforme num «picadinho relations» ou num «cronista amestrado». Em Nova Iorque um colunista bebe, come, continua com a sua personalidade intacta e não se preocupa com «questiúnculas» de notas e pagamentos. Enfim, não nos desesperemos. Nova Iorque é Nova Iorque. O Rio de Janeiro é o Rio de Janeiro. E nas noites cariocas Carlos Machado é deus e o colunista é o seu profeta. Obrigatoriamente.

O Clube Comercial, reiniciou na recente «soirée», seus jantares dançantes, apresentando um movimentado «show» com o Conjunto Farroupilha e a orquestra do fabuloso Bené Nunes. Nessa noite o sr. Álvaro Cardoso Feio, atual diretor social do clube, fez um ligeiro «speak» sob a primeira «mudança-de-idade» na «boite» do clube em questão.

Um dos casais mais simpáticos que circulam atualmente na «soirée-snob» carioca, é o sr. e sra. Eugenio Raja Gabaglia. A bonita Maria Helena era na «soirée» de sábado a elegância mais «suspense» no Sacha's.

O «business-man» Walter Moreira Sales, uma das maiores potências da América do Sul, almoçava quarta-feira discretamente com um amigo comum no restaurante do Glória.

O embaixador da Espanha e sra. Sañer na outra semana receberam para uma solenidade onde foram condecoradas várias personalidades brasileiras.

Becky Klabin reapareceu na «soirée-snob» com um elegante modelo vermelho. A sra. Klabin usa um novo corte de cabelo, bem curto.

O mais elegante deputado paulista, sr. João Pacheco Chaves, dançando em uma «boite».

O diretor geral da Bangu e sra. Vieira Machado estão passando atualmente uma temporada no Hotel Glória, onde ocupam o luxuoso

apartamento pertencente ao ministro Guilherme da Silveira, que morou lá durante dez anos.

O deputado paulista Maya Lelo muito eufórico com a vitória do sr. Ademar de Barros, convidava na outra noite no Sacha's um grupo de amigos para a posse do conhecido político dia 8 na Prefeitura de São Paulo. Este colunista convidado não pôde comparecer.

A «boite» Fiesta contratou a cantora Elizete Cardoso para acontecer em suas noites. Trata-se de uma boa aquisição. Pois a cantora em questão fez um sucesso dos diabos no falecido Vogue.

Em Lima, Peru, o nosso conhecido Virgílio de Góis está com frequência participando da «soirée» das «boites» locais. O Virgílio tem como seu «date» uma jovem e milionária viúva peruana.

As senhoras Maria José Lopes e Virginia Guimarães fazendo sucesso na «soirée-snob» do último sábado.

P. S. Nas bancas o último número da revista internacional: «MONDO ITALIANO».



Senhora Lúcia Procópio de Carvalho, cujo desquite está acontecendo em São Paulo. Seu marido, o sr. Cornélio Procópio de Carvalho, já atuou na coluna social paulista sob a chancela de «Jerry». Gossips lamenta informar a separação desse jovem casal. Acontece que «Gossips são gossips» e daí?

Senhor
«muda
se da

GILDA
fala a
Maxim
bastan
«date».

BABY
nete-se
mou h
casal
péis p
pio de
blicad
de crô

AGO
formar
casal
res est

LILIA
poucos
tes a f

A IR
uma r
Renato

O N
está o
Countr
«Golde

SERO
com a
outra r
«Cheek

O G
centem
mo um
se de

NON
luxuos
noivo,
da hon

O PA
sorte p
Loeb,
São Pa

TERE
mente
mente

ELA



Senhor Osvaldo Penido, que comemorou sua «mudança de idade» no último domingo. Trata-se da figura do governo que mais frequenta a «soirée-snob».

Gossips

GILDA CHAMMA chegando de Paris e Londres, fala ao colunista das «soirée-snob» do famoso Maxim's. Trata-se de uma jovem de classe e bastante viajada. Gilda atualmente está sem «date».

BABY THOMAS, que comanda meu «gabinete-social» de GOSSIPS em São Paulo, informou há bem poucos dias que um conhecido casal do «high-society» local preparava os papéis para o desquite. É o casal Cornélio Procópio de Carvalho, cuja notícia não foi logo publicada nesta coluna por se tratar de um colega de crônica social paulista.

AGORA, de «Preview» para vocês: posso informar com absoluta segurança que o conhecido casal de artistas Anselmo Duarte — Ilka Soares está se separando.

LILIAM de Souza Gomes, divorciada há bem poucos meses nos States, está atualmente prestes a figurar na PRATELEIRA.

A IRREQUIETA Gilda Joppert compareceu a uma recente «soirée» escoltada pelo deputado Renato Archer.

O NOSSO conhecido Roberto (BOB) Lacerda, está organizando a mesa das celebridades do Country para a «soirée-snob» de Edith Piaf no «Golden-Room» do Copa no próximo dia 26.

SERGIO Chermont de Brito, de namoro firme com a italiana senhorita Gegê Romanelli. Na outra noite em um «night-club» eles dançavam «Cheek-to-Cheek».

O GALANTE deputado Augusto Viana, recentemente desquitado, pode ser apontado como um dos melhores partidos do Brasil. Trata-se de um nome muito bem lançado.

NONO SEVE comemorou no último sábado no luxuoso Sacha's sua «mudança-de-idade». Seu noivo, sr. Fernando Setembrino foi o promotor da homenagem.

O PAULISTA Raul Loeb, circulou no Rio sem sorte para suas aventuras de Don Juan. O sr. Loeb, é um campeão de acabar noivações em São Paulo.

TEREZA Mota, de São Paulo, está definitivamente residindo no Rio. A Tereza circula atualmente sem «date».

ELA continua figurando na PRATELEIRA.

FIGURAS "SNOB" DO "HIGH - SOCIETY"



Theresa de Souza Campos, tem um jeito «snob» todo seu.

◆ COMO todo «high-society» de categoria internacional, o nosso «high-society» também com suas figuras «SNOB» que transitam com a devida frequência pelos elegantes salões do Rio. Hoje vou focalizar nominalmente as figuras «SNOB» do «high-society» carioca escolhidas pelo colunista para «vedettes» dessa reportagem.

Vou começar com a senhora Nicole Hime. Pertencente à família Hime a jovem e loura Nicole, é realmente muito «suspense» e sensacional. Costuma «SNOBAR» muito, e circula somente com pequeno grupo. Só não conseguiu ainda dar uma «SNOBADA» no seu eterno noivo, sr. Ricardo Seabra.

Aluisio Muniz Freire, é um «SNOB» discreto. Dizem que o sr. «Pecô», como é chamado pelos íntimos passou a ser uma figura «SNOB» depois que participou da lista dos dez mais elegantes.

Teresa de Souza Campos, hoje uma das senhoras de maior popularidade no Brasil pela sua elegância e beleza, é sistematicamente em sociedade uma figura «SNOB». A senhora Souza Campos tem um jeito «SNOB» todo seu, que sempre lhe fica muito bem.

Existem outras figuras «SNOB» no «High-Society» carioca que deixo de apresentar na presente reportagem.

CONFIDENCIALMENTE E «BEM» SER «SNOB».



Nicole Hime, só não conseguiu ainda dar uma «snobada» no seu eterno noivo, sr. Roberto Seabra.



Sr. Aluisio Muniz Freire, é um «snob» discreto, depois de figurar entre os «10 mais».

PÁGINAS DO GALO BRANCO

M. QUE AMAVA A VIDA

● A bicicleta ia e vinha na calçada. M. trazia nos cabelos uma fita vermelha. Revejo-a esfogueada, o leve sorriso no rosto redondo. Era branca e cheia de corpo. Cheirava a madressilva. Piscava-me o olho quando me encontrava mas não era namôro, simples brincadeira maliciosa. Eu era um guri e, além do mais, gordo e sentimental. Só servia de fato para dizer coisas sobre a lua e as flores. O namorado ideal de M., ouvia-a certa vez descrever-lhe o tipo: musculoso, nadando bem, espigado, cabelos louros. O contrário, exatamente, da minha figura. Além disso deveria ser estudioso, passando sempre nos exames com boas notas. Nada de poesia. M. não queria amar ninguém metido a poeta.

Martirizava-me eu em vão, na esperança de que M. mudasse de gosto. Nunca mudaria nem estava em meu poder deixar de ser o que era, transformar-me num rapazinho esportivo e saudável. Todo o esforço despendido por mim, neste sentido, seria sempre em vão. Dei para correr na praia, para fazer exercícios mas os músculos não chegavam. E minha inclinação pelas coisas tristes mantinha-se inalterável. Não raro ia eu a enterros sem obrigação de o fazer; de certa feita velei horas seguidas, noite a dentro, o corpo de uma criança desconhecida; lia os romances mais pungentes e só gostava de fitas de cinema cheias de mortes. M. confidenciou a uma amiga que o meu pendor para a tristeza lhe causava nojo. A palavra foi nojo mesmo, severa expressão de repulsa. Nojo dos choramingas, do funéreo, do noivo do sepulcro. Não queria nada com sujeitos fúnebres. Gostava do que era forte e alegre. Lembro-me de uma vez em que se vestiu de escocesa, do seu modo de andar, do seu corpo em flor em roupa de banho, tão redondo e claro, das suas faixas...

◇

M. morreu cedo, vítima de uma doença terrível que começou com ferida no pé provocada por um prego. Não havia, a qua-

renta anos passados, remédios rápidos contra certas infecções. Foi-se a **menina e moça** com mais ou menos quinze anos. Já tinha, então, namorado fixo, a quem eu invejava em silêncio, dissimuladamente. Não encontrei em minha natureza resistência e coragem para ir vê-la morta. Preferi tomar um bonde e subir ao Alto da Boa Vista a fim de pôr-me em contacto com a natureza. Doía-me n'alma sua desapareição, e não era dor de amoroso, mas de puro e terrível espanto. Logo deixar este mundo, de repente, na aurora, essa criatura, expressão da vida na sua imagem mais esplêndida, mais radiosa, mais bela! Caminhando depois da linha do bonde perguntava-me eu que espécie de justiça divina é esta em que partem para o sono eterno ainda adolescente, os seres mais íntimos, mais próximos à terra? — Que te importa isso, se ela nunca te olhou direito e se nunca seria tua, soprava-me o baixo ressentimento e egoísmo?

Mas nenhum despeito ou ciúme póstumo impediram que eu chorasse sozinho, em plena mata da Tijuca, pensando dolorosamente na morta, na que estaria sendo enterrada exatamente naquele momento em que eu me escondia de todos como um bicho ferido.

◇

Revejo M. na bicicleta, para lá para cá, fazendo piruêtas. Os pés nus pedalando; brincando de namorado, fazendo-me um piscar de olho, de quando em quando, mas só para mexer comigo, para perturbar-me talvez.

Se M. teve tempo de pensar em alguma coisa, nas suas horas finais, deve ter-me dado razão e ter compreendido melhor e com mais simpatia o meu modo de encarar a vida, esta vida que é triste, ainda mais triste na realidade do que eu o suponha...



Revolução na UDN

PARA O CATETE COM ARMAS OU COM VOTOS

O "PARTIDO DA ETERNA VIGILANCIA" MUDA DE RUMO E RESOLVE CONQUISTAR O PODER ★ JOSÉ CÂNDIDO FERRAZ: "FAREMOS ALIANÇAS EM TODOS OS ESTADOS" ★ EDILBERTO RIBEIRO DE CASTRO: "NO ESTADO DO RIO SÓ QUEM FICOU CONTRA JURACI, FOI O DOUTOR PRADO KELLY E O SUPLENTE DO SAUDOSO BARTOLOMEU LISANDRO" ★ RAUL FERNANDES COMPARECEU PARA VOTAR EM JURACI ★ OS GRANDES DERROTADOS: EDUARDO GOMES E PRADO KELLY

Reportagem de MAURO BRAGA

Fotos de ALBERTO FERREIRA

◆ Depois de muita onda, muita discussão e muita controvérsia, foi eleito o novo Presidente da UDN. Chama-se Juraci Magalhães. É um homem honesto, decente, revolucionário, político e administrador. Mesmo seus

piores inimigos, dizem apenas (como acusação terrível) que «ele colaborou com Vargas». Se essa afirmação invalidasse alguém para qualquer cargo no Brasil, então ninguém seria mais nada. Pois quem não colabo-

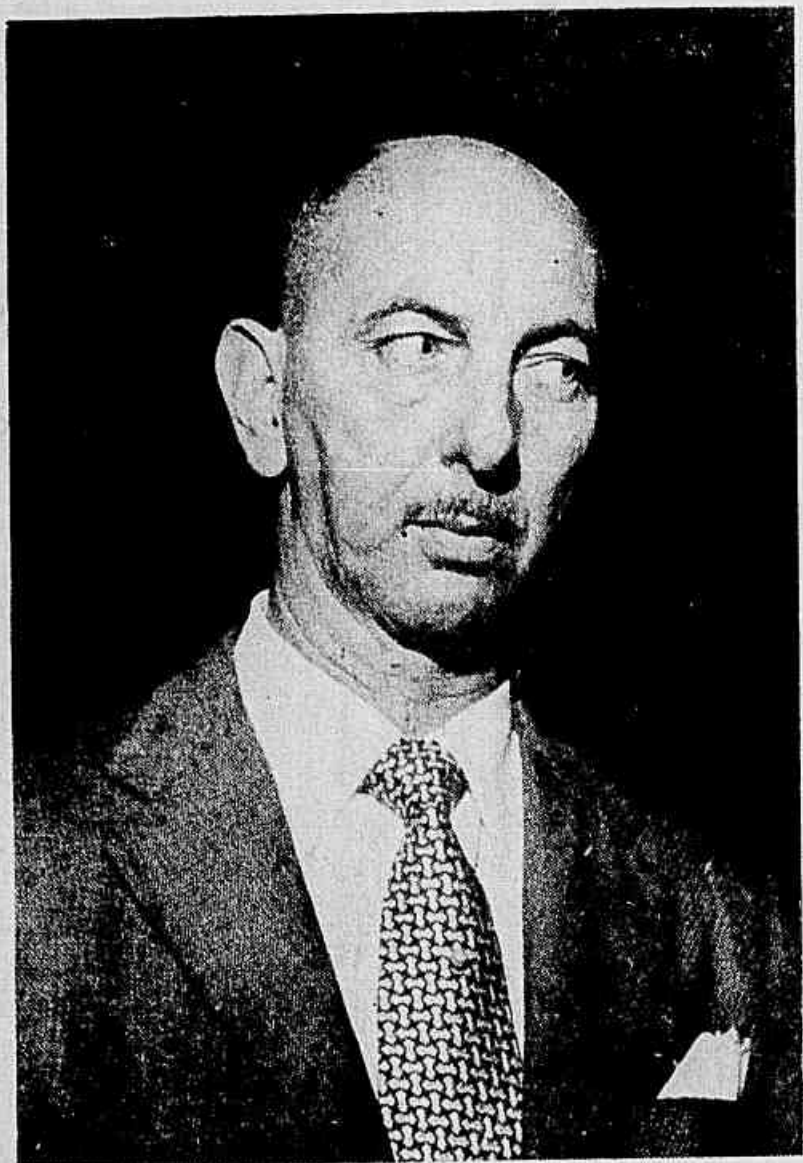
OS "REALISTAS"



Edilberto Ribeiro de Castro, Virgílio Távora e José Cândido Ferraz: os novos donos da UDN e grandes vitóriosos com Carlos Lacerda e Juraci Magalhães.



O Coronel Juraci Magalhães foi eleito presidente da UDN. Não importa que tenha tido votos contra. O que interessa é que o partido resolveu mudar de rumos e o instrumento dessa mudança será o coronel Juraci. «Ao Catete, com armas ou com votos», é o novo lema.



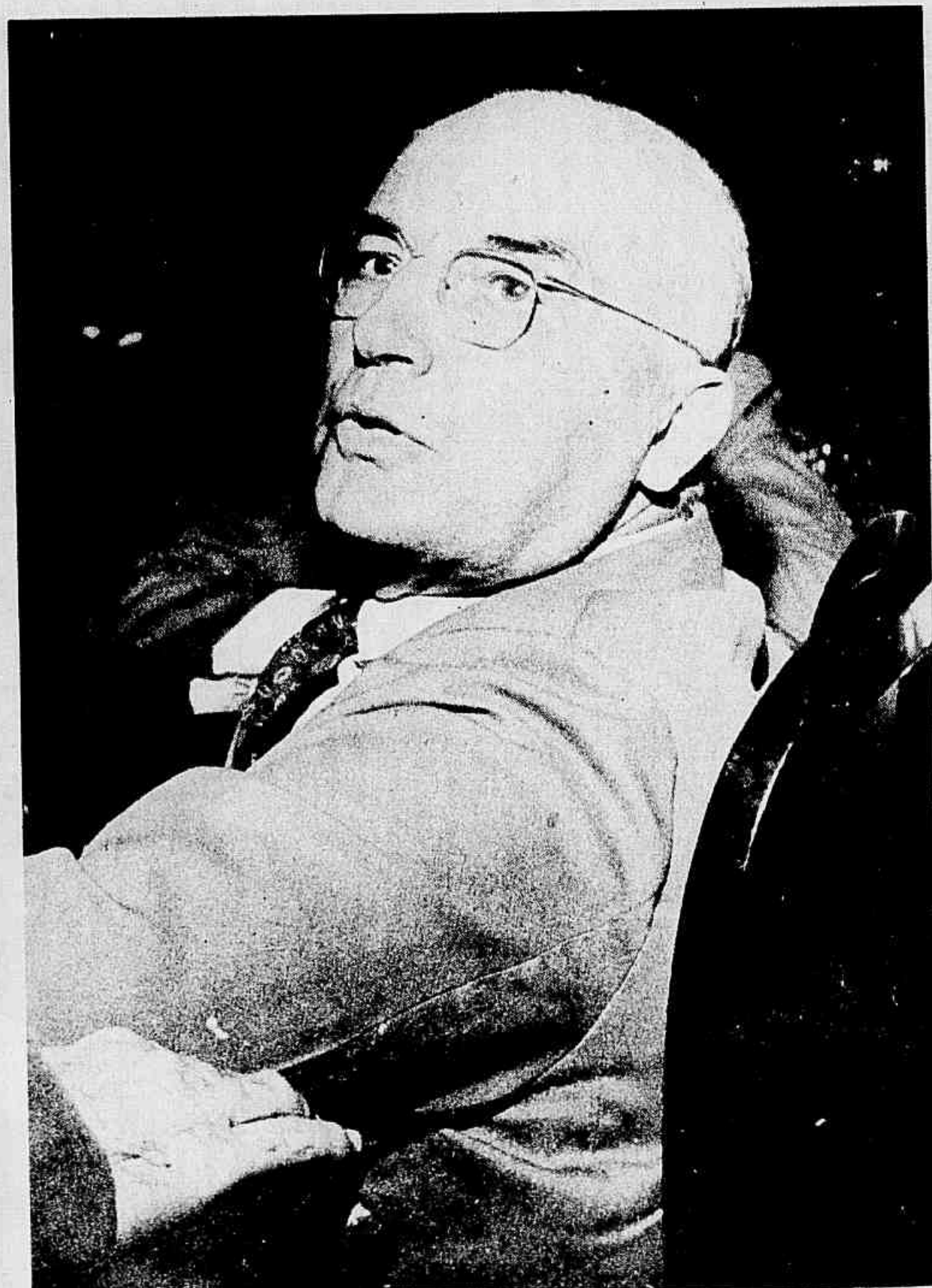
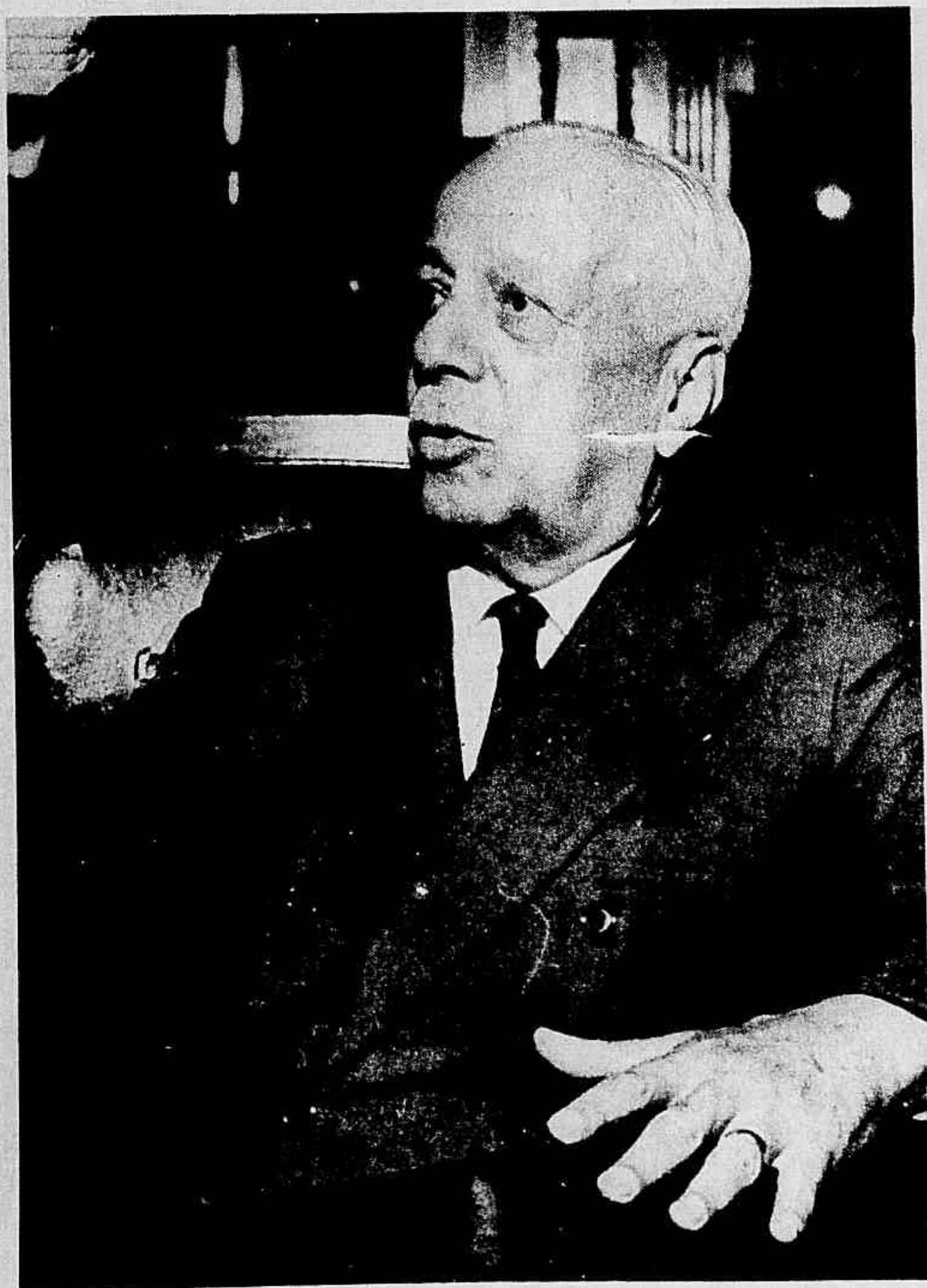
«O suplente do saudoso deputado Bartolomeu Lisandro», votou contra Juraci. É contra colaboração. Mas há pouco tempo pediu a amigos que intercedessem junto a Juscelino, para que pudesse continuar na Presidência da Caixa Econômica do Estado do Rio.



Raul Fernandes compareceu especialmente para votar em Juraci Magalhães. Quando lhe perguntaram se havia votado em branco, afirmou: «um homem como eu, não sai de casa para votar em branco.»



Afonso Arinos se insurge contra a classificação de «bacharel». Acha que é injusta e faz questão de provar o que diz. Sua luta contra Juraci era resultante do medo de provocar a cisão com o PL, e acabar o bloco minoritário, de que é líder.



Otávio Mangabeira fez muita força para derrotar seu archi-inimigo Juraci. Mas foi derrotado, e termina melancolicamente uma grande carreira política. Odilon Braga (à direita) deixou que articulassem seu nome para concorrer com Juraci Magalhães. Foi derrotado.

NA UDN: "REALISTAS CONTRA BACHARÉIS PEDANTES"

rou (com aspas ou sem elas) com Getúlio Vargas? Ascendino Leite costuma dizer: «Eu vi Nestor Duarte colaborar!» E ninguém com mais «cartaz» de opositorista do que o deputado baiano.

O que interessa na eleição de Juraci é constatar que a UDN mudou de rumo. Cansou-se da «oposição intelectualizada», distante do povo e dos votos, apenas atuante nos gabinetes e nas convenções. Conforme foi dito no dia da eleição de Juraci: «a UDN agora, com essa eleição, marcha para o Catele com votos ou com armas.» O orador quis significar com isso, que depositava inteira confiança na ação (dupla) de Juraci Magalhães: na sua capacidade eleitoral e na sua reconhecida penetração nas forças armadas.

Virgílio Távora, Edilberto Ribeiro de Castro e José Cândido Ferraz foram os articuladores principais (e os artífices da vitória) da candidatura Juraci. Deram a vitória a Juraci Magalhães como já haviam dado a vitória a Carlos Lacerda. E foram tão surpreendentes os dois movimentos, tão fulminantes e de tal maneira vitoriosos, que mesmo eles («os três mosqueteiros realistas») estão perplexos. José Cândido, perguntou (como quem confessa) a este repórter: «será que nós sabemos o que estamos

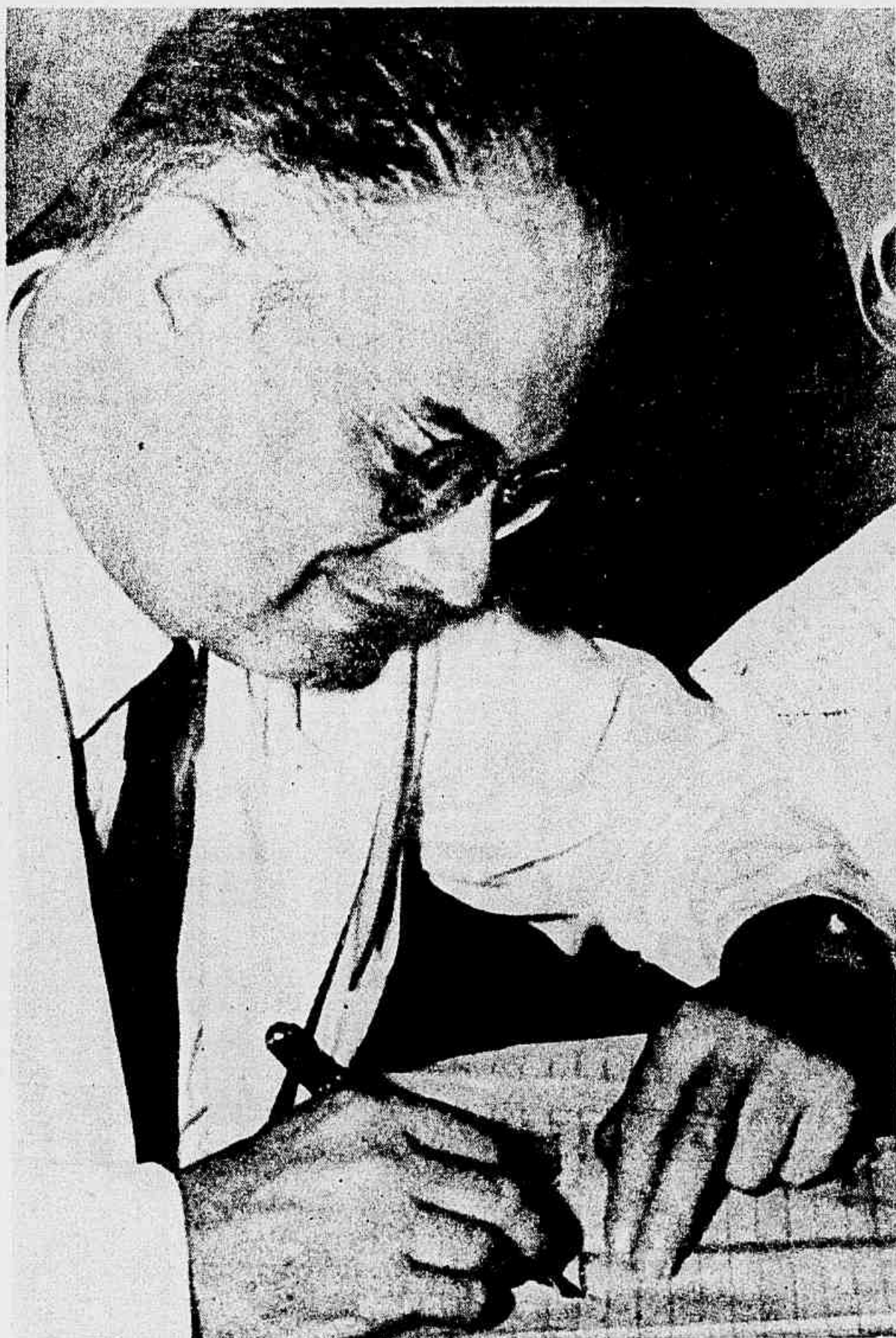
fazendo?» E Virgílio Távora confessou a Carlos Castelo Branco («Diário Carioca», 9 de abril de 57, Diário de um repórter): «Foi tão bom que ainda não estou acreditando que seja verdade.»

José Cândido Ferraz sem se alterar, diz: «a vitória de Juraci, significa que iniciamos a marcha batida para o poder. Faremos alianças em todos os Estados, com todos os partidos.»

Edilberto Ribeiro de Castro (quase sempre calado, preferindo trabalhar em vez de perder tempo) afirma: «a UDN do Estado do Rio, em péso, ficou com Juraci. Até o doutor Raul Fernandes, uma das glórias do partido, saiu de casa para votar em Juraci. Contra ele só ficaram Prado Kelly e o suplente do saudoso deputado Bartolomeu Lisandro. O que significa isso?»

Não há dúvida que o doutor Prado Kelly e o brigadeiro Eduardo Gomes foram os grandes derrotados na última convenção. Foi principalmente contra o espírito (e não contra as figuras) de Prado Kelly e do brigadeiro que se exerceu a ação dos novos donos do Partido.

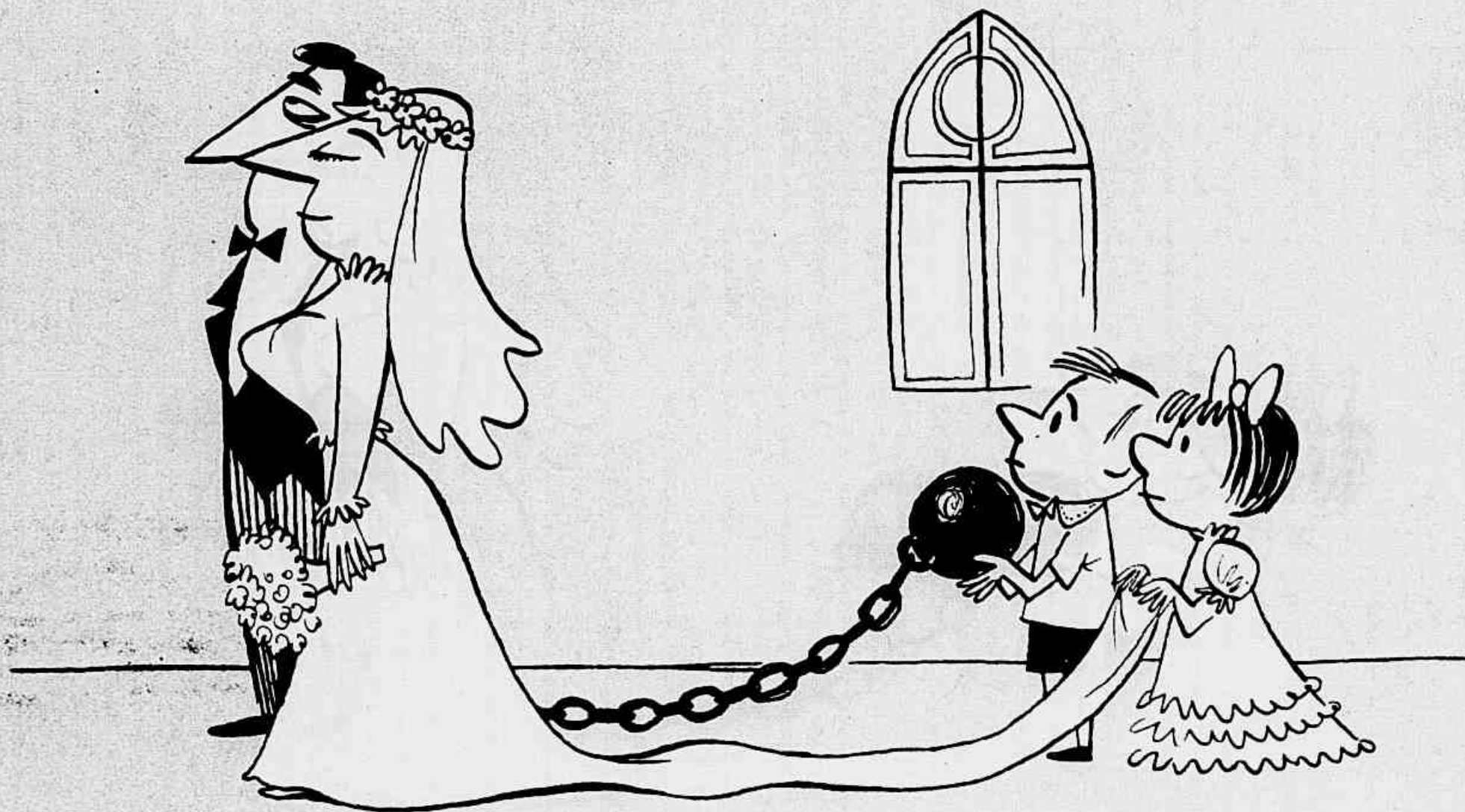
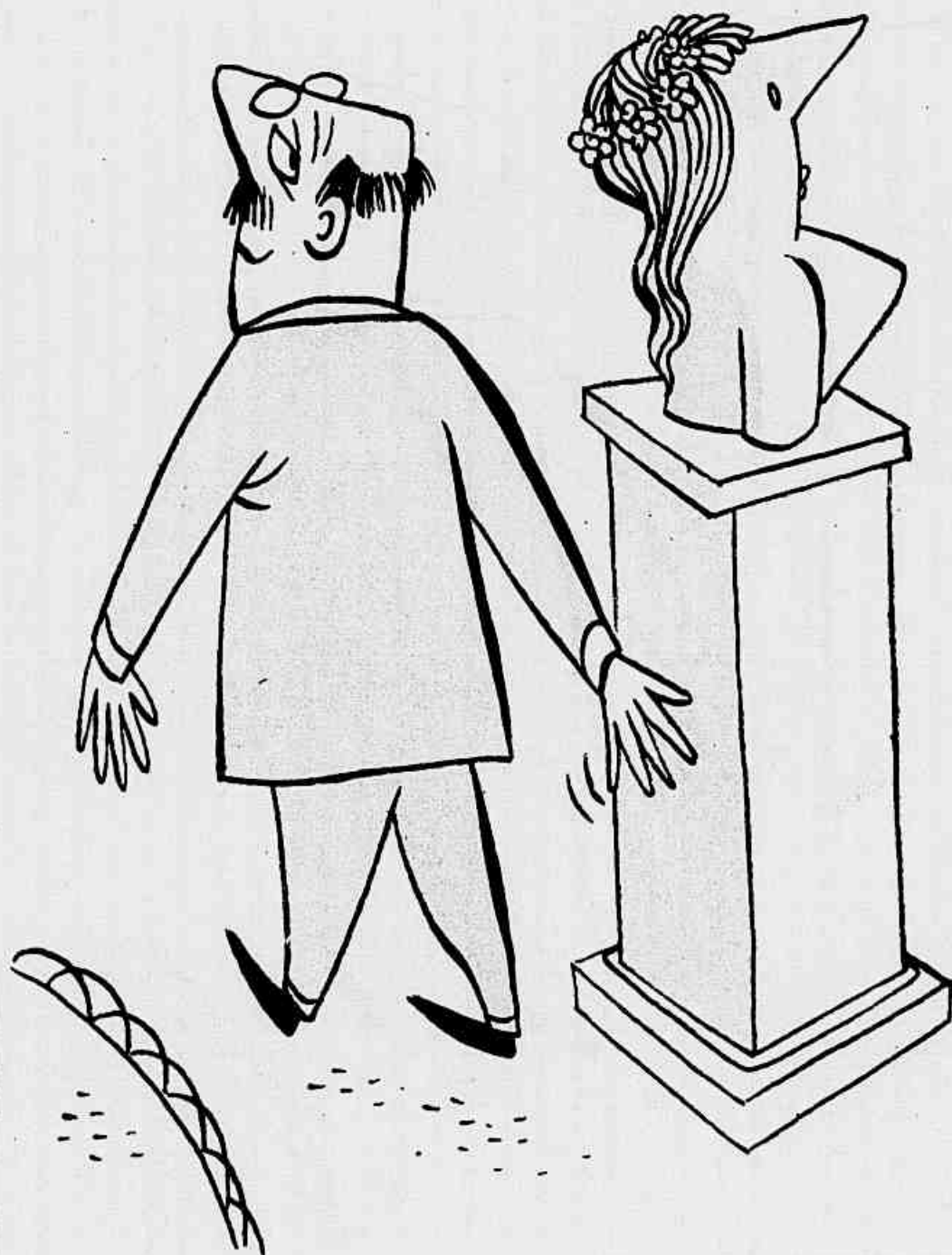
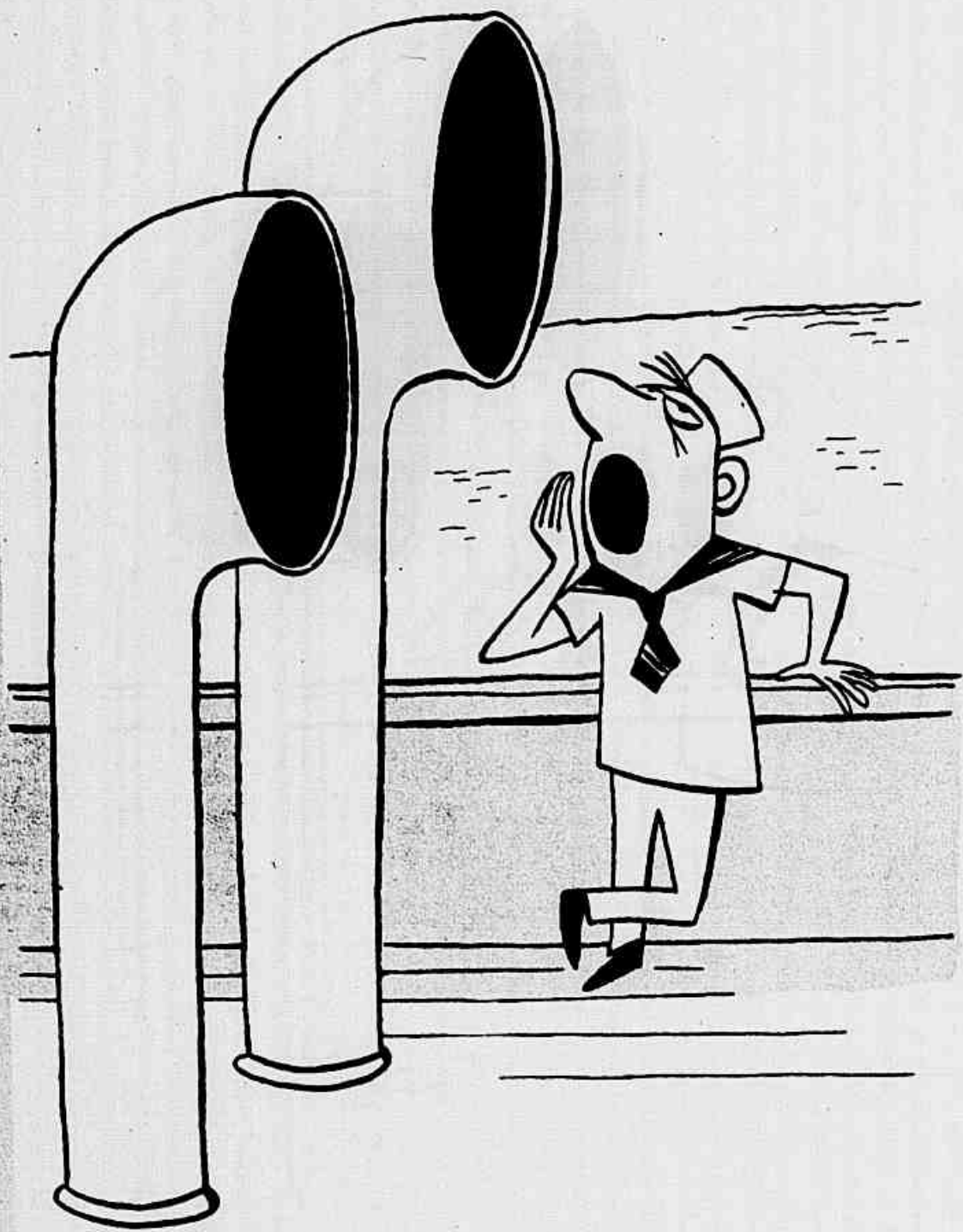
OS GRANDES DERROTADOS

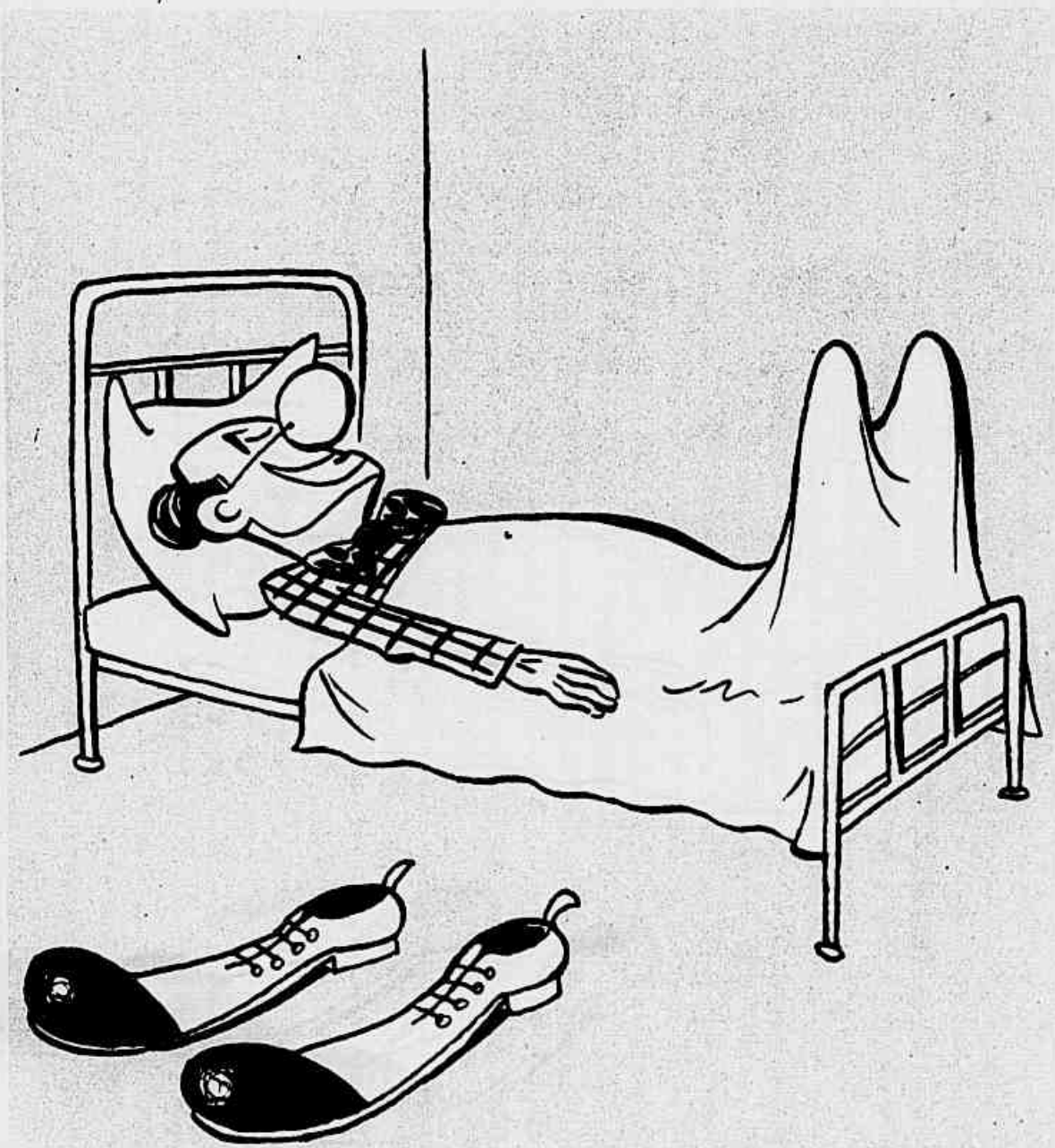
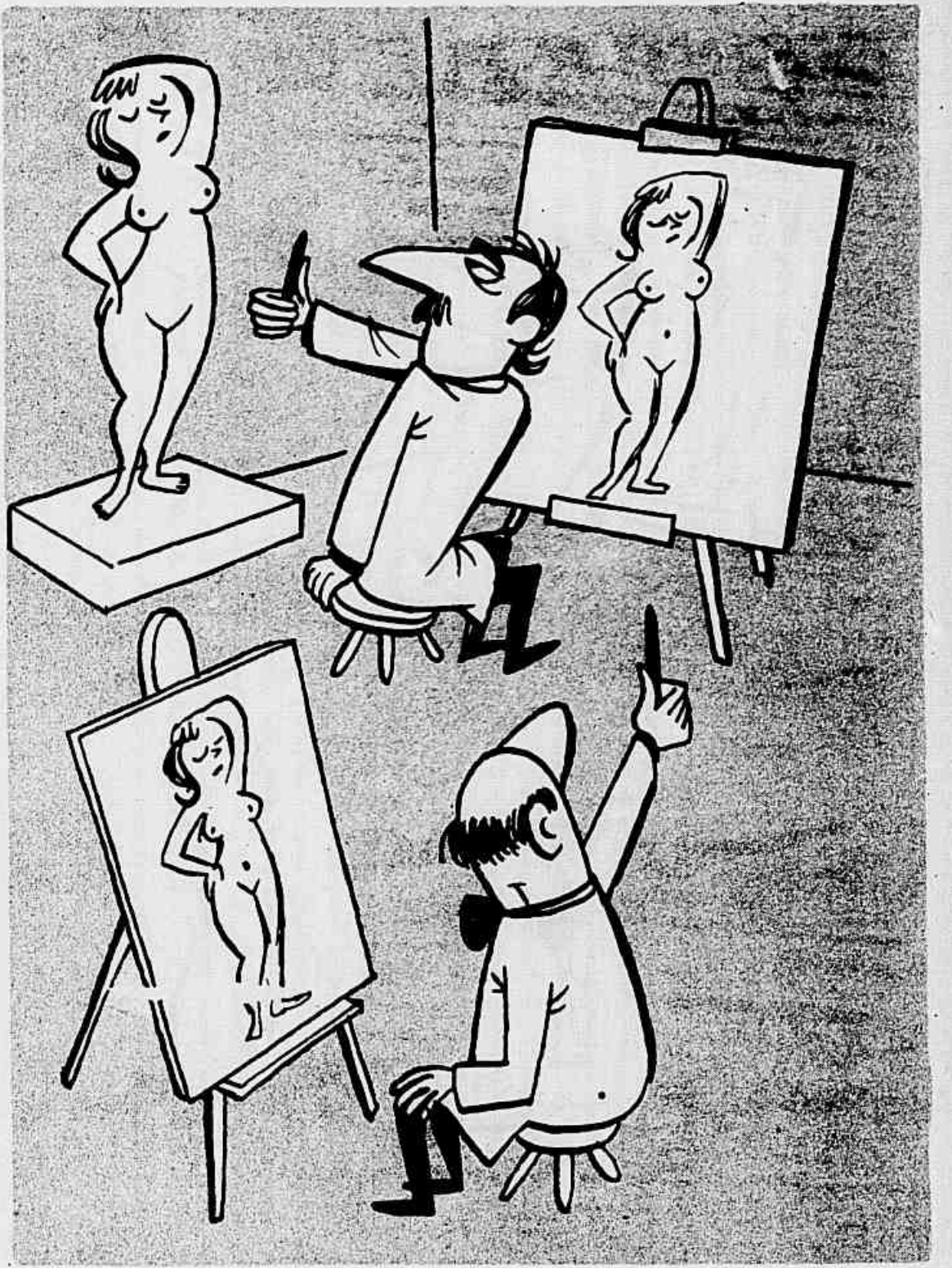


Prado Kelly e Eduardo Gomes foram os maiores visados (e os mais atingidos) pelo movimento de renovação da UDN. O Brigadeiro disse a amigos que vai agora dedicar-se exclusivamente à Aeronáutica. E o melífluo Prado Kelly, o que fará?

FORTUNA (com a palavra) **APRESENTA**

Sem Palavras







A MOÇA DA SEMANA

A notável caricata Consuelo Leandro, muito diferente dos traços grotescos com que se apresenta em nossos palcos. Consuelo também tem os documentos como védes e está fazendo a sua «rentrée» na revista «Rumo à Brasília».

CRÔNICA

MARCAÇÃO POR ZONA

♦ Leon Eliachar, inteligência balsâmica a serviço das nossas agruras cotidianas, está aliando a um humorismo sadio e premiado, qualidades até então irreveladas de crítico, de que vem dando provas sobejas no jornal em que, com brilhantismo, funciona, fazendo semanalmente uma «revista das revistas». Mister Eco teve a honra de ser distinguido com algumas observações do Leon Eliachar que, se merecedoras de todo respeito pelo seu espírito construtivo e partindo de quem parte — um profissional consciente — não estão isentas também das restrições. Teme o Leon — e isto é motivo de sincera lição para Mister Eco — pelo prestígio deste cronista de todos vós, «caso não abandone essa «marcação» ao sr. Carlos Machado». E acrescenta: «Admite-se (e isso é mais do que justo, é humano) que ele ataque «el rey de la noche», em virtude de um caso inteiramente pessoal; mas é preciso esperar a oportunidade para fazê-lo — e me parece que estas não faltam, quando se sabe encontrá-las. No caso de Mr. Eco, nota-se que todas as suas entrevistas «Pão, pão, queijo, queijo» giram em torno do sr. Carlos Machado, o que, diga-se de passagem, está ficando cacête». Assim disse o Leon. Em «primo loco», porém — como diria Pepeu de Vitu, célebre orador maragogipano — Mister Eco nunca teve caso pessoal com o sr. Carlos Machado, nem inteiramente, nem em parte. Se de «prestígio» desfruta este cronista, é o mesmo oriundo da independência com que sempre tratou o sr. Carlos Machado — e continua a tratar — jamais regateando aplausos aos seus brilhantes espetáculos, mas fustigando-o também, com ironia ou não, quando estão em pauta a sua notória condição humana e os condenáveis processos de que é useiro e vezeiro. Se um jornalista é demitido de suas funções por não se ter subornado nem ter trocado a sua opinião — certa ou errada, mas sua — pela dispensa do «couvert», da consumação ou por ter recusado o picadinho gracioso do sr. Carlos Machado, não se trata de um caso pessoal. O assunto passa a pertencer a toda a classe, essa mesma classe que o Leon tanto enobrece com o seu talento e o sr. Machado achincalha com uma coluna diária de auto-promoção. Nas entrevistas «pão, pão, queijo, queijo» desta «Noite Vadia», muitas vezes as perguntas são feitas sem qualquer alusão ao «coitado» do sr. Carlos Machado e, noutras, não há como evitar, pois se trata, afinal de contas do rei... Se os entrevistados lhe mencionam o nome — bem ou mal — as respostas são respeitadas «in totum» como manda a ética e como já aconteceu com o próprio Eliachar, quando prestigiou estas páginas com as suas respostas cheias de verve. Culpa não tem Mister Eco se o sr. Carlos Machado cataliza toda essa onda de simpatia das pessoas de inteligência que têm respondido ao «pão, pão, queijo, queijo»... Não há, pois, «marcação», pelo menos de homem para homem, como no futebol. No máximo, poder-se-ia admitir u'a «marcação por zona». Um confronto dos que se situam aquém e além das conveniências, das facilidades e dos favores que «el rey» matreiramente distribui. Sômente. Pode ser «cacête», mas é bem sintomático.

CONSUMAÇÃO MÍNIMA

Já em pauta um novo «show» para substituir o interminável «Rio... do Janeiro até quando mesmo?» na «bolita» Night and Day. «Script» de Mário Mota Guimarães baseado na história da Avenida Rio Branco ou na obra musical de Ari Barroso. Dois bons temas; como védes.

Uma nota curiosa foi distribuída à imprensa (mistéria paga) dizendo que as coisas na «bolita» Festa Não que é uma beleza. Embora nada tenha perturbado Mister Eco anotou devidamente.

A «bolita» do Hotel Plaza está sendo negociada, devendo reabrir brevemente com o nome de «Samba» e apresentando «shows» de montagem.

Existe uma predileção toda especial das moças que trabalham em teatros e bolitas pelas fotografias de toalha ou vindo do banheiro. Repara!

Cinquenta mil pesos foram oferecidos a Nayde Landi para estrear uma revista no Maypu de Buenos Aires. Essa moça está subindo a jato.

A «Noite Vadia» está sendo assaltada por diversas esquadrilhas de «avôes de caça». Chegam, não sentam, não gastam, mas lançam olhares «irresistíveis» para as senhoras quando não «atacam» de surpresa. Cuidado com eles!

A presença de Yul Brynner nestas plagas serviu para restaurar o prestígio dos carecas. Quem já era calvo mesmo em parte, passou a navegar no resto da safra e ilustres e respeitáveis «cocos» estão rebrilhando dentro da noite, com grande perigo de contusão para a «coroa» frágil...

Em maré de bom humor «Santana» (sempre), Arpego, Drink e «Mentirinhas» do Beco das Garritas.



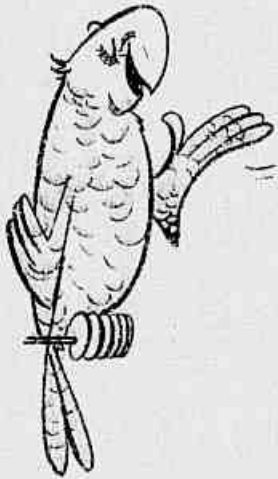
ROSINHA LORCAL
De toalha



HELENA AMARAL
Toalha também

A ARARA TOPOU

... as notícias de que mais duas «boites» serão abertas e com o propósito de apresentar «shows», acabando assim a euforia dos que se jactam de ter anulado a concorrência. Serão mais dois locais de trabalho para as colegas da bichinha notável — uma vedeta como sabeis — e mais dois pontos de atração na «Noite Vadia», que é grande e chega para todos, mesmo com a ganância desenfreada que nela campeia.



A ARARA CHUTOU

Criatura de bons princípios morais, a Arara ficou de queixo caído com a grosseiria, a deseducação e o falar obsceno de um senhor J. Maia, autor de revistas metido a galã, num ensaio de teatro na Praça Tiradentes, desrespeitando todas as moças presentes. E esses cavalheiros ainda ficam de nariz torcido quando, através palpitantes e verídicas reportagens, se lhes põem a calva à mostra. Vede vós!



NESTOR DE HOLANDA — Jornalista e revistógrafo — responde PÃO, PÃO, — QUEIJO, QUEIJO

"GOSTARIA DE TER ENTRADO NA "CURRA" DA IMPORTAÇÃO DE "CADILLACS" PARA DEPUTADOS OU NA PRORROGAÇÃO DOS MANDATOS"

Pão — É você mesmo o Pindaíba do «Shopping News» ou é o Brício de Abreu?

QUEIJO — Acho que nenhum dos dois. Pindaíba escreve bem. Eu escrevo pior do que o Carlos Machado e Brício de Abreu é «analfabetizado», como escreveria o beletista Max Gold.

Pão — E é mesmo certo que o Brício dá ziquizira?

QUEIJO — Mentira, Invenção do Carlos Machado. É verdade que ele esteve em Gramacho minutos antes da grande explosão e esteve em Niterói, no dia seguinte, quando houve a outra. Mas, foram apenas coincidências...

Pão — Segundo Everardo Guilhon, você é diplomado pela Academia de Vitória de Santo Antão. Confere?

QUEIJO — Este senhor que você fala é tão pouco instruído que nem sabe onde fica Vitória de Santo Antão, a gloriosa terra fundada por Diogo de Braga, cujo padroeiro é o saudoso santo copta e que está localizada às margens do garboso Tapacurá, próximo ao Morro das Taboas... O citado senhor pode consultar o Prof. Medeiros.

Pão — Se você fosse responder ao programa «O Céu é o Limite», que tema escolheria?

QUEIJO — A obra literária de Ibrahim Sued. Nada haveria para ser perguntado nem para ser respondido.

Pão — Essa careca o amolina?

QUEIJO — Passou a me amolinar depois que Yul Brynner deu para me imitar.

Pão — Iota Maia é o parceiro ideal para uma boa revista?

QUEIJO — Acho que sim, porque é muito discreto. Basta lembrar que não diz a ninguém que é ele quem escreve os programas de Max Nunes.

Pão — Em matéria de jornalismo, qual o acontecimento mais importante da última década?

QUEIJO — Um crítico de televisão que atende pela alcunha de Bernet ter escrito que não gostou de «Vestir os Nus», de Pittigrilli. A peça, como Mister Eco sabe, é de Pirandello...

Pão — É verdade que seu desporto predileto é soltar «pipas» na praia do Leblon?

QUEIJO — Não é desporto. É obrigação. Modéstia à parte, eu sou o pai do dono das «pipas».

Pão — Cite três chatos:

QUEIJO — Brício de Abreu, Briabre e um camarada que se dizia o jornalista Brício Filho, em Portugal, cujo nome não me lembro...

Pão — Três intelectuais de verdade:

QUEIJO — Brício de Abreu, Ribeiro Martins e Blecaute.

Pão — E três de «araque»?

QUEIJO — Jorge Amado, Rubem Braga e Henrique Pongetti (Essa troca é um erro de imprensa por antecipação).

Pão — Num concurso de robustez infantil, você votaria na Leny Eversong ou no Antônio Maria?

QUEIJO — No Heron Domingues.

Pão — Você aceitaria (essa pergunta é clássica) um convite para ir à lua??

QUEIJO — Não. Ficaria em casa, ouvindo o Ribeiro Martins irradiar a viagem.

Pão — Quando você vai a banquete, leva sanduíche?

QUEIJO — Não. Quando o banquete é no SAPS, como um que Brício de Abreu ofereceu aos cronistas de rádio, eu almoço depois.

Pão — Confidencialmente: Você já entrou em alguma «curra»?

QUEIJO — Gostaria de ter entrado na da importação de «cadillacs» para deputados ou na prorrogação dos mandatos. Mas não me deixam...

Pão — Cite três sovinas:

QUEIJO — Marilyn Monroe, Gina Lollobrigida e Maria Felix. Não me dão nada...

Pão — Para terminar, vamos abrir uma «boite»?

QUEIJO — Não, para que não me chamem de «rei da noite». «Rei da noite» é guarda noturno...



Elas cantam na noite vadia



MARA ABRANTES
no «Club 36»



LOLITA RIOS
no Texas-Bar



CARMÉN DÉA
no Bacará



MARIA HELENA
no Arpège



J
P

O MI
SIÇÃ
★ AT
SUNT
DUAS

Report

F
A
c
e
M
O
não se
situaç
espera
decepe
provas
ataque
na ob
que na
o nom
ponto
que n
mente
rado e
não te

9
i
o
n
s
o
E
l
e
o
C

PREPARA A CASSAÇÃO DO MANDATO DE CARLOS LACERDA

O MINISTRO DA FAZENDA NÃO FEZ A ANUNCIADA EXPOSIÇÃO SOBRE ASSUNTOS ECONÔMICOS E FINANCEIROS ★ ATITUDE CONDENÁVEL DO MINISTRO LEVANDO O ASSUNTO PARA O TERRENO PESSOAL ★ O SR. ALKMIM (EM DUAS HORAS E MEIA) PRONUNCIOU NOVENTA E SETE

VEZES O NOME DO SR. CARLOS LACERDA ★ IMPRESSÃO GERAL: ALKMIM NÃO FOI À CÂMARA DEFENDER OU ACUSAR, FOI APENAS CRIAR O CLIMA EMOCIONAL PARA DEGOLAR O LÍDER UDENISTA ★ RESPOSTA DE CARLOS LACERDA QUE DESMENTIU ALGUMAS AFIRMAÇÕES DE ALKMIM

Reportagem de MAURO BRAGA

Fotos de ALBERTO FERREIRA

FARTAMENTE anunciado o comparecimento do sr. José Maria Alkmim, a Câmara apanhou uma boa assistência. Todos queriam conhecer a exata situação econômica e financeira do país e a explicação da política seguida pelo governo. Mas a decepção foi geral. O Ministro da Fazenda (assessorado por 17 funcionários de seu Gabinete, que não se cansaram de lhe passar bilhetinhos e respostas), não tocou na situação econômica e financeira do país, furtou-se à exposição que todos esperavam e levou a questão para o terreno pessoal. É mesmo aí ainda decepcionou. Não podendo defender-se muito bem (em alguns casos as provas são muito convincentes), preferiu a agressão pura e simples, o ataque insólito e sem grandeza. Fugindo da exposição o sr. Alkmim caiu na obsessão. Sua preocupação com o deputado Carlos Lacerda era tal, que nas duas horas e meia em que usou da palavra, pronunciou 97 vezes o nome do líder da UDN. Mastigou, repisou, girou em torno do mesmo ponto, elevou a voz, mas não disse nada. Faltou com a verdade, disse que não conhecia o sr. Galdeano, mas logo depois, esquecido provavelmente, afirmou que tinha admiração por ele, por ser «um homem honrado e trabalhador». Gastou 18 minutos para explicar a razão de ainda não ter despachado (contra ou a favor) o processo que trata da impor-

tação do automóvel do sr. Carlos Lacerda. E mais não disse nem lhe foi perguntado. Mesmo por que (sabia-o muito bem o sr. Alkmim quando se ofereceu «espontaneamente» para ir à Câmara) o regimento não permitia. Mas vejamos («tim-tim por tim-tim»), o que ocorreu na Câmara dos Deputados, no dia 8 de abril, das 15 horas até às 18 e 45.

15,00 — Alkmim sobe à tribuna. Terno escuro, camisa branca, gravata branca e preta de bolinha, bem barbeado, a sua semelhança impressionante com o «amigo da onça», mais acentuada pela palidez. Leva uma pasta de tamanho razoável que coloca ao lado da tribuna. Quando vai começar a falar (apenas abriu a boca), já o sr. Carlos Lacerda, pede a palavra e levanta uma questão de ordem. Quer saber se o Ministro vai explicar a razão de ainda não ter respondido a mais de 15 pedidos de informações da Câmara, todos com prazos esgotados.

As 15 e 18 o Ministro começa a falar. Tranquilo, voz pausada e bem audível. Diz que os Ministros não são obrigados a responder a requerimentos de informações pedidos por deputados. Só quando votados pela Câmara. Informa que como seu comparecimento é espontâneo, não per-

MINISTRO ALKMIM

◆ Saiu-se muito mal na sua ida «espontânea» à Câmara. Em vez de rebater as acusações, preferiu agredir o deputado Carlos Lacerda. Não interessa saber se o Ministro foi injuriado ou caluniado. Se o foi, a Justiça está aí mesmo para condenar o culpado. O que o Ministro não podia fazer era levar o debate para o tom em que o levou. Nunca se viu no Parlamento brasileiro um Ministro usar das expressões usadas pelo sr. Alkmim. «Invasor de lares», «enlameador da honra dos homens públicos», «caluniador rotineiro» foram algumas das expressões do sr. Alkmim. Convenhamos que sua fala foi pouco ministerial. E nem se argumente que o Ministro estava ferido nos seus brios e por isso usou dessa linguagem. Que melhor resposta poderia ter dado o sr. Alkmim do que agir com elevação e serenidade e pulverizar as acusações? Ao contrário, deixando estas intactas e enveredando pelo terreno pessoal, o sr. Alkmim marcou de maneira desastrosa a sua ida à Câmara.



José Maria Alkmim na câmara...

mitirá apartes. E que no fim da exposição aceitará algumas perguntas, mas só (frisa por 3 vezes) sobre o assunto tratado. As 15 e 40 o Ministro ainda não justificou o seu comparecimento com uma só declaração importante.

As 15 e 45 o plenário se impacienta. O Ministro já está falando há muito tempo e ainda não disse nada.

Mais 10 minutos e o Ministro (com voz grave e séria) continua abusando da frase feita, embrulhando deficit com superavit, e explicando (a seu modo, é claro) as razões da inflação. Ao nosso lado, Sérgio Magalhães se impacienta e quer interromper o Ministro.

As 15 e 52 o Ministro continua jogando com dados que só ele conhece. Diz que «percentualmente o atual governo foi o que menos emitiu». E repisa: «aritméticamente emitiu menos que os outros». Alguns deputados riem.

As 15 e 55 outra afirmação risível: «é preciso financiar a produção sem incentivar o crédito».

As 16 horas é total o desinteresse pela conversa fiada do «nobre sr. Ministro». Batista Ramos (líder do PTB) cochila na primeira fila e às vezes acorda sobressaltado. Afonso Arinos cabeceia, defendido pelos óculos de grossas lentes. Vieira de Melo procura mostrar interesse e atenção. Mas vê-se que está longe.

As 16,07 Alkmim se queixa «que os acusadores não deixam os Ministros trabalhar». Nesse momento os deputados ingleses (que estavam no plenário), saem sem entender coisa alguma. Não pelo desconhecimento da língua, mas por razões mais facilmente compreensíveis.

As 16 e 10 o sr. Alkmim procura explicar a história confusa de um estelionatário de boa família, por quem o Ministro se interessou. Gasta 18 minutos e só consegue convencer o plenário das suas relações reais com o criminoso.

As 16 e 40 o Ministro toca na questão do uísque a meio dólar. Diz o que já dissera há 1 ano. Não conhecia Galdeano quando lhe alugou o apartamento, e agora só o conhece ainda superficialmente, mas tem admiração por ele, por ser «um homem honrado e trabalhador».

Na primeira fila à esquerda da mesa, está a claqué principal do Ministro: Ari Pitombo Talarico, Último de Carvalho, João Fico e Felix Valois. Não é um grupo. É uma quadrilha.

O Ministro se exalta. Ataca rudemente Carlos Lacerda. Chama-o de caluniador, «homem que invade lares e procura enlamear os homens públicos». Durante 24 minutos permanece no mesmo tom, esbravejando e sempre insolentemente atacando o líder da UDN. A Câmara se espanta. Nunca um Ministro usou tal linguagem.

As 17,04 Alkmim dá por encerrada a exposição. A sessão é suspensa por 10 minutos.

As 17 e 24 os trabalhos são reabertos. Com a palavra Carlos Lacerda, que chama Alkmim de «nobre sr. Ministro» e estranha que não tivesse recebido dele o tratamento regimental de «nobre sr. Deputado». Diz que ficou claro na fala do Ministro que seu interesse comparecendo à Câmara, «foi apenas de criar o clima emocional para a cassação de seu mandato». Afirma que reagirá. Promete (em virtude das limitações regimentais), uma resposta para o dia seguinte. Diz que a «espontaneidade» de Alkmim é apenas «uma fuga ao debate franco e leal». Desafia o Ministro a despachar (mesmo negativamente), o processo da importação de seu automóvel. Afirma que Alkmim entregou (para despacho), o processo do uísque a meio dólar, a uma autoridade cuja opinião (conhecida), coincide com o interesse dos contrabandistas. As 17,40 Lacerda termina o aparte. Em 16 minutos liquidou completamente o arrazoado do «nobre sr. Ministro».

18 horas. Volta a falar o sr. Alkmim. Gasta 14 preciosos minutos divagando sobre o automóvel do sr. Lacerda.

18,15. Cerdeira aparta-se para defender seu sócio Galdeano e diz com a maior tranquilidade «que é um homem de honra e de dignidade». E não sai disso apesar dos 8 minutos gastos.

18,23. Afonso Arinos aparta-se rapidamente, para explicar uma insinuação de Alkmim.

18,30. Aparte de Adauto Cardoso, respondido sub-replicitamente pelo Ministro. Adauto insiste. Alkmim muda de assunto.

18,32. Sérgio de Magalhães aparta-se, e fala sobre a alta do custo de vida e as medidas erradas (a seu ver) tomadas pelo governo. Pede medidas contra a inflação e diz que uma das mais importantes, «é o controle das emissões pelo Congresso. Emissão só com autorização do Legislativo».

As 18,45 é encerrada a sessão. Os deputados e o público vão saindo. Alkmim deixou impressão penosa. Em quase todos a certeza de que ele compareceu a Câmara, única e exclusivamente para atacar o sr. Carlos Lacerda e preparar o clima emocional para a degola de seu mandato. Não se defendeu, e deixou todas as acusações de pé.

Que pensará disso o sr. Juscelino Kubitschek? Já terá meditado sobre a questão e os prejuízos que advirão para ele, única e exclusivamente para ele? Quererá o Presidente jogar o seu mandato (legitimamente conquistado) numa aventura maquiada pelos vieiras, pelos pitombos, pelos talaricos e pelos ivosdaquinos?

Será que o Presidente acredita que meia dúzia de generais em idade provecta (e à beira da aposentadoria) tem mesmo autoridade para falar em nome do Exército? Mais do que uma aventura ou um ato de violência, a cassação do mandato do sr. Carlos Lacerda é um suicídio. E ninguém com menos vocação de suicida, que o atual Presidente da República.



CARLOS LACERDA

◆ Respondendo na hora ao Ministro da Fazenda, o sr. Lacerda o fez com serenidade. Lamentou que o Ministro lhe tivesse recusado o tratamento regimental de «nobre senhor deputado». Enérgicamente (mas sem descer à linguagem insultuosa) verberou a agressão que estava sofrendo por parte do Ministro. Tratou ligeiramente de outros assuntos também abordados pelo Ministro. No dia seguinte, desmontou item por item, as acusações levantadas pelo Ministro. Leu uma carta do sr. Fernando Veloso invalidando afirmações de Alkmim. (No mesmo dia, na sua coluna, João Duarte, filho, acabou de liquidar a outra parte da afirmação do sr. Ministro). Voltou a atacar Galdeano, que ninguém tem dúvida que é um dos mais notórios e ilustres contrabandistas desta praça, e explicou a ida do diretor de publicidade da Tribuna de Imprensa ao Gabinete do Ministro, outra afirmação tendenciosa do sr. Ministro. Lacerda levou nítida vantagem e esperemos que o sr. Ministro compareça à Câmara (outra vez espontaneamente) para se sair melhor. Desta vez (indiscutivelmente) a vantagem foi do sr. Carlos Lacerda.

nsa

da,
esse
que
ma-
an-
en-
de
stro
seu
o do
oin-
a o
e sr.

diva-

com
E

nua-

pelo

o de
me-
trôle
ivo.

indo.
e ele
arios
Não

sobre
nente
con-
pelos

idade
falar
ência,
guém
a.

e.
or
to
m
n-
le
ra
da
do
a-
sr.
ta



HELIO FERNANDES apresenta

FATOS E RUMORES

● Nesse caso da chamada "traição do sr. Carlos Lacerda", é preciso explicar a opinião pública, que:

Não há nenhum código, no mundo todo, que resista a duas horas de trabalho de um bom criptógrafo.

As forças armadas não estão inquietas nem revoltadas, pois nem sequer foram atingidas. Os códigos militares são inteiramente separados e independentes dos códigos do Itamarati. As autoridades militares se correspondem (daqui e para aqui), sem a menor interferência ou conhecimento do Ministério das Relações Exteriores.

Não há traição à Pátria em tempo de paz.

A segurança do Brasil não foi atingida ou ameaçada, e aí dela se estivesse a mercê de códigos obsoletos e facilmente decifráveis.

A diferença entre imunidade e inviolabilidade se aprende nos bancos escolares. O sr. Ivo D'Aquino, numa idade provecta e que a experiência devia tornar respeitável, exagerou na sua subserviência. Ultrapassou a sua própria rotina.

A mudança de códigos não pode custar 15 milhões de cruzeiros, como o governo deixou entrever com a sua mensagem. Basta um telegrama: "abandone o código X e passe a usar o código Y" e não haverá complicações.

● Rumores fortes sobre a substituição do Chefe de Polícia. O substituto seria o Coronel Humberto Melo apontado como pertencente ao grupo Denys. O Coronel Melo é tido como um dos elementos mais vermelhos do Exército.

● José Olímpio vai publicar as poesias completas, de Cassiano Ricardo. Estão incluídos: Dentro da Noite; A Fruta de Pã; Vamos Caçar Papagaios; Deixa Estar, Jacaré; Martin Cererê; O Sangue das Horas; Um dia depois do Outro; A Face Perdida; Eu no Barco de Ulisses e O Arranha-Céu de Vidro.

● Na última quarta-feira (dia 10) não houve espetáculo no TBC. Motivo: foram vendidas apenas 4 entradas. Peça em cartaz: Leonor de Mendonça.

● Embora rumores fortes indiquem possibilidade de reforma ministerial, podemos informar com segurança que o Presidente Juscelino não cogita disso, por enquanto. Nem a mudança do sr. Maurício de Medeiros pelo sr. Erlindo Salzano (já quase assentada), se efetuará no momento.

● Apesar dos serviços que está tentando prestar ao governo, são poucas as possibilidades do gen. Zenóbio escapar da compulsória que o atingirá no dia 9 de maio. Nem o Presidente Juscelino nem o gen. Lott (por motivos opostos mas coincidentes), vêem com bons olhos a sua continuação no serviço ativo.

● Depois de 5 anos, Gilson Campos deixou o "Diário Carioca". Está agora na sub-secretaria do "Diário de Notícias". Bom profissional, correto, repórter (escreve e fotografa) de categoria, e com excelente "faro".

● Se o governo conseguir o seu objetivo em relação ao sr. Carlos Lacerda (cassação do mandato ou licença para processo), a oposição já resolveu o que fazer. Abandonará em massa a Câmara e o Senado (licenciamento de Deputados e Senadores sem convocação dos respectivos suplentes), e deixará a maioria com toda a responsabilidade legislativa.

● Rumores os mais alarmantes circulando pelos meios políti-

cos e militares. Vejamos alguns deles, com as devidas e compreensíveis reservas; decretação do estado de sítio, aproveitando a greve dos transportes, que estaria sendo insuflada e estimulada por gente do governo; apreensão da revista Maquis; licença para processar o sr. Carlos Lacerda debaixo de pressão militar; mesma pressão sobre o judiciário para condenar o líder udenista e impedi-lo de se candidatar nas próximas eleições; novas e agitadas reuniões militares, com participação ativa de Zenóbio, Denys e Brainer. O último estaria agindo em estreita ligação com Nereu, de quem foi Chefe da Casa Militar; o sr. Juscelino fecharia o Congresso por um ano e meio (até a época das próximas eleições) e faria, com a responsabilidade exclusiva do Executivo as reformas que estariam sendo exigidas; e finalmente, criação de um "slogan" ("com essa Constituição o país não pode progredir") que seria popularizado rapidamente e levado às suas últimas consequências.

● Circulam pela Câmara mais de vinte cheques assinados pelo sr. Castilho Cabral. Representam o pagamento das apostas que o deputado paulista perdeu no sr. Prestes Maia. Pela primeira vez o sr. Castilho é derrotado em apostas políticas.

● Continua o abuso dos cinemas, verdadeiro roubo. "Superscope" que não é "superscope", "vistavision" que não é "vistavision", "cinemascope" que não é "cinemascope", tudo serve para arrancar do público os 18 cruzeiros. O Coronel Mindelo, presidente da Cofap, já foi advertido sobre essa chantagem dos donos de cinema. Considerou que tudo não passa de exploração da imprensa e não tomou providências.

● Em grande atividade o sr. Artur Bernardes, agindo principalmente na questão da cassação do mandato do sr. Carlos Lacerda. O senador mineiro tem aconselhado prudência nesse assunto e considera a degola do líder da UDN não só uma verdadeira loucura como um crime contra o regime. Nesse sentido conversou com Tancredo Neves, Ulisses Guimarães, Edilberto Ribeiro de Castro, José Cândido Ferraz e com o próprio Presidente da República.

● O sr. Antônio Sanches Galdeano (hoje um homem famoso), tem um iate suntuoso, o "D. Quixote", que normalmente (por ser muito veloz), é emprestado a Alfândega para perseguir contrabandistas. Caso típico de falta de solidariedade de classe.

● Carlos Machado, numa reunião com Orlando Macedo e Arnon de Mello (incorporadores da cidade Copacabana) acertou os detalhes para a criação da futura "Copa City". Bar, Cinema, teatro, "boites" (3), restaurantes e outras diversões, serão dirigidos diretamente pelo famoso "el Rey de la noche." Não há dúvida que Orlando Macedo e Arnon de Mello acertaram na escolha.

Sentados comodamente (e com aparência de colégios), estão os donos da UDN. Virgílio Távora, a fera do Ceará; José Cândido de Oliveira, o maquiavel do Piauí; Rui Santos, o mais antigo, constante e fiel amigo de Juraci Magalhães e João Agripino, homem com fama de sanguinário mas com coração de pomba róla e que é uma das maiores figuras da política brasileira. Se Edilberto Ribeiro de Castro estivesse presente, eles completariam a confraria dos «realistas» que tão pesada demora infligiu ao grupo dos «bacharéis pedantes». São os manipuladores (e responsáveis) da política da UDN. Política, que no dizer de alguns, foi levada ao «latere» com armas ou com votos.



com-
eitan-
e esti-
aquis;
essão
o líder
ações;
va de
estreia
o sr.
época
exclu-
das; e
ção o
mente

s pelo
as que
imeira

Super-
"vista-
serve
andelo,
ge dos
explora-

princi-
Carlos
i nesse
na ver-
sentido
ilberto
io Pre-

moso),
te (por
uir con-
asse.

cedo e
a) acer-
Bar, Ci-
s, serçã
e." Não
ram na

30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

ÚLTIMO FLASH



★ Não, não é uma enchente do rio Amazonas, nem nada parecido. Vejam bem a torre do Mesbla e compreendam. É a rua do Passeio (e adjacências) depois de uma simples chuva (não foi temporal) que durou algumas horas. O que se vê na foto de Alberto Ferreira, é uma visão que se repetiu em vários pontos da outrora cidade maravilhosa. Enchentes, boeiros entupidos, lama por todos os lados, e a correspondente falta de providências por parte das chamadas autoridades responsáveis. Tem razão o Presidente Juscelino: Brasília é uma necessidade. Isto aqui não melhorará. Mas pelo menos haverá menos gente para assistir a espetáculos como este, e sofrer o descaso dos «poderes competentes».

A FIGURA EM FOCO



CRAVEIRO LOPES

Quando o Craveiro chegar,
muito cuidado, senhores:
calem-se as línguas verinas,
digam-lhe loas, louvores...

-na trilha de Rondon...



**HA 50
ANOS**

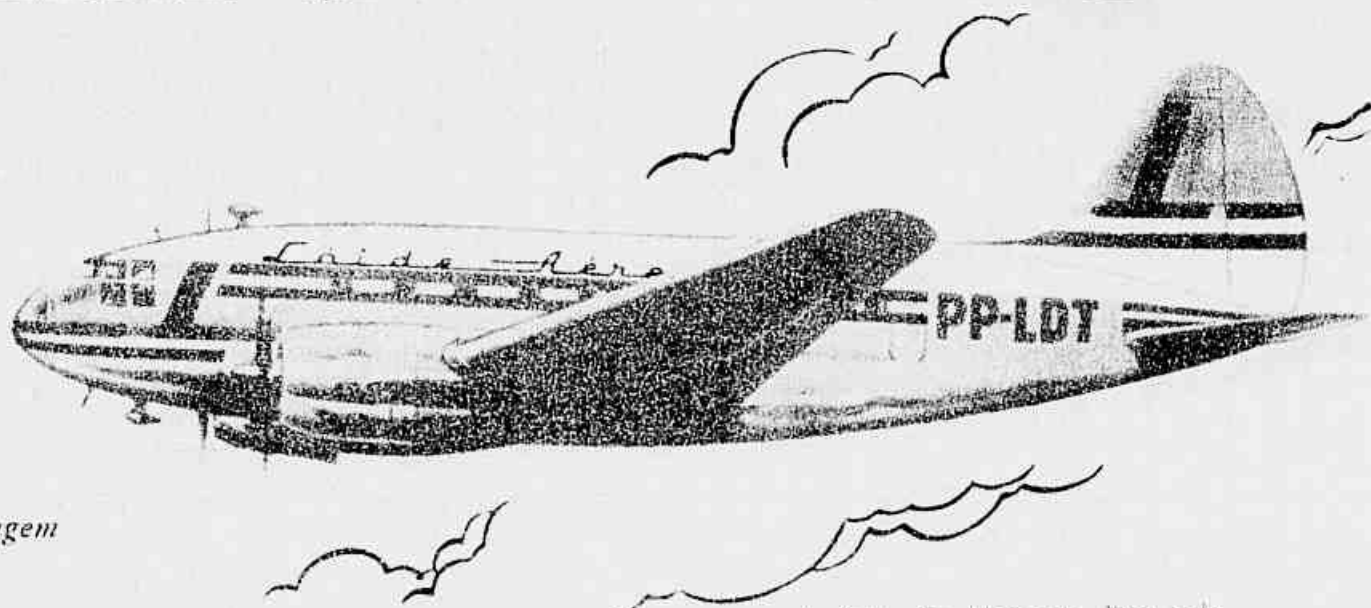
... o Major Cândido Rondon partia de Cuiabá, rumo ao desconhecido, para estender a primeira linha telegráfica no longínquo Noroeste; o êxito coroou a empresa mas para isso foram necessárias três expedições e três anos de sofrimentos e sacrifícios. Há 50 anos, esse velho território do Guaporé era apenas a floresta indômita...

... 50 anos depois, um posante avião atravessa em poucas horas a Rondônia, agora próspera e conhecida. O pássaro metálico no céu dos trópicos é a civilização em marcha, graças ao esforço dos pioneiros que desbravaram os grandes sertões do Noroeste.

HOJE

Comemorando o cinquentenário da expedição Rondon, que ligaria Cuiabá no Mato Grosso remoto com o lendário Rio Madeira, o Lóide Aéreo inaugura uma nova linha, a Reta do Noroeste que sobrevoa o território onde Rondon e seus companheiros escreveram a gloriosa epopéia.

Ao Marechal Cândido Rondon, esta homenagem de respeito e reconhecimento do



A Reta do Noroeste liga pela primeira vez Porto Velho, capital da Rondônia, a Cuiabá, Uberlândia e Rio de Janeiro, no mesmo dia.



Lóide Aéreo